UTOPIA
utopia
6/1997

Insurrectos albaneses. Março de 1997.

UTOPIA

REVISTA ANARQUISTA DE CULTURA E INTERVENÇÃO

6

Outono-Inverno 1997

800$

DIRECTOR
J. M. Carvalho Ferreira

COLECTIVO EDITORIAL
Carlos Nuno, Guadalupe Subtil, J.M. Carvalho Ferreira, José Luís Félix, José Tavares, Rui Vaz de Carvalho.

COLABORADORES
Alberto Hernando, Alberto Pimenta, Alfredo Gaspar, Armando Veiga, Arno Gruen, Attila Toukkour, Carlos Diaz, Edgar Rodrigues, Edson Passetti, Eduardo Colombo, Francisco Madrid, Herculano Lapa, Jaime Cubero, Júlio Henriques, Luís Chambel, Mari Oly Pey, Maria Pereira, Miguel Serras Pereira, Quin Sirera, Roberto Freire, Torcato Sepúlveda.

ARRANJO GRÁFICO
Confronto · Apartado 460 · 4400 V.N.Gaia

PROPRIEDADE
Associação Cultural A Vida

Publicação semestral registada no Ministério da Justiça com o nº118 640

IMPRESSÃO
Gráfica 2000 · Cruz Quebrada

REDACÇÃO E ASSINATURAS
Apartado 2537 · 1113 LISBOA Codex · Portugal

INTERNET
http://www.geocities.com/Athens/8336

CAPA
José Tavares

SUMÁRIO

Editorial

Vivemos uma época submersa pelo espectáculo mercantil, ao mesmo tempo que os factos, os acontecimentos banais, as ideias, e a vida em geral nos indiciam um presente vazio de sentido e um futuro tendencialmente catastrófico. Tudo isto, diz-se modernamente, devido à globalização. O sistema capitalista não só generaliza a lei do mercado, da mercadoria e do trabalho assalariado à escala mundial, mas também o seu modelo político-militar. Através da NATO, da ONU, do FMI ou das multinacionais, os tentáculos da dominação e do controle capitalista à escala mundial tornou-se um imperativo básico para a classe dirigente.

Desse modo, não admira que os senhores que actualmente dominam e dirigem os destinos do mundo se permitam intervir militarmente em qualquer região do globo, que organizem cimeiras e reuniões internacionais afim de instaurar a paz, combater a fome e a miséria na África, no Sudoeste Asiático, na Europa do Leste e na América Latina, eliminar calamidades naturais, ao mesmo tempo que fazem planos de luta contra o desemprego, a pobreza, a exclusão social, a toxidependência e a sida no ocidente civilizado.

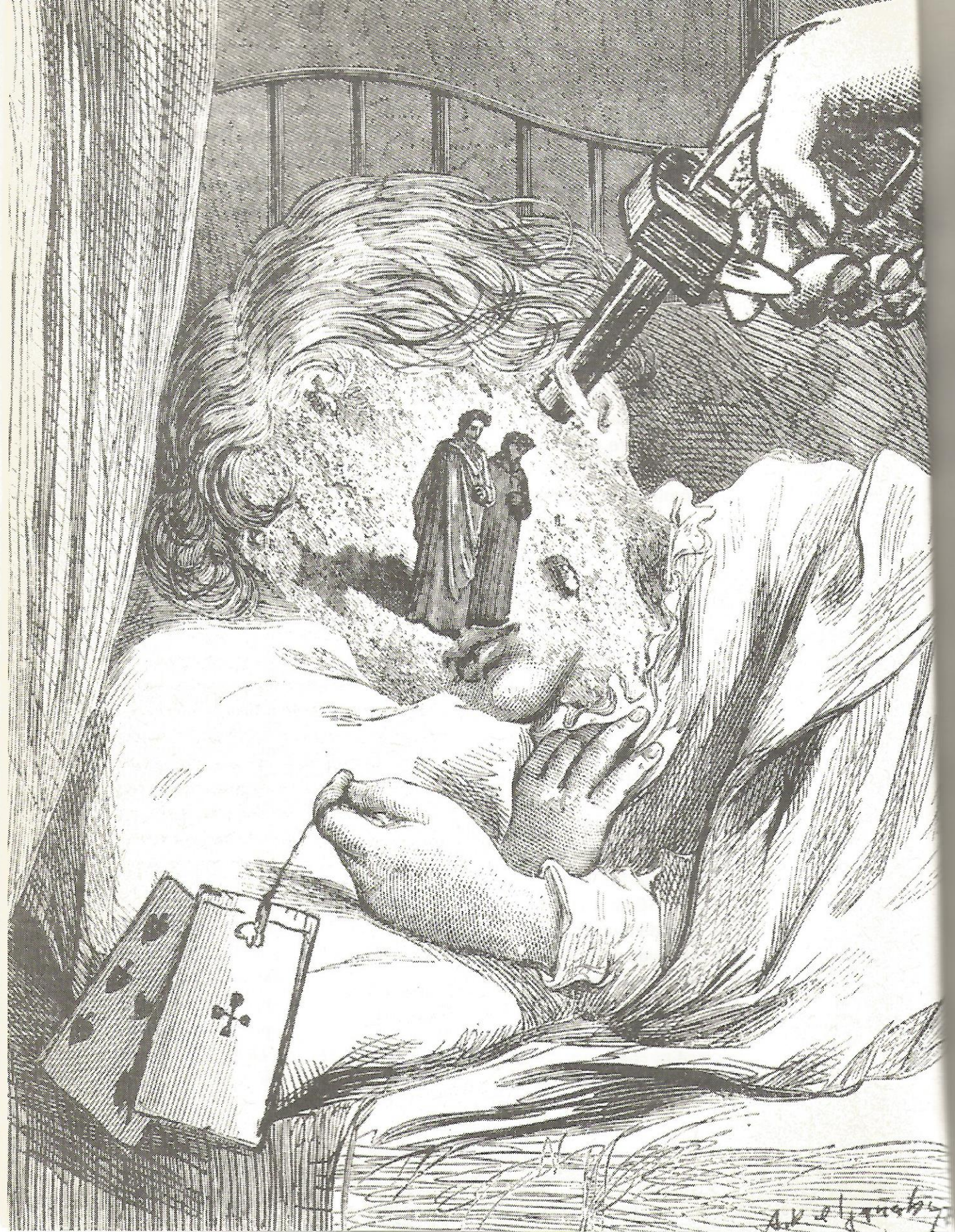
Parece paradoxal mas não é. Quando governam e decidem dos destinos dos indivíduos e dos povos que compõem o nosso planeta,

parecem que são exteriores à racionalidade de um sistema que oprime, explora, mata e destrói o espaço-tempo da liberdade, da solidariedade e da fraternidade. Não são exteriores à realidade que criaram, mas os principais fautores. Se há desemprego, se o trabalho assalariado explora e aliena, se existem milhares de milhões de deserdados e excluídos sociais, se a guerra e a destruição da natureza não páram, é porque os senhores que dominam e governam assim o querem. Com as novas tecnologias pensam que através da informação, da energia e do conhecimento difundido podem desenvolver uma só cultura, os mesmos valores, uma mesma ética e uma mesma moral.

Na verdade, esta tendência de racionalidade universal do capitalismo pretende ser hegemónica. Todos os vestígios étnicos, comunitários e culturais que não se identifiquem com o primado da hegemonia do mercado, da competição, da concorrência e da civilização do cimento, do ferro e do vidro serão dizimados. A resistência universal dos deserdados e dos oprimidos contra os senhores do mundo é nestes domínios que tem que ser desenvolvida.

No quadro genérico destes problemas, a análise de Francisco Madrid dá-nos uma visão lúcida e interessante de como a técnica se pode transformar numa realidade negativa, ainda que decalcada mecanicamente do mito do progresso e da razão. A técnica não é neutral. Antes de mais é um produto sócio-histórico. Inscrita primacialmente no contexto da relação social de produção e do trabalho assalariado que produz e reproduz o capitalismo, ela é um meio essencial para a sua sustentabilidade histórica.

O acampamento libertário realizado recentemente em Izeda, sob auspícios da Associação Cultural A Vida, de outros companheiros e grupos, foi sem dúvida uma manifestação de vitalidade do anarquismo na região portuguesa. Muito há a fazer e muito há a aprender neste domínio. Espera-se agora por uma próxima oportunidade. Assim e doutro modo podemos dar uma certa plasticidade social às ideias e práticas que defendemos.

Com a entrevista de Luce Fabbri quisemos dar a conhecer uma grande mulher que tem passado a sua vida a pugnar pelo ideal acrata. Aprendeu a lutar pela anarquia ainda jovem junto de seu pai Luigi Fabbri e de Errico Malatesta. Mais tarde, com a chegada de Mussolini ao poder, foi obrigada a seguir para o exílio, radicando-se no Uruguai. Desde então a sua luta não parou. Ainda hoje, já muito perto dos 90 anos, edita com outros companheiros a revista *Opción Libertaria* e pugna pela emancipação social.

A Função Social da Técnica

FRANCISCO MADRID

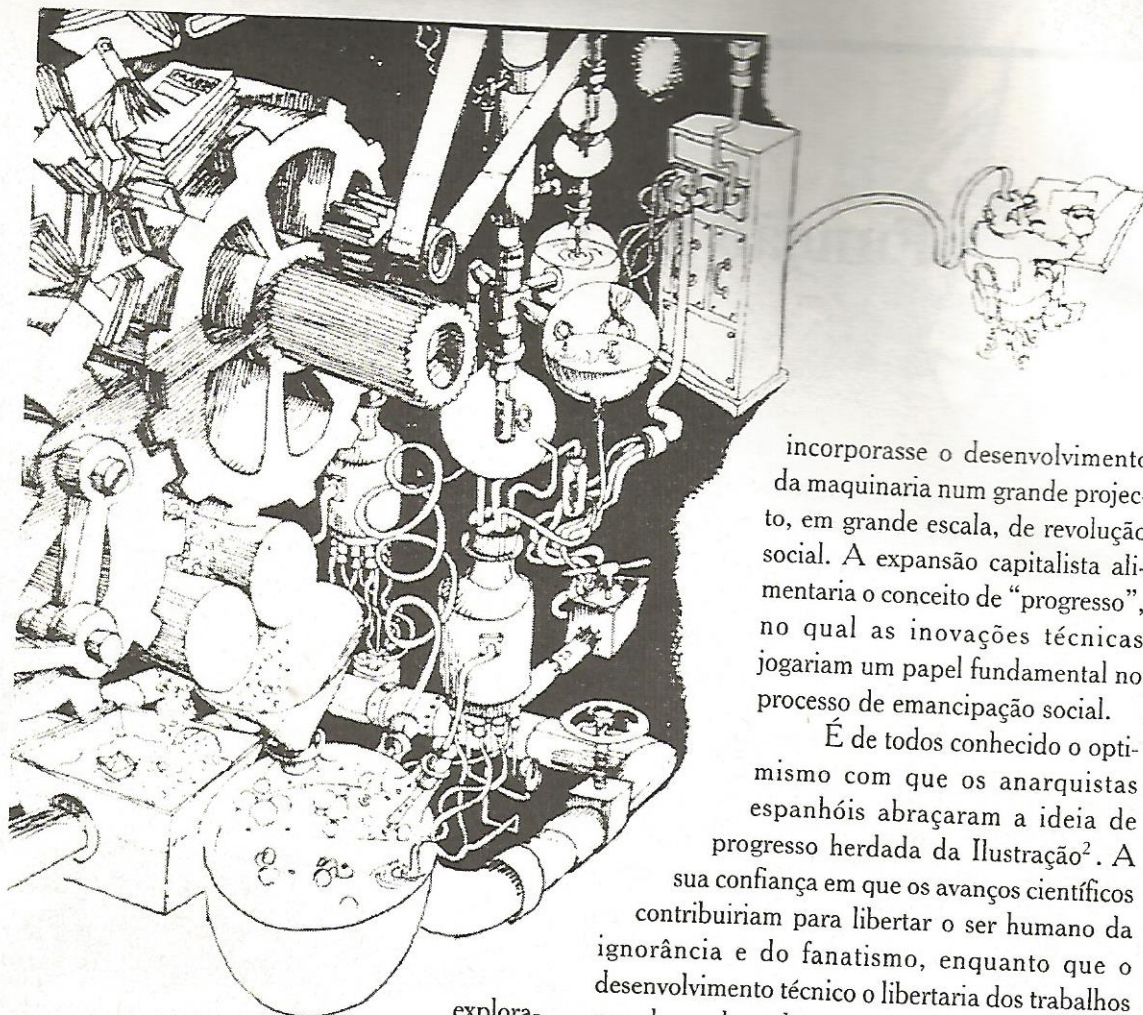
Até agora, um dos pilares básicos sobre os quais assentava o processo de dominação eram as crenças religiosas, principalmente as difundidas pelas religiões monoteístas, com as suas doutrinas de ressurreição e esperança na vida eterna, por hipótese, melhor que esta depois da morte. Perante o eminente cair em descrédito destas superstições sem nenhum tipo de fundamento científico, crê-se na obrigação de preparar o terreno para a sua substituição por outros mais atractivos, baseados em teorias científicas perfeitamente demonstráveis mas que, não obstante, conservam basicamente os postulados das religiões mais importantes na actualidade: o cristianismo e o islamismo.

O discurso sobre a técnica[1] e o impacto que têm os novos avanços tecnológicos na sociedade em que se impõem, provocaram em muitas ocasiões debates e discussões que constantemente se reactualizam, especialmente quando a implantação de algumas destas inovações gera uma transformação apreciável na forma como as componentes da dita sociedade se relacionam.

Ao fazer este debate a partir do ponto de vista da emancipação social, da libertação do ser humano, as posições, regra geral, reduzem-se fundamentalmente a duas, coincidindo com a valorização positiva ou negativa que se adopte em relação à função social da técnica.

A investigação antropológica fez conhecer que em algumas culturas houve resistência à implantação de determinadas técnicas, concluindo-se, geralmente, que isto obedecia a razões político-sociais, já que se supunha que a sua adopção motivaria uma transformação social importante à qual a classe ou casta dirigente não se mostrava disposta.

Nos princípios do moderno sistema de

[1] Ciência, técnica e tecnologia são três conceitos, que associados à sua função social, manejarei neste artigo. Uma definição dos mesmos, mesmo que breve, exigiria um estudo adicional. Limitar-me-ei, pois, a que a sua compreensão decorra, na medida do possível, do próprio ensaio. Contudo, remeto ao leitor interessado para o nº 5 da revista **Etcétera**, de Barcelona (Fevereiro de 1985), dedicada à "Tecnologia e sociedade". Na introdução concluía-se: "*Ciência pura, ciência aplicada, técnica e tecnologia são assim modalidades de um processo único de desenvolvimento do saber humano dominado pelos imperativos do capital. Deste modo, a Ciência torna-se consciência do capital e é o desenvolvimento deste o que materializa aquela.*" (pag.3). Pode dizer-se que este é o marco a que circunscrevo o meu artigo.

exploração, a primeira reacção do trabalhador face à máquina foi de recusa (movimento conhecido como "luddita", Inglaterra, 1815). A destruição de máquinas por parte dos primeiros trabalhadores que se confrontaram com o problema que estas lhes traçavam – aumento de paragens e, por conseguinte, da miséria – tinha uma clara componente de competitividade a favor daquelas, que os operários percebiam em toda a sua dimensão.

A integração e superação desta luta, teria que repousar necessariamente num discurso que incorporasse o desenvolvimento da maquinaria num grande projecto, em grande escala, de revolução social. A expansão capitalista alimentaria o conceito de "progresso", no qual as inovações técnicas jogariam um papel fundamental no processo de emancipação social.

É de todos conhecido o optimismo com que os anarquistas espanhóis abraçaram a ideia de progresso herdada da Ilustração[2]. A sua confiança em que os avanços científicos contribuiriam para libertar o ser humano da ignorância e do fanatismo, enquanto que o desenvolvimento técnico o libertaria dos trabalhos pesados e degradantes para se poder dedicar a actividades mais gratificantes, foi um dos motores básicos da sua ideologia.

Contudo, o erro desta crença ilimitada no progresso científico e técnico, como suporte da libertação do ser humano, não provém apenas da falsidade das premissas[3], mas inscreve-se também na própria necessidade do discurso. Os anarquistas espanhóis não tiveram em conta que uma concepção linear da história – comum a muitas ideologias – tropeça em obstáculos intransponíveis que acabam por esterilizar as ideias mais brilhantes.

---

[2] Veja-se, a este respeito, o brilhante estudo de Álvarez Junco, *La ideologia política del anarquismo español (1868-1910), Madrid, 1991*, especialmente os capítulos 3º e 4º.

[3] Como veremos, nada demonstra seriamente que os avanços tecnológicos podem ser úteis à libertação humana. Do mesmo modo, ninguém, no seu juízo pleno, poderia afirmar que o estancamento deste avanço a propiciaria.

Um dos inventos mais transcendentais para os anarquistas, no difícil trajecto da transformação social revolucionária, foi a imprensa. Anselmo Lorenzo classificava de obscuros os tempos anteriores à sua invenção: "*Tudo era ignorância, superstição, imoralidade*". Até que o seu aparecimento mudou radicalmente as coisas: "*A imprensa é o ponto de apoio que Arquimedes procurava, o compositor da poderosa alavanca que há-de alterar o mundo...*"[4] No mesmo sentido se expressava *El Revolucionario* – periódico anarco-comunista que se publicava na vila Gracia, hoje um bairro de Barcelona – ao defini-la como "*verdadeira alavanca de Arquimedes para o aperfeiçoamento humano.*"[5]

Evidentemente, era lógico este entusiasmo pela imprensa. Graças a ela a propaganda anarquista alcançou uma dimensão que, de outro modo, teria sido impossível e conseguiu chegar aos recantos mais afastados da geografia espanhola.[6]

Mas não é por isso que deixa de ser um erro atribuir a determinados mecanismos técnicos qualidades que em si não possuem. Erro compreensível, é certo, mas são essas indicações que nos deveriam fazer pensar, já que actualmente se cometem esses mesmos erros compreensíveis que deveriam ser corrigidos constantemente.

Em épocas anteriores à invenção da imprensa, a transmissão de informação – propaganda – também se realizava, é verdade que por meios mais rudimentares, mas não menos eficazes e com referência a determinadas ideologias (como o cristianismo) e, reconheça-se, com grande êxito. Poder-se-ia argumentar que a imprensa possibilitou uma maior rapidez na transmissão de informação revolucionária, mas essa mesma rapidez poderia ser utilizada para o impedir. Actualmente a imprensa melhorou muito as suas técnicas e isso não provocou uma maior consciência social. Uma ingénua confiança na capacidade das pessoas para aceitar certos ecos relativamente à realidade social e uma crença vã em verdades absolutas que seriam capazes, por si só, de derrubar estrondosamente o edifício social com enganos e mentiras, contribuiu para manter o erro[7]. Mas, mais grave, foi a aceitação tácita de que tanto a ciência como a técnica são neutras e podem ser utilizadas perfeitamente com objectivos de emancipação social.[8]

Hoje assistimos a um optimismo parecido mas com um mecanismo distinto. A crescente informatização da sociedade ocidental despertou o entusiasmo de alguns, até ao ponto de se afirmar que "*a evolução da informática augura o nascimento de uma sociedade libertária*".[9] Contudo, estes mesmos autores assinalam, numa outra parte do seu trabalho, ao referir-se aos

---

4 "*La imprenta*", La Asociación (Barcelona), 22 Fevereiro, 1885, p.3; reproduzido em *La Idea Libre* (Madrid), 28 de Maio 1894, p.2

5 10 de Setembro de 1891, p.3

6 Juan Díaz del Moral, *Historia de las agitaciones campesinas andaluzas*, Madrid, Alianza ed., 1977, p.184 e seguintes, traz com precisão e com uma grande carga de paixão e poesia, a rápida difusão das ideias acratas e as suas intrincadas redes de distribuição para o caso de Córdoba, mas essas mesmas análises podiam estender-se a todo o país. Ao analisar as causas que produziram a "formidável explosão de 1903", conclui que "a verdade é que os semeadores mais eficazes foram os periódicos e os folhetos..." (pags. 186-187)

7 Mais adiante, veremos com mais detalhe como em determinadas circunstâncias o conhecimento social se baseia em grandes mentiras habilmente manipuladas a partir dos meios de comunicação. Para além de outros ecos flagrantes, em Espanha conhecemos todos o chamado sucesso do síndroma tóxico. Neste caso a verdade do assunto não pôde divulgar-se através das brumas da apatia ou dos interesses em jogo; veja-se a este respeito o interessante estudo de Jacques Philipponneau, *Relation de l'empoisonnement perpétré en Espagne et camouflé sous le nom de syndrome de l'huile toxique*, Paris, 1994. O filósofo húngaro Max Nordau, fazia alusão à cobardia, isto é, falta de valor em assumir as responsabilidades do que se acreditava e operar segundo as próprias convicções, que caracterizava a sua época - finais do século passado - na sua conhecida obra, *Las mentiras convencionales de nuestra civilización*, traduzida em Espanha pela editorial Sempere no princípio do século, onde alguns extractos da mesma haviam já sido publicados na revista de Barcelona "Acracia" em 1887, vejam-se números 20 e seguintes.

8 A discussão sobre a neutralidade ou não da ciência, da técnica e da tecnologia no desenvolvimento social, fez correr rios de tinta. Não vou entrar nessa questão. A minha posição está definida desde o princípio do artigo, mas aludirei mais adiante à mesma, à raiz de um debate que surgiu na revista **Libre Pensamiento**, de Madrid.

9 Julio Rubio e Luis Miguel Morillas, "*Es una amenaza la informática?*", **Libre Pensamiento (Madrid)**, 18 (Inverno 1995), p.21. A cidade corresponde ao epígrafe de um dos apartados do artigo. Convém assinalar que este trabalho, por um erro de imprensa, apareceu sem título, e sem a relação dos seus autores.

"franco-atiradores informáticos", que com eles se derruba "outro tabu em torno da informática: pode ser usada para 'nos controlar' melhor, pois não há 'controlo informático', que será sempre planeado por um técnico ou uma equipa deles, que não pode ser desmontado por outro técnico. 'Apenas' é necessária a preparação adequada".[10] Quer dizer, que o factor humano é essencial, independentemente dos mecanismos técnicos que possam ser concebidos.[11]. Mas esquece-se, neste ponto, que cada invenção técnica que se incorpora leva associada uma enorme carga de submissão ao sistema de dominação que a impõe. Murray Bookchin afirmava há uns anos, referindo-se às aplicações dos descobrimentos científicos e técnicos, que estes "*podem determinar mutações radicais nas relações sociais e na estrutura do carácter, mutações capazes de minar a nossa vontade de resistência à dominação.*"[12]

Até ao início da era industrial, entre os inventos e as causas que os motivaram não parecia existir uma relação biunívoca. Para além disso, dá-se o caso de em muitos inventos que foram transcendentais para o desenvolvimento técnico não se conhecer a data da sua invenção. Tomando como exemplo o relógio, nada poderá pôr em dúvida que o desenvolvimento do sistema capitalista teria sido impensável sem aquele; não obstante, nada pode sustentar com prudência que quem o inventou estava a pensar num sistema baseado na produção de mercadorias. Le Goff – conhecido medievalista – associava "*a aparição do relógio mecânico à substituição da manufactura pelo solar industrial e a consequente formação das primeiras comunidades operárias*"[13]. Mas, como assinala Alba Rico, "*o capitalismo exigia, sem dúvida, o aparecimento do relógio mecânico, porém, da existência do relógio mecânico não se pode deduzir a do capitalismo.*"[14]

Todavia, tudo isto se alterou de modo drástico, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial. É difícil de conceber, para um cientista que investiga por sua conta e risco, que toda a descoberta responde a um plano determinado. Se, nos seu início, o sistema capitalista utilizou para seu benefício – quer dizer, para o seu desenvolvimento – os avanços logrados até então, hoje todo o avanço técnico ou científico apenas se realiza na medida em que serve os seus interesses e "*pode-se afirmar com uma segurança confirmada por uma série de provas realizadas, que o capitalismo, inevitavelmente,* ***pela sua própria natureza,*** *utilizará cada 'progresso' técnico com objectivos autoritários e destrutivos.*"[15]

Mas não só, destino que cada um deles leva impresso no seu carácter de instrumento de dominação. Tomás Ibañez, partindo de uma conhecida frase de García Calvo, "*o inimigo está inscrito na própria forma das suas armas*", analisa precisamente este factor da técnica, "*toda a inovação tecnológica real, ou seja, a que consegue efectivamente implantar-se numa sociedade, representa sempre mais um poder sobre as coisas e/ou sobre as pessoas, e constitui intrinsecamente um instrumento de dominação. Mas é mais, toda a inovação tecnológica tem incorporada em si*

---

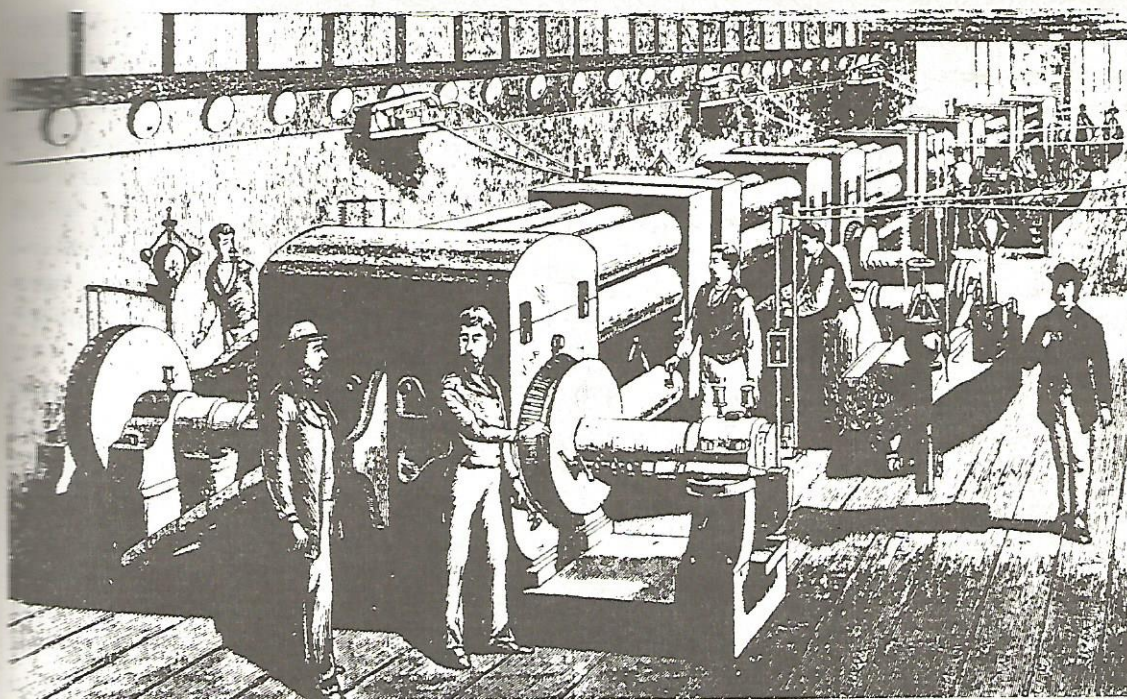
[10] Id., p.25

[11] Entendo por **factor humano** a capacidade crítica do ser humano que permite, em determinado momento, revoltar-se contra toda a imposição autoritária. É uma componente da ética no sentido Kropotkiniano do termo, mas ao mesmo tempo transcende-a. Este conceito (que por certo dá um título para uma novela de Graham Green) forma o núcleo central do meu estudo que em princípio poderia ser formulado de forma simples da seguinte maneira: "A *máquina usa-se da mesma forma que se usou e se continua a usar o ser humano. A substituição do trabalho humano por trabalho automatizado de máquinas responde a critérios tanto económicos como de resposta à provocação. A máquina não só é mais económica, mas, e principalmente, é mais submissa que o ser humano, o qual por mais submetido que se encontre conserva sempre a sua capacidade de revolta contra determinada situação*".

[12] "*El anarquismo ante los nuevos tiempos*", **Inquietudes (México),** (Junho 1985), e agora em "*El anarquismo y los problemas contemporáneos,* ***Móstoles,*** *ed. Madre Tierra, 1992, p.9*

[13] Citado por Alba Rico, *Las reglas del caos*, Barcelona, Anagrama, 1995, p. 76

[14] Id., p. 76, nota 1

[15] Murray Bookchin, art. Cit., p. 8. O sublinhado é do original.

mesma as características das suas condições sociais de produção, isto é, das relações sociais que lhe permitiram existir, enraizar e expandir-se."[16]

Na resposta a este artigo, Julio Rubio tenta desesperadamente salvar os restos do naufrágio técnico com argumentos muito pouco sólidos"[17]. Sem compreender que o problema não reside na forma como a técnica é utilizada, mas antes a partir de como se gera o avanço técnico. Não se culpabiliza a técnica, como afirma Rubio, como portadora de um pecado original, senão na medida em que o próprio desenvolvimento técnico traz implícita a mensagem que quer transmitir. Como afirma Murray Bookchin, "*as vantagens que a Humanidade pode esperar do progresso técnico são tão só migalhas caídas de um orgiástico banquete de destruição que, só este século, sacrificou mais vítimas que qualquer outro período histórico*".[18]

Por outro lado, cada avanço técnico tem impressa uma certa carga de submissão, já que nos torna cada vez mais impotentes face à técnica. E não só porque a sua dependência cada vez maior do conhecimento científico "*dificulta ainda a apropriação do seu próprio voltar das pessoas, agudizando ainda mais as relações de dominação, como uma das relações essenciais das nossas sociedades*"[19], senão pela progressiva incapacidade de resposta face à manipulação da mesma pelo poder, incluindo contra a própria sociedade civil.

Hoje dão-se a conhecer experiências nucleares que foram realizadas há cinquenta anos utilizando como cobaias cidades inteiras. Estou seguro que estas notícias escandalizaram muita gente, mas a muito poucos ocorre perguntar que

---

16 "*Tecnología e emancipación social*", **Libre Pensamiento** (Madrid), Outono 1995, p.53

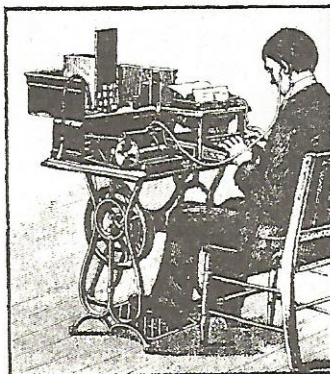
17 "*Informática e emancipação social*". **Libre Pensamiento** (Madrid), Inverno 1996, p.35. O autor utiliza mais adiante um exemplo para ilustrar a sua posição: "*No processo de esquematização e composição deste artigo (segue referindo-se ao de Tomás Ibañez) utilizou-se um computador. 'A memória que guarda o computador das intenções dos seus constructores invalida de algum modo o conteúdo deste artigo?*', p. 36

18 Ob. Cit., p. 8

19 Tomás Ibañez, art. Cit., p. 54

tipo de experiências ou manipulações estão a ser feitas neste momento contra nós e, não obstante, **todos** sabemos que estão sendo feitas. Como diria Max Nordau,[20] é muito mais cómodo aparentar ignorância hoje e escandalizar-se hipocritamente amanhã. Provavelmente, nem sequer uma campanha de denúncias contra este tipo de manipulações obteria uma resposta massiva. Tudo se passa como se o avanço técnico nos drogasse de modo progressivo, anulando a nossa capacidade crítica face ao mesmo.

Também Mumford – um entusiasta do papel civilizador da técnica[21] – não pode evitar demonstrar um certo pessimismo quanto ao carácter que a técnica está a tomar no seu desenvolvimento actual: "*Os instrumentos mecânicos de armamento e ataque, nascidos do medo, ampliaram os campos de terror entre todos os povos do mundo; e a nossa insegurança face aos homens bestiais e ambiciosos de poder é um preço demasiado alto que se tem de pagar para nos defendermos das inseguranças do meio natural*".[22]

Passemos agora a analisar o lugar que ocupa a técnica na sociedade em que se inscreve[23], expondo o problema a partir do ponto de vista da submissão a uma determinada linha de dominação.[24] Partirei, para ele, de uma hipótese certamente muito discutível, mas que pode permitir-nos, pelo menos, sair do estreito marco de discussão a que se vinha reduzindo a sua análise: "*Todo o sistema de dominação, no seu desenvolvimento, tende a eliminar por completo o 'factor humano' (no sentido antes dado) introduzindo nele elementos que tendem a anulá-lo*". Voltarei a ele.

Nos encontros anarquistas de Barcelona de Outubro de 1993, no debate sobre Ciência e Anarquismo (que segui deliciado), o conhecido físico anarquista António López Campillo afirmava na sua intervenção que o que caracterizava o ser humano "*é que este não tem um nicho ecológico próprio*"[25], concluindo que "*o nicho ecológico do ser humano é a técnica, se o fabrica*".[26] Estou completamente de acordo neste ponto, sempre que se entenda "nicho" na sua acepção ampla, que inclui necessariamente a concavidade que se dispõe nos cemitérios para depositar um cadáver.

Com efeito, a técnica, do ponto de vista da sua utilização na perpetuação da dominação – seguindo a linha da minha hipótese – conduz à

[20] Ob. Cit.

[21] "*Numa palavra,* ***ao amadurecer da vida social, a paragem social das máquinas chamará tanto a atenção como a actual paragem tecnológica dos homens***", Lewis Mumford, **Técnica y civilización,** Madrid, 1992, p. 449 (sublinhado do original). Mas a pergunta vital que este filósofo da ciência se fazia para suportar o seu optimismo era, "*Que razão existe para crer que a máquina prosseguirá multiplicando-se indefinidamente ao ritmo que caracterizou o passado, e que ocupará inclusivé mais território do que o que conquistou?*" (p.447).

[22] ob. cit., p. 387

[23] Quero deixar claro desde agora que este estudo não pretende ser apocalíptico. Nada mais longe da minha intenção. O meu único interesse é a análise dos processos de submissão, o que La Boétie chamava "a servidão voluntária". As hipóteses que aqui formulo vão nessa direcção, mas não porque tema o desaparecimento da nossa espécie devido a este processo. Sempre tive a firme convicção de que tarde ou cedo desapareceremos, como em seu tempo aconteceu aos dinossáurios. Em todo o caso o problema em discussão seria a análise das causas que podem deter ou acelerar o processo. Sou partidário da ideia de que uma sociedade qualquer é o resultado e a expressão de forças que actuam em todos os sentidos, entre as quais o acaso ocupa uma parte não negligenciável. Neste sentido a diferença entre natureza e mecanismo é totalmente arbitrária e causa motor de muitos erros que continuam a perpetuar-se.

[24] Uma boa síntese do desenvolvimento da dominação através da técnica constitui o artigo de Tomás Ibañez, "*La Tecnología y las nuevas formas de dominación*", **Libre Pensamiento** (Madrid), Maio 1991, pags. 8-11

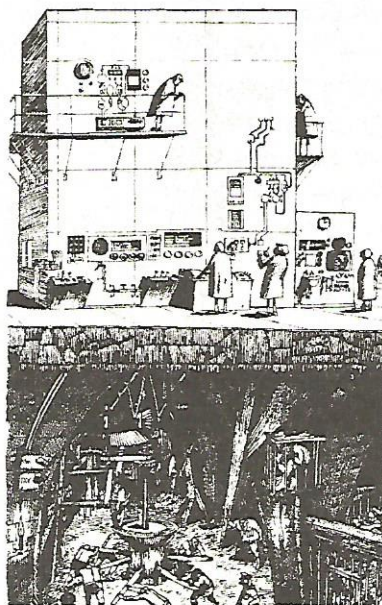
[25] **Anarquisme: Exposició Internacional,** Barcelona, Fundació d'Estudis Llibertaris I Anarcosindicalistes - Ateneu Enciclòpedic Popular - Ateneu Llibertari "Poble Sec", 1994, p. 240, e explica o que entende por nicho ecológico a partir do ponto de vista da ecologia como ciência, não como ideologia: "*aquele meio onde uma espécie animal encontra a sua máxima satisfação.*"

[26] Id., p. 241

do ser humano, à sua implantação como espécie. Neste sentido, a técnica prefigura-se como a sua tumba.

Um sistema de dominação precisa, para a sua sobrevivência, de uma acumulação crescente de poder e controle sobre todos aqueles elementos que podem questioná-lo. No caso de uma sociedade ou civilização[27], esta necessita de um equilíbrio de forças com outras sociedades ou civilizações ou, na sua falta, a conquista. Nesse processo de domínio há tendência para se anular, no seio dessa sociedade, todos os elementos que coloquem obstáculos ao dito processo.

Como forma de ilustração do antes exposto, tomarei emprestadas algumas das ideias do historiador Arnold J. Toynbee.[28] A vitória de Roma sobre Aníbal em finais do século III anterior à nossa era, deu início a um processo de expansão que acabaria por eclipsar a sociedade romana. Neste processo de acumulação de poder e riqueza tornou-se necessário implantar "*a produção agrícola comercializável e a criação de gado, ambas em grande escala e mediante o trabalho dos escravos, [substituindo] a produção para subsistência, em pequena escala e a cargo de um campesinato de cidadãos livres.*" [29]

Este aumento da rentabilidade económica tinha, logicamente, um custo social elevado, já que os camponeses sem terra passaram a engrossar o proletariado das cidades que o Estado – para evitar males maiores – se viu obrigado a alimentar. É certo que é resumir muito e que isto não se conseguiu sem antes esmagar aqueles que previam os resultados do processo, especialmente os irmãos Graco, mas acabou triunfando o poder económico. As guerras civis que se sucederam têm perfeita explicação na subsequente repartição do poder com exércitos formados por esses camponeses desenraizados. De igual forma se explica que os exércitos romanos vitoriosos sobre Aníbal e curtidos em mil batalhas, foram postos a saque por um exército de escravos mal armados sob o comando de Espártaco. Os soldados nada tinham que ganhar, já, com a vitória e o que, apenas, lhes restava era a mais absoluta indiferença pelo resultado da contenda.

Sem grandes diferenças, em todas as civilizações conhecidas até hoje, a eliminação do "factor humano" até um ponto crítico, pressupôs o início da sua decadência e a sua extinção definitiva. Na chamada civilização ocidental, esta eliminação do "factor humano" (neste caso a sua substituição por máquinas) está a começar a chegar às suas últimas consequências, paralelas ao aumento da submissão às directrizes do sistema de exploração capitalista.[30]. Bem, agora a questão é analisar se os elementos técnicos postos à disposição do sistema possibilitam superar o desafio que pressupõe a completa eliminação do factor humano ou se se passará a uma nova era de máquinas inteligentes. A Inteligência Artificial (IA) parece que jogará, neste aspecto, um papel transcendental.

[27] Defino com este nome toda a estrutura social organizada hierarquicamente. Na prática todas as chamadas civilizações conhecidas até hoje.

[28] Ainda que seja difícil pôr-me de acordo com as teses sustentadas por Toynbee no seu monumental **Estudio de la Historia**, não duvido que algumas instituições limitam a sua obra.

[29] Arnold J. Toynbee, **Estudio de la Historia**, Buenos Aires, Emecé, 1955, tomo IV (1ª parte), p. 65. Nesta passagem, a tradução para castelhano deu-lhe, por equívoco, o sentido exactamente contrário.

[30] Os paliativos a este processo, como o subsídio de desemprego ou o salário social garantido, só podem ser passageiros.

Com o início do maquinismo generalizou-se uma corrente de pensamento que tendia a contemplar o universo em geral, e o ser humano em particular, como máquinas funcionando segundo as conhecidas leis da física (mecanicismo). Esta analogia desprezou-se com o desenvolvimento da informática, dos processadores de lógica binária. Supõe-se que as nossas mentes são comparáveis a um computador; como diz Marvin Minsky, "*computadores cheios de carne*".[31].

Ainda que pareça, não são teorias de ficção científica. Uma boa parte da investigação em ciência está dedicada ao desenvolvimento da IA e, embora as opiniões dos cientistas estejam divididas quanto aos resultados que podem ser alcançados, alguns estão firmemente convencidos de que aí se chegará num espaço de tempo relativamente curto.[32] Entre estes encontra-se o físico Frank J. Tipler, cujas teorias assombraram muitos e fizeram sorrir outros; mas, em geral, coincidem na solidez dos seus traços.

Todavia, as bases de raciocínio deste físico são muito simples. Apoiando-se numa teoria de grande beleza – o Ponto Ómega[33] – postula que a imortalidade dos seres humanos, mediante a sua ressurreição no ponto ómega, é uma verdade científica demonstrável matematicamente. Parte, segundo ele, da hipótese de que somos unidades de informação computáveis, o que unido ao desenvolvimento crescente da potência de computação dos computadores tornará possível, em determinado momento do espaço-tempo – o Ponto Ómega – a consecução de um supercomputador que contenha toda a informação do universo na sua história física. Este supercomputador (identificado, por hipótese, com a ideia

de Deus) seria encarregado de materializar cada unidade de informação individual.

Esta é, em grandes traços – salvo erro ou omissão de um leigo na matéria – a tese principal do livro. Muito sugestivo, certamente; contudo, o problema que ele suscita não é o que este físico postula, mas as consequências sociais que se antevêem das directivas científico-técnicas que se esboçam para o próximo milénio.

Não vou entrar em considerações de tipo ético no que respeita à manipulação genética; era de esperar que neste processo de supressão do "factor humano" se chegasse a suprimir o único que poderia torná-lo insubstituível como a

---

[31] Cit. Por Martin Gardner no seu prefácio a Roger Penrose, **La nueva mente del emperador,** Barcelona, Mondadori, 1991, p. 11. A esta nova corrente de pensamento poderia chamar-se "cibernetismo".

[32] Entre os mais firmes opositores à IA, chamada forte, isto é, extrema, encontra-se o físico Roger Penrose. Veja-se a este respeito a sua obra citada anteriormente. Muito interessante é também o livro surgido recentemente em inglês, **Technology's New Horizons. Converstions with japanese scientists,** no qual "*através de dez entrevistas com outras tantas destacadas personalidades do mundo científico japonês, nos apresentam as principais perspectivas do futuro da tecnologia*" dizem-nos na resenha crítica do mesmo, cfr., "Tecnologia, 'hacia dónde?'". **Automática e Instrumentación,** Maio 1996, p. 50-54. Algumas objecções baseiam-se em "*quanto mais invenções tecnológicas houverem, maiores serão as necessidades da sua manutenção. Esta carga crescente matará a indústria porque a pressão da manutenção nestes sistemas artificiais arrasará a economia*" (art. cit.) que, como se pode ver respondem a critérios externos à própria tecnologia, o que é o desafio a que nos referíamos antes desta outra perspectiva.

qualquer outra coisa viva: a sua capacidade de reprodução. Neste processo demonstra-se, entre outras coisas, que a reprodução das máquinas pode chegar a ser menos custosa, e sobretudo mais rápida que a humana.

Muito mais importante me parece o que o livro de Tipler deixa entrever. Até agora, um dos pilares básicos sobre os quais assentava o processo de dominação eram as crenças religiosas, principalmente as difundidas pelas religiões monoteistas, com as suas doutrinas de ressurreição e esperança na vida eterna, por hipótese, melhor que esta depois da morte. Perante o eminente cair em descrédito destas superstições sem nenhum tipo de fundamento científico, Tipler crê na obrigação de preparar o terreno para a sua substituição por outros mais atractivos, baseados em teorias científicas perfeitamente demonstráveis mas que, não obstante, conservam basicamente os postulados das religiões mais importantes na actualidade: o cristianismo e o islamismo.

Para isso propõe que a Teologia se converta num ramo da Física e, portanto, que a investigação sobre Deus, a imortalidade ou a ressurreição dos mortos se leve a cabo por meio de fórmulas matemáticas. Neste sentido o livro de Tipler prefigura-se como a Bíblia do século XXI, na qual a Ciência seria a nova Teologia e os cientistas os sacerdotes de uma nova Igreja. Como se vê, o importante é manter a atenção sobre problemas que não nos afectam em absoluto – pelo menos na nossa vida quotidiana – afim de que percamos de vista as questões vitais que hoje nos são cruciais.

Mas a presunção de Tipler vai muito maislonge. Tomás Ibañez – que se ocupou frequentemente de temas relacionados com a objectividade científica – afirmava que "*a razão científica é reacção para orientar o seu potencial crítico até ela mesma, até às suas assumpções mais fundamentais. Há que duvidar de tudo, há que questionar tudo...menos a própria razão científica.*"[34] Esta afirmação evidencia-se com toda a claridade no asseverar de Tipler sobre a invalidez das teorias de Kuhn[35]; contudo, estou convencido de que o desenvolvimento actual da ciência o confirma ainda mais. Não apenas pela atitude de alguns cientistas mais estimulados pela busca da notoriedade pelos seus "descobrimentos", que pelo interesse na própria investigação, senão pela sua progressiva dependência de um sistema económico que limita em grande medida a sua capacidade para "substituir" paradigmas. O estado actual da controvérsia sobre a SIDA – para não citar mais do que um exemplo[36] – assim nos demonstra.[37].

Por outro lado, a tão debatida "neutralidade" dos cientistas em relação ao desenvolvimento social relacionado com as suas descobertas, **é comparável** à curiosidade que me movia sendo criança para descobrir o que havia dentro de um precioso cavalinho de cartão que meus pais me haviam oferecido. Esta curiosidade, mais forte que qualquer outra consideração, levou-me a destroçar o cavalinho ao qual me havia ligado afectivamente. Tudo isto para descobrir que no seu interior **não havia absolutamente nada.**

---

[33] Basicamente "*é uma construção teórica científica sobre o futuro do Universo físico*", cfr. Tipler, ob. cit., p. 382

[34] "Ciencia, retorica de la "verdad" y relativismo", **Archipiélago** (Barcelona), Primavera 1995, p. 33, citado por Julio Rubio, art. cit.

[35] Este historiador da ciência recusa abertamente que as excessivas teorias científicas possam "*...chegar cada vez mais perto, ou aproximar-se mais e mais da verdade*", Tipler, ob. cit.,p. 134. Ou dito de outra maneira "*é possível que tenhamos de renunciar à noção explícita ou implícita, de que as mudanças de paradigmas levem os científicos, e aqueles que com tais aprendem, cada vez mais perto da verdade*", cfr., Kuhn, T. S., **Las estructuras de las revoluciones científicas,** México, 1985, p. 262

[36] **Fizemos anteriormente** referência ao debate que suscitou o chamado síndroma tóxico, mas poder-se-ia aludir ao caso Ardistyl, etc.

[37] Sobre o debate suscitado pela SIDA e as origens do síndroma, podem ver-se, Peter Duesberg, **Cuestionando la teoría vírica del Sida** (dossier elaborado pela Associação Sumendi de Bilbao); Enrique Costa Vercher, **Sida: Juicio a un virus inocente,** Madrid, Mandala, 1993, 168 pags. (alguma bibliografia) Michel Bounan, **Le Temps du Sida,** ed.Accia, 1990.

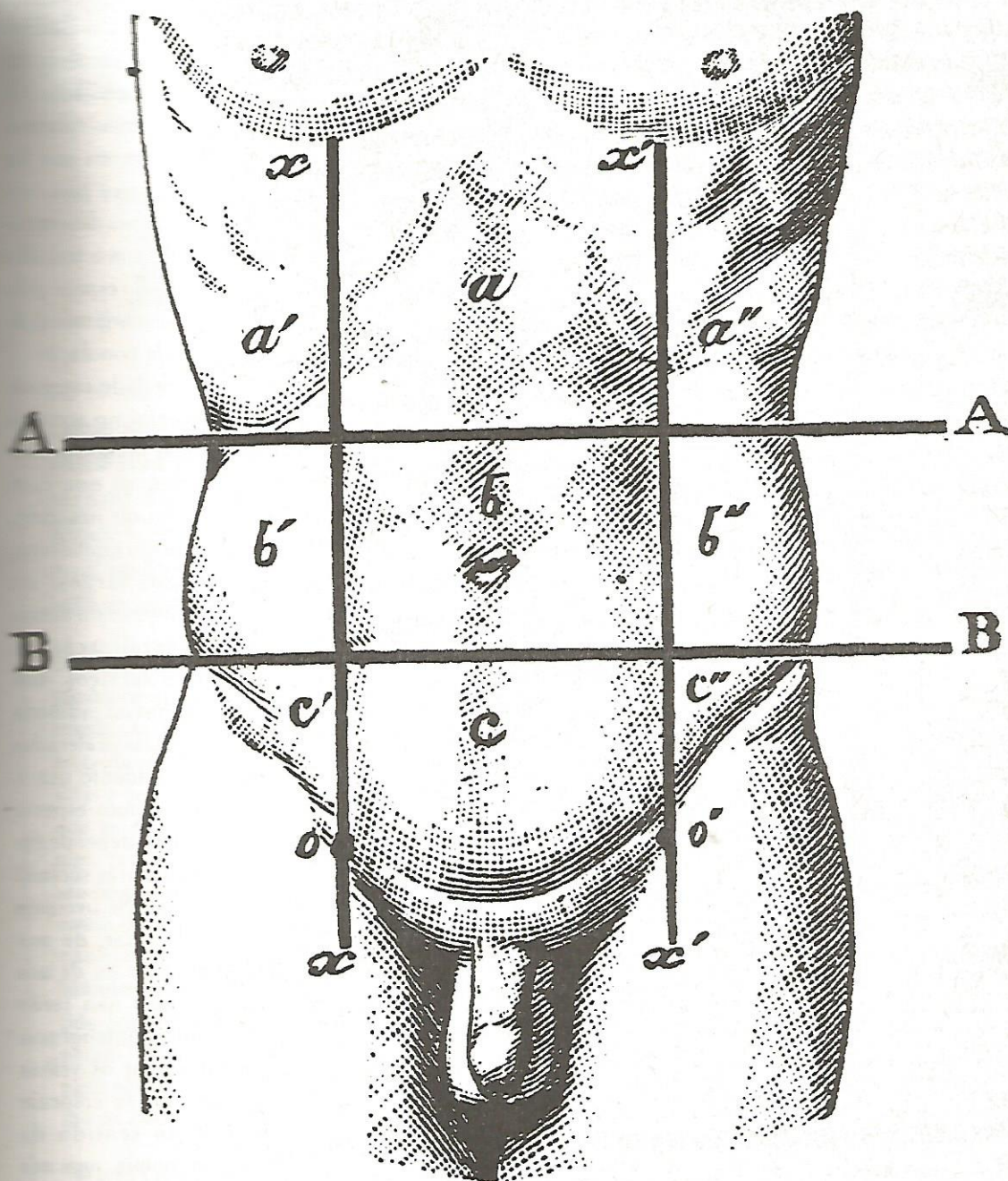
As Novas Tecnologias: Medo e Utopia

António Joaquim de Sousa

A alternativa entre a Ágora e o Grande Irmão – o símbolo da dominação absoluta em George Orwell –, está se definindo hoje. A relativa neutralidade da tecnologia, como salientou Chomsky, só depende dos usos sociais que lhe forem dados. A informática pode servir para centralizar e controlar informação ou para descentralizar e democratizar; pode acabar com o trabalho estúpido mecanizado, brutal, criando espaço para criação lúdica, ou empurrar para a marginalização social, setores cada vez maiores da população.

As últimas décadas do nosso século, viram nascer duas importantes revoluções que marcarão uma nova época, a generalização da informática e o começo da grande teia das redes de computador que contribuíram para os primeiros passos de uma importante mutação no campo da comunicação, educação, informação e cultura humana.

Tal como a invenção da imprensa marcou profundamente as sociedades e abriu o caminho na direção da alfabetização, ensino e cultura, ou tal como o minimalismo dos começos da mídia audiovisual deixaram conseqüências num analfabetismo funcional e nos processos de alienação contemporâneos tão destacados pelos estudos de Noam Chomsky, a revolução da informática, abre o espaço duma nova mídia, que segundo alguns, fará desaparecer a médio prazo a própria imprensa escrita e o livro impresso, como o conhecemos à cerca de 500 anos. A informação passará a ter preferencialmente um suporte magnético, passível de contínuas regravações com um conseqüente diminuição dos desperdícios e custos associados à media impressa.

Por outro lado o surgimento das redes de computador, que se entrelaçam anarquicamente na grande teia da Internet, aponta para um universo de comunicação virtual e de acesso à informação em moldes jamais imagináveis em épocas anteriores. As conseqüências destas mudanças no ensino, na cultura e até no mais prosaico quotidiano vão ser profundas.

Como sempre a positividade e negatividade destas mudanças, são tão imprevisíveis, quanto as que estiveram associadas às mais importantes invenções humanas, do fogo ao automóvel. Mesmo que no mercado de trabalho já sejam visíveis os resultados da automação e da robótica, e se o desemprego resultante assusta pelo que desnuda do fim da sociedade do trabalho, pode apontar para outras direções utópicas duma sociedade mais livre, mais criativa e mais humana, no momento

em que nos livramos da condenação que os deuses nos fizeram do sacrifício do trabalho quotidiano.

Certamente que este panorama de um admirável mundo novo, está só pré-anunciando-se, e nos seus aspectos mais apaixonantemente utópicos, ou nas suas mais aterradores resultados, que Huxley e Orwell previram , é inegavelmente sinais de uma nova era, que sequer os mais radicais dos revolucionários do século 19 puderam imaginar.

Esse mundo da interatividade e comunicabilidade globais, onde as múltiplas associações por afinidade une pessoas e grupos dos mais diferentes países, ou onde a consulta a bibliotecas, arquivos e centros de pesquisa se possa fazer a partir do mais remoto local do planeta, poderia implodir os conceitos mais arcaicos de centralizaÁ„o e hegemonia de alguns países, regiões ou grupos sociais, apontando na direção de ações no campo da política, da cultura e da pesquisa de cooperação internacionalista, ultrapassando as mais artificiais fronteiras das raças e dos estados.

Os interesses abalados por este cataclismo, são importantes e talvez por algum tempo inultrapassáveis, mas certamente que tal como em outras épocas, ver-se-ão superados por um movimento incontrolável que acabará destruindo essas estruturas arcaicas, produto de outras épocas, que já não se adequam mais a essa cidadania e cultura global que se irá afirmar.

Novas formas de gestão social das comunidades podem desenvolver-se a partir de mecanismos permanentes de consulta aos cidadãos, o referendo, o plebiscito, a democracia direta, poderiam viabilizar-se através de recursos tecnológicos que ultrapassam definitivamente muitos dos limites existentes até hoje para operacionalizar formas realmente democráticas de gestão da vida coletiva, colocando de forma efetiva a possibilidade de criar a ágora virtual – a praça pública onde os gregos decidiam o futuro da cidade. Todo esse futuro se aproximará ou se afastará de nós, conforme queiramos ou não nos servimos da tecnologia com finalidades humanísticas.

A alternativa entre a Ágora e o Grande Irmão – o símbolo da dominação absoluta em George Orwell –, está se definindo hoje. A relativa neutralidade da tecnologia, como salientou Chomsky, só depende dos usos sociais que lhe forem dados. A informática pode servir para centralizar e controlar informação ou para descentralizar e democratizar, pode acabar com o trabalho estúpido mecanizado, brutal, criando espaço para criação lúdica, ou empurrar para a marginalização social, setores cada vez maiores da população.

No contexto de uma sociedade marcada ainda pela exclusão mais elementar no acesso à habitação, educação e saúde, esse mundo parece quase uma fantasia de Fourier, só que num mundo contraditório, esse sonho ou pesadelo, que parece ainda bem longe no nosso quotidiano, está aproximando-se a passos largos: no crescimento do uso dos computadores e do acesso às redes eletrônicas, na generalização da informatização do comércio e serviços, nas diminuições dos postos de trabalhos na industria e no voto eletrônico. Essas mudanças aceleradas que estão acontecendo deixam evidente que a tecnologia não é mágica, não podemos esperar que ela resolva os nossos problemas, depende em último caso de nós (sujeitos e estruturas sociais) o que iremos fazer desse potencial. Se tivermos esgotado nossa capacidade de criar, de nos cultivar, de amar, de nos comunicar ou de nos solidarizar, as novas tecnologias não terão soluções a oferecer. Até porque a inteligência artificial não nos poderá solucionar os velhos problemas que os seres humanos se colocam desde os seus primórdios, do sentido da existência, da liberdade, da autonomia, nem nos fornecer pistas para a busca da utopia que tem marcado as sociedades humanas. Muito menos algum dia poderá a presença virtual – que nada mais é que uma forma figurativa da ausência – superar o encanto da interação direta e criativa entre os seres humanos, condição básica de toda a cultura.

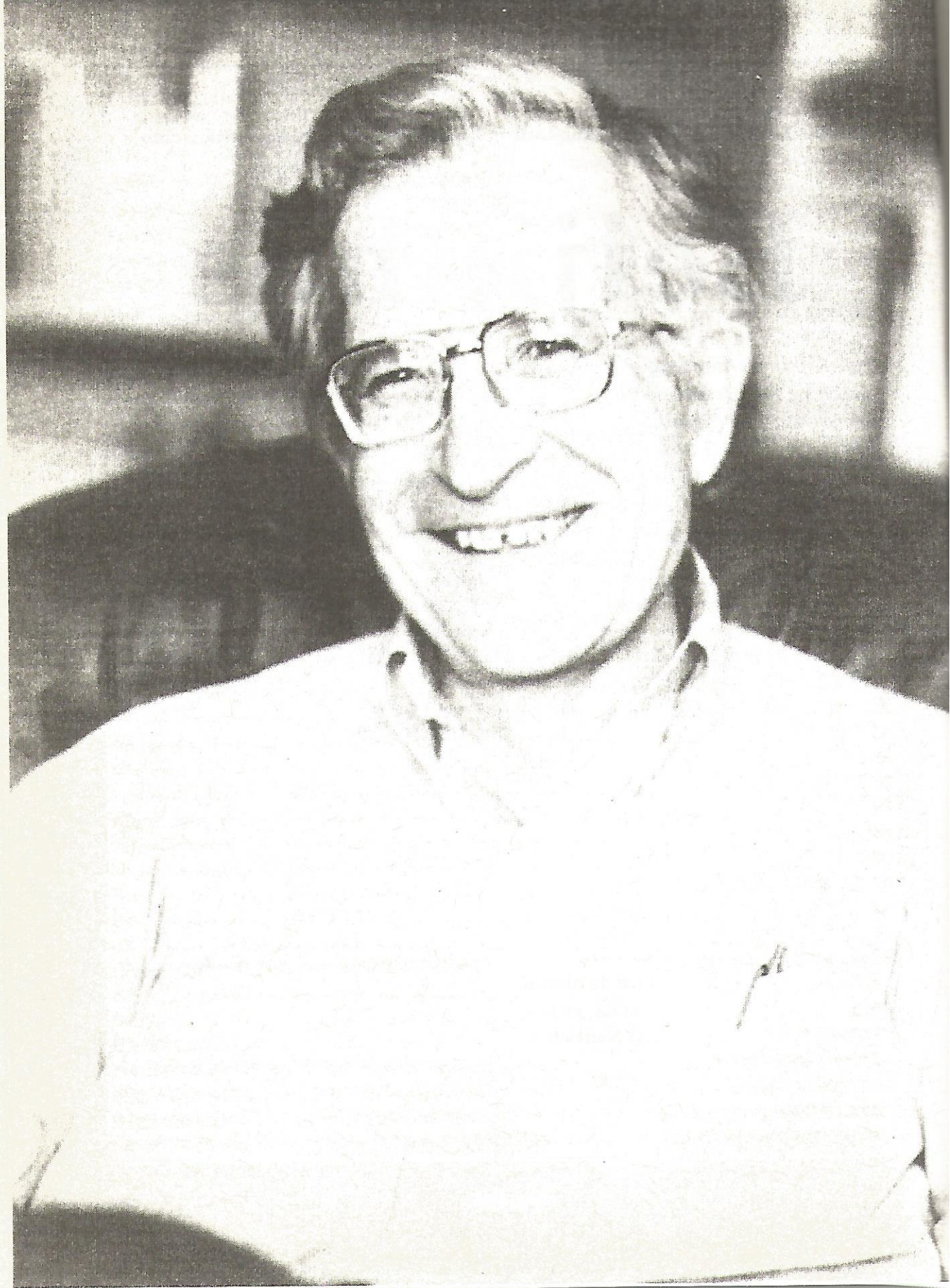
Belas Letras: os 2 + shandianos autores da língua portuguesa voltam com

Beijinhos

DO NOSSO ENVIADO ESPACIAL – O tempo apresenta-se marroquino quando, navegando no Riso Transfanático, de supetão atingimos a 365ª página. A travessia, esplendorosa e fervilhante, é-o desde a 7ª, em cuja há: «Este romance é dedicado ao Manuel da Silva Ramos e ao Alface sem os quais ele» Na 9, o disparo: «Farto de África | Ao fim de 50 anos | B regressa a | Portugal às costas | De 10 mil pretos» Aqui aportei entonces, A Bagadavida-Gita, onde me saltam ao Olho Bocadilhos Filhosóficos, especialidade da Chuazilândia A zul do Tejo. Curtos enxertos, ricos, ricas, olé!

O vinho sempre foi o filho renegado da igreja. Já Celso grande amador da casta tunisiana afirmava que o Diabo era a bebedeira em pessoa. Séculos mais tarde Calvino chegou à mesma conclusão: se tivesse havido um cristão que se tivesse lembrado de abrir nas catacumbas uma locanda com bebidas alcoólicas o destino da humanidade tinha mudado de escuma. Alguém sabe o que pensa um bêbado quando cruza na rua uma pessoa ébria? Não há nenhum bêbado que se deixe morrer. Mais vale congelar um poeta que desanimar um bêbado. Estabelecer uma renda vitalícia para os bêbados ameaçados pela idade do vinho. Este filósofo que soube tão bem falar da percepção universal da rampante planta fenixerófita que é a estupidez humana diante dum copo raso nunca foi mordido no pescoço por uma mulher. Beber um vinho qualquer é renunciar a todos os outros. É mais fácil escrever um livro que dispersar um bêbado. Antes do homem sério existiu o bêbado. A verdadeira bebedeira só é válida se repartida por todos, lembrada a todo o instante por contínuos de «quadros de desonra com boas notas». Os melhores apreciadores de vinho são naturalmente os moribundos porque guardam para eles o segredo incontestável. Portogozolândia — salraça que passa a vida a meter o bedelho no caixão. Como se tivessem esperaças de encontrar enchidos. (Fenda, 1997, 384 páginas.)

Beijinhos • romance de Manuel da Silva Ramos e de Alface • **Fenda**
último volume da trilogia **TUGA**, sobre a sociedade portuguesa contemporânea, q inclui
Os Lusíadas, 1977, e **As Noites Brancas do Papa Negro** (reeditado na Fenda)

A LER RELER E TRESLER ABSOLUTAMENTE

Noam Chomsky e as Ilusões Necessárias

António Joaquim de Sousa

Aquele que podia ter sido um pacato e famoso professor universitário, não compactuou com o poder. A maior parte do seu tempo fora do MIT e da pesquisa universitária é gasto dando conferências para grupos comunitários e alternativos por toda a América do Norte. Para ele compromisso social é isso: defesa da liberdade, da justiça e da autonomia dos cidadãos.

Discretamente, a Rede Cultura do Brasil, transmitiu o imperdível documentário canadense "Consenso Fabricado" uma série de três capítulos sobre a vida e obra do pensador libertário norte-americano Noam Chomsky.

Centrada nas análises mais polémicas e lúcidas de Chomsky, o documentário discute o papel contemporâneo dos *media* na fabricação do consenso na sociedades de massas.

Noam Chomsky nasceu em Filadélfia em 1928 de família judia ucraniana. Desde cedo se aproximou das idéias libertárias de pensadores judeus como Martin Buber, Gershom Scholem e da tradição dos emigrantes anarco-sindicalistas. Professor do MIT (Massachusetts Institute of Technology), aos 30 anos já era internacionalmente famoso pelas suas pesquisas em lingüística e suas teorias revolucionárias sobre estrutura da linguagem: a gramática generativa.

Aquele que podia ter sido um pacato e famoso professor universitário, não compactuou, no entanto, com o poder. Tal como havia feito nos anos 30 – quase criança – manifestando sua solidariedade aos libertários espanhóis vítimas do fascismo de Franco, nos anos 60 foi um dos principais intelectuais presentes na oposição à guerra do Vietnã participando também das lutas dos direitos civis que abalaram o *establishment* norte-americano. Chomsky mostrou como um intelectual pode viver duas vidas: a dum cientista brilhante e a do engajamento nas causas sociais. A partir daí podemos encontrar ao lado da obra do famoso lingüista, as análises ácidas do analista independente capaz de escrever Os Novos Mandarins, Ano 501: A Conquista Continua ou As Ilusões Necessárias: O Controle do Pensamento nas Sociedades Democráticas, Novas e Velhas Ordens Internacionais. Uma obra que se

estende por mais de cinqüenta livros traduzidos em todo o mundo.

A maior parte do seu tempo fora do MIT e da pesquisa universitária é gasto dando conferências para grupos comunitários e alternativos por toda a América do Norte. Para ele compromisso social é isso: defesa da liberdade, da justiça e da autonomia dos cidadãos. Essa radical generosidade tanto se manifesta na oposição à arrogância imperial norte-americana, quanto na solidariedade aos palestinos – ele que é um judeu –, ou no apoio à causa do povo maubere de Timor, essa ilha perdida na Oceania, onde se fala o português.

De forma desconcertante, desmontando os discursos dos intelectuais e especialistas da sociedade do espetáculo, Chomsky afirma: "Para analisar as ideologias, basta um pouco de abertura de espírito, de inteligência e um cinismo saudável. Todo o mundo é capaz de fazê-lo. Temos de recusar que só os intelectuais dotados de uma formação especial são capazes de trabalho analítico. Na realidade, isso é o que alguns nos querem fazer querer..."

Talvez por essa sua independência, sua autonomia, Noam Chomsky tem sido um intelectual suspeito para a esquerda dogmática, até porque sua visão libertária sempre o fez duvidar dos caminhos autoritários do *socialismo de estado*. Nos anos 80 afirmava: "Para a esquerda, a queda da tirania soviética foi uma alegria e uma pequena vitória. Sempre é positivo que desapareça uma forma de opressão." Talvez por isso sua obra seja tão herética para as grandes editoras dos EUA, quanto para as confrarias da esquerda brasileira. Por essa razão a dificuldade de encontrar algumas das obras fundamentais de Chomsky em língua portuguesa, e também por isso o silêncio nas universidades brasileiras e portuguesas em relação ao mais conhecido e influente pensador norte-americano, contrastando com a omnipresença dos mais medíocres pensadores da ortodoxia marxista ou do liberalismo requentado.

Mas pensar independentemente na sociedade de massas, onde os *media* domesticam o pensamento e fabricam os consensos – essa é opinião de Chomsky – é talvez o maior desafio dos intelectuais da nossa época. "O cidadão só tem uma maneira de defender-se do sistema de propaganda: o de adquirir algum controle sobre sua vida, vencendo o isolamento e organizando-se", "as idéias da livre associação, do controle popular das instituições e de derrubada das estruturas autoritárias são o caminho da liberdade e da democracia."

Segundo Chomsky a "fabricação de ilusões necessárias para a gestão social é tão velha como a história." mas, foi a partir do começo do nosso século com o autoritarismo comunista e fascista que se criou o atual "modelo de propaganda" onde a instrumentalização dos cidadãos se faz através dos mais poderosos meios de manipulação de massas criados até hoje pelo o homem: a imprensa, o rádio e a televisão.

Para os que o acusam de maniqueísmo, Chomsky responde com estudos documentados e detalhados do comportamento dos *mass media* americanos face aos grandes acontecimentos, particularmente da política externa norte-americana, demonstrando a cínica e distinta forma de tratar o genocídio no Cambodja e em Timor, a repressão em Cuba e na Guatemala, a violência palestina e israelense...

Esta análise "pode produzir a impressão de que o sistema é todo poderoso, o que está longe de ser verdade. As pessoas estão capacitadas para resistir, e às vezes fazem-no, com efeitos consideráveis." Este otimismo vem da "da tradição que afirma que os seres humanos tem um instinto de liberdade e que tratam de ampliar ao máximo sua própria liberdade e a dos demais; que têm um impulso de solidariedade e empatia. "

Só que a fabricação do consenso nas sociedades democráticas, a manipulação e o isolamento são um obstáculo a esse potencial social positivo. "Uma nova tecnologia como a televisão é muito útil, porque produz o efeito de isolar as pessoas. Cada indivíduo está só diante da tela. Não se comunica com ninguém, nem atua em comum, nem se organiza."; uma das razões é que "os indivíduos devem estar sozinhos, enfrentando o poder centralizado e os sistemas de informação de forma isolada, para que não possam participar de modo significativo na administração dos assuntos públicos." O cidadão comum, para quem Chomsky

continuamente afirma escrever seus livros, pode vencer o isolamento. "Se as pessoas com um poder limitado querem fazer algo, seja vencer o sistema de propaganda ou simplesmente adquirir algum controle sobre suas vidas, têm que criar organizações que lhes proporcionem uma força para contrapor aos principais centros do poder e quem sabe expandir essa força em outras direções."

Mas o crítico da manipulação e do consenso fabricado, é também o grande especialista do estudo da linguagem – sinal de identidade definidora da espécie – e acredita na virtualidade da interação comunicativa. Mas para isso teria que haver mudanças substanciais no comportamento dos cidadãos, capazes de olhar criticamente a informação, "ler com lupa, com cuidado para não tropeçar em armadilhas", dos jornalistas que deveriam "contar a verdade. Terem honestidade pessoal, coragem – até para perder o emprego – talento" e principalmente "uma política de comunicações democrática, que deveria tentar desenvolver meios de expressão e interação que reflitam os interesses e as preocupações da população em geral, fomentem sua auto-educação e sua ação individual e coletiva."

Entrevista a NOAM CHOMSKY

Nota: Entrevista efetuada via Internet.

Os seus estudos sobre a *media* americana estão centrados no conceito de "modelo de propaganda" e na importância desses meios na fabricação dos consensos sociais na sociedade contemporânea. Considera que esse modelo se generalizará de forma irreversível globalmente na sociedade de massas?

Em geral, as empresas estão se tornando mais poderosas e diversificadas integrando-se em megacorporações. O mesmo está acontecendo, muito visivelmente entre as empresas de informação, telecomunicação, entretimento e similares. A tendência de centralização de controle e homogeneização é destruidora da liberdade, independência e vitalidade cultural. Mas não existe nada inerente à tecnologia que exija ou favoreça essa situação. Esta realidade reflete as relações de poder, bem como o uso que se faz da tecnologia em geral. A *media* impressa pode ser usada para libertar ou coagir, e isso é verdade para todas as outras formas de intercâmbio. Isso depende das mãos que seguram as alavancas. Não existe uma razão inerente para que a *media* não possa ser democratizada, possivelmente a linha proposta pela Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros na sua conferência de 1988, possa ser o ponto de partida. Novas tecnologias tornam a comunicação e a transmissão de informações e idéias, rápida e barata e estas oportunidades deveriam ser utilizadas pelas organizações populares. Não existe nada de irreversível nas tendências em andamento, pelo menos não mais que o Estalinismo e Feudalismo o foram...

Vivemos na Sociedade do Espetáculo que o pensador radical francês Guy Debord anunciou em 1967 no seu já clássico livro? Estamos condenados a ser espectadores nesta sociedade?

Que o público em geral seja "espectador", não "participante na ação", é o princípio da teoria democrática. Isto pode ser confirmado desde a redação da Constituição norte-americana. E isso era reiterado forte e eloqüentemente neste século pelos intelectuais progressistas da linha do Presidente Wilson, fundadores da moderna ciência política e obviamente pela crescente industria das relações públicas. Naturalmente, elementos da elite irão procurar minar a participação democrática. Mas não existe razão para acreditarmos que as pessoas estejam condenadas a serem escravas. Nós podemos ser vítimas do espetáculo e da manipulação, se nós escolhemos nos submeter; nós podemos ser agentes de mudança e criatividade se nós estivermos dispostos a nos esforçar por isso. Qualquer escolha tem custos, mas nenhuma delas está excluída das leis da sociedade ou da natureza, contrariamente aos pronunciamentos de intelectuais – que não devem ser levados a sério –, em minha opinião, a menos que se fundamentem em argumentos mais convincentes.

No Brasil a rede Globo tornou-se um autêntico monopólio, dominando o espaço televisivo, penetrando em todas as regiões e classes sociais. A sua prática corresponde ao que o Senhor chama de modelo propaganda. Qual pode ser a resposta dos cidadãos a este tipo de meios: resta-nos ser espectadores críticos? Desligar a televisão? O boicote ativo?

Para começar a Rede Globo não é uma lei da natureza.

[illegible] capacidade do povo brasileiro [illegible] colocá-la sob controle popular, [illegible] outra instituição tirânica. [illegible] dentro dessa capacidade o [illegible] de alternativas, sejam [illegible] altamente descentralizadas com [illegible] comunitária, usando redes a cabo e [illegible] tecnologias, ou alternativas mais [illegible] que nasçam dos movimentos [illegible] mais amplos que podem reunir [illegible] recursos. A escolha não é limitada à [illegible] e à recusa. Exceto no caso de [illegible] isolado. Nesse caso as opções [illegible] Mas, enquanto as pessoas [illegible] juntas, não existe limite para o [illegible] podem possam conseguir.

[illegible] a sobrevivência de uma *media* [illegible] que mantenha uma independência face ao Estado e ás grandes [illegible]ções?

[illegible] comercial tem donos e vendem um [illegible] (audiências) para um mercado. Eles [illegible]mente serão influenciados pelas [illegible]ções e interesses dos compradores e [illegible]res. E também pela audiência: *media* [illegible] audiência de elite para publicitários [illegible] mesma também desempenhando [illegible] diferentes. Mas independência não é [illegible] questão de "sim" ou "não". Dentro dos [illegible] de mercado, um grau de independência [illegible] sustentado com esforço dedicado e [illegible] do público.

[illegible] papel podem desempenhar os [illegible] de comunicação comunitários e [illegible]tivos face aos grandes meios [illegible]nantes?

[illegible]nidade deveria tentar criar sua própria [illegible] independente, o que não é de todo [illegible]ível. Não há muito tempo atrás, nos [illegible], a *media* popular baseada na comuni[illegible] étnica, sindicatos, organizações políticas [illegible]pendentes e outras, estavam na escala da [illegible] comercial e isto pode acontecer no[illegible]te. Além disso, a comunidade deveria [illegible] influenciar a *media* comercial e estatal tanto quanto possível. E isso pode ser feito de diversas formas.

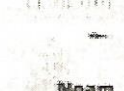
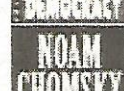
Num mundo em que a comunicação está inter*media*da por meios e recursos tecnológicos que não dominamos, não está desaparecendo a interação comunicativa direta entre os seres humanos? A linguagem não está-se tornando mero recurso funcional para dar e receber ordens, vender e comprar produtos?

A pressuposição deve ser questionada. Não há por que a pessoa não deva dominar os meios e recursos de comunicação, como qualquer outra coisa. No que a linguagem se transformará depende de como a sociedade, na qual é usada, venha a ser no futuro. Estas são coisas que não acontecem simplesmente com nós. Somos nós que devemos dirigir e controlar elas.

Alguns analistas e futurólogos apontam o fim da era da *media* impressa com o surgimento dos meios eletrônicos e das redes de computadores. Como vê essa previsão?

As novas tecnologias tem seus usos e defeitos, mas existe muito mais uma retórica exagerada do que realidade. As mudanças, creio eu, serão incrementadas, algumas serão boas, outras más, com considerável potencial para serem usadas de um modo ou de outro, dependendo, como sempre, da questão do controle.

As redes de computadores, podem favorecer a comunicação e interação direta dos cidadãos de forma horizontal favorecendo a solidariedade, o internacionalismo e a democracia direta?

Basicamente a mesma resposta. Justamente como no caso de livros, radio, TV, música e outros meios de interação, as redes de computadores podem ser usadas para libertar ou para oprimir. A tecnologia não se ocupa disso, são as configurações de poder que determinam.

O que é a «comunicação social»?

No n.º 5 da *Utopia*, Mário Rui Pinto deu a uma útil e pertinente resenha de comentários sobre o anarquismo, vindos a lume na imprensa, o título de «O anarquismo na comunicação social em 1996». Esta expressão, *comunicação social*, empregada correntemente em Portugal, não é porém, a meu ver, nada inocente e merece que a gente se detenha nela.

A sua origem, no vocabulário português e como substituto da palavra *imprensa*, parece remontar a um pouco antes do 25 de Abril de 1974, tendo esta curiosa congregação de vocábulos sido forjada, segundo Afonso Praça, no sector jornalístico católico. Julgo no entanto que só após o 25 de Abril a expressão se generaliza. A sua generalização decorre provavelmente do facto de em 1974-75 ter acontecido na sociedade portuguesa uma verdadeira comunicação social, no decurso do movimento revolucionário dos trabalhadores que começou por libertar a palavra das suas cangas, pondo as pessoas, pela primeira vez, a comunicar entre si directamente, ou seja, socialmente, sobre as questões essenciais, todas elas relativas a uma possível libertação da tirania económica.

Não obstante, já então foi abusiva a perfilhação, pelos jornais, rádio e TV, deste cognome para designarem a sua actividade, embora o clima de exaltação decorrente do fim da censura suscitasse a ideia de que a imprensa deixaria de mentir organicamente, aceitando-se nessas condições como coisa natural que os jornais, a rádio e a televisão pudessem transformar-se em instrumentos da comunicação social que alastrava no terreno público. E, de resto, durante certo tempo (que durou pouco) alguns jornais chegaram de facto a ser veículos de transmissão daquilo que os colectivos de trabalhadores e moradores formulavam com vista a uma vida livre da pobreza, da exploração, do medo e da mentira.

Seja porém como for, parece-me inaceitável acolhermos hoje, acriticamente, semelhante terminologia. O acasalamento destas duas palavras é uma clara mistificação, ou automistificação. A linguagem da imprensa, seja ela escrita ou falada, é sempre unilateral, e com a evolução da dependência de todos estes organismos (que antes de mais nada são empresas) perante os grupos financeiros seus proprietários, aquilo que em geral difundem vai-se equiparando a simples propaganda estatal e económica, ainda quando indirecta (como acontece com tudo o que diz respeito à praga futebolística, tão omnipresente como foi no fascismo, ou ainda mais). O caso da televisão é o mais evidente, e só por abuso de linguagem se pode chamar informação àquilo que esta vomita, contaminado como se encontra o terreno «informativo» onde ela assentou arraiais; mas a rádio, os jornais e as revistas de grande tiragem seguem-lhe as pisadas a muito pouca distância. A televisão, o órgão da máxima vulgaridade, é o critério por que se regem os outros meios de massas; é aliás um fenómeno que podemos observar todos os dias, se tivermos estômago para tanto.

A expressão *comunicação social* implica reciprocidade, implica a impossibilidade de

[illegible] entidade ou indivíduo, exercer um poder [illegible] na sua manifestação imediata. Dá-se [illegible] por conseguinte, no caso desta nomenclatura [illegible] uma típica inversão de significados, [illegible] capitalismo da fase reformista se tornou [illegible] ao procurar proceder a uma domesticação [illegible] por indução cultural.

A difusão pacificada desta novilíngua pode [illegible] à acção de um vírus — de um vírus [illegible] cujo efeito, aparentemente anódino, [illegible] por ricochetes sucessivos, em desarma-[illegible] a linguagem crítica, tornando-a inócua. Não [illegible], é óbvio, falar a língua do inimigo quando [illegible] de formular uma desmontagem das suas [illegible] de poder — porque este poder começa, [illegible], na nomeação, na apropriação da língua [illegible] conformidade com os objectivos económico-[illegible]. Seria sem dúvida útil registar as múltiplas [illegible] deste quilate que a imprensa carreia, das [illegible] simples às mais complexas, e tentar analisá-las. [illegible] a lembrar-me de uma outra: a palavra [illegible] para designar um certo número de pessoas [illegible] de determinada maneira numa ocorrência. [illegible] deste género: um grupo de populares [illegible]-se ontem diante da Câmara Mu-[illegible]...; os populares que assistiram ao aciden-[illegible]...; muitos populares aplaudiram o vencedor... [illegible] Podemos nomeadamente verificar que a palavra, nesta acepção, tem uma clara conotação paternalista e pejorativa, decorrente do papel «superior» que o jornalista imagina exercer e do estatuto de inferioridade desses tais «populares». Pois por que razão não escreve ele, ou diz, *pessoas*, muito simplesmente? Substituindo *populares* por *pessoas*, a diferença salta à vista.

Outra questão é a dos termos a empregar para referir, pelo menos com menor irrealidade conceptual, esse conjunto de coisas a que em inglês se chama *mass media*. Chamar-lhes *mídia*, como fazem os brasileiros, é uma solução desastrosa: traduzir *meios* por esta corruptela é acrescentar nebulosidade a uma confusão. Agustín García Calvo, que além de um vigoroso poeta é um atento filólogo, forjou, em Espanha, a expressão «meios de formação de massas», que, ao curto-circuitar a fórmula «meios de *informação* de massas», já contém a crítica daquilo que designa; parece-me uma enunciação excelente. Como se trata duma expressão comprida e na linguagem coloquial tendemos a encurtar os conceitos, julgo poder-se apropriadamente abreviá-la, nas circunstâncias da fala, para uma expressão mais curta: *meios de massas*. Que afinal, e cá chegamos, é a exacta tradução de *mass media*...

E, de facto, por que razão usarmos subterfúgios? *Mídia* é-o por criar um neologismo sem substância, *comunicação social* porque reveste com uma impostura aquilo que pretende designar. A expressão inglesa não revela apenas uma grande capacidade de síntese. Sem cerimónias, dá a estas coisas nomes «brutais», ou seja, pragmáticos, mas por isso mesmo mais simplesmente verídicos: porque os comuns jornais, revistas, rádio, televisão, cinema & o resto são efectivamente *meios* (de propaganda, de formação[1]) destinados a *massas* de indivíduos. Meios que *este* desígnio define perfeitamente logo à partida.

Estas questões não me parecem de somenos importância. Ao adoptarmos, por mero hábito, a terminologia da ideologia dominante (a que também podemos chamar poder estatal em sentido amplo), estamos necessariamente a resvalar para dentro dela — pelo menos no plano linguístico. Ora a linguagem da nomeação, que define, *pedagogiza* e orienta, mostra-se cada vez mais determinativa numa sociedade que tende (contra todas as aparências) para a uniformização, através do controle mental difuso e *benfazejo*.

Júlio Henriques

[1] Sobre a noção de *formação*, criticamente enunciada por Agustín García Calvo, podemos reter também esta pertinente interrogação de Alexandra David-Néel: «Como pode um indivíduo que foi *formado*, ou seja, cuja natureza foi modificada para o levarem a parecer-se com um "modelo tipo", falar da sua própria liberdade?» (Cf. *Pela Vida*, Antígona, p. 84.)

ASSALTO AO MUNDO DOMINANTE[1]

José Tavares

Voragem da sociedade estatal do espectáculo capitalista

A obra comum que se edifica diante dos nossos olhos é, no seu princípio, um empreendimento de homogeneização e de neutralização de todas as actividades humanas em benefício exclusivo de bens consumíveis ([2]). E, claro, perpetuar com esta capa de pseudo-invisibilidade as hierarquias, a exploração, a opressão, as desigualdades, as injustiças sociais, o poder. Apesar da Máquina da Ordem e da Norma fazer a propaganda do Estado empregando as fórmulas batidas de "liberdade" e de "Direitos do Homem".

Esta constatação não tem nada de original. Porém, esta não originalidade não perdeu, ainda, o bom senso que as "banalidades" que vamos repetindo possuem. Mas é um facto, que esta aparente "não originalidade" do discurso tornou-se numa das nossas grandes dificuldades.

Talvez porque o resultado do integral plagiamento teórico do passado seja a mística, a hagiografia, o arbítrio do dogma com o consequente Tribunal de verificação do verdadeiro e do falso. Tudo à medida da metamorfose do final do século: "agentes secretos que se tornam revolucionários e revolucionários que se tornam agentes secretos" (Debord).

Talvez porque, enorme animal sem memória e de vistas curtas, a opinião pública é amnésica, cega diante dos eleitos corruptos e incapazes. A memória dos povos não existe, já que em cada geração esta memória volta à estaca zero!

Talvez porque a linguagem usada pelos especialistas-mediatizadores da comunicação e de outros "conhecedores do homem" se tenha transformado na linguagem onde tudo o que os especialistas dizem não pode ser outra coisa senão verdades.

Diferentemente de um passado recente, onde os sentimentos de rebeldia, solidários e idealistas encontraram uma situação mais favorável, o "homem da rua" caiu num estado de apatia moral desesperante, seguindo os seus novos mestres como seguirá amanhã aqueles que aspiram a sê-lo no futuro. Assim, o conformismo pode dar-se ao luxo de ignorar a si próprio. Aquele que o sustenta e propaga

não têm, na aparência, os meios de se saber manipulado ou manipulador. A sua adesão a tudo aquilo que crê ser forte colocou-o fora das possibilidades de acreditar em qualquer coisa.

As classes dominantes integraram e fizeram seus todos os valores e [illegible]-nos naquilo a que chamaram os Direitos do Homem(2).

Acham graça aos jovens quando ruidosamente mas, claro, devidamente enquadrados nos princípios hierárquicos, se manifestam.

A ecologia tornou-se para o Estado um dos seus mais queridos valores. Revestindo-se de humanidade com preocupações ambientais o Estado empurra o capitalismo para a ecologia.

Os mortos de fome do mundo inteiro, ontem vistos como inimigos a abater, transformaram-se em queridos do seu coração.

Enfim, declaram através da Máquina a sua preocupação pela miséria: famintos, desempregados e outras calamidades "naturais". Reprovam somente os excessos a que esta miséria conduz: revoltas, motins e greves não controladas (2).

Os órgãos do poder permanecem como garantes da anulação do indivíduo e da comunidade, e da origem das injustiças e desigualdades.

O Estado continua com o aparato da imposição dos interesses das classes dirigentes sobre os despossuídos, os governados. Introduzindo em larga escala a informática nos métodos de dominação, os Estados produzem um fascismo tecnoburocrático.

Por outro lado, o Estado encontra-se subordinado, gere e impõe os interesses das multinacionais. Estas concentram em si o capital e a capacidade de decisão, sobrepondo-se aos indivíduos, aos povos, às etnias e às nações.

O exército e forças repressivas têm nas suas mãos a tecnologia moderna capaz de destruição total.

A igreja, o tradicional organismo especializado na imposição ideológica, procura aumentar a sua ingerência na moralidade privada. Negoceia com os governos a sua participação no Poder. Em Portugal ([illegible]), um confessor do Vaticano ouve os pecados do primeiro-ministro e os do chefe da oposição, demonstrando pluralidade, mas também muita influência nos negócios da Nação.

Os partidos políticos são organismos destinados a sistematizar a competência para gerir o aparato estatal. Falaciosos, mentirosos,

impostores, sedutores, insidiosos, substituem, separam e isolam os indivíduos e destroem a comunidade. Competindo entre si, por serem gestores da crise do capitalismo, constituem todos juntos um só partido: o P.O.N. – Partido da Ordem e da Norma.

Os sindicatos são canalizados como organizações subsidiárias dos partidos políticos. Como prova da sua dependência são financiados directamente pelo Estado. Destinam-se, por um lado, a resolver os males provocados pela economia política por via dos pactos sociais, declarados ou não, e que permitem perpetuar a exploração; por outro lado, desviam os despossuídos do inimigo: o trabalho assalariado. No entanto, nada mais há a pedir, nada mais há a melhorar, nada mais há a reduzir. Só uma exigência a ser feita: a abolição do trabalho!

A Máquina – denominada "meios de comunicação" – é um meio de desinformação acelerada e de propaganda política. A Máquina ocupou, em parte, a imposição ideológica que no passado foi exclusivamente exercida pela Igreja. Na actualidade, a Máquina leva a cabo uma acção psicológica sobre o público com o objectivo, nunca dissimulado, de o formar e enquadrar no ambiente político e social das classes dirigentes. Serve à submissão, ao conformismo, à servidão assalariada e à existência dos super-stars da desinformação e de entretenimento alienado.

Além destas instituições dotadas de meios coercivos e repressivos, além do modo de produção compulsório e fascizante, a vida encontra-se na sua totalidade mediatizada através de uma série de abstracções. Por exemplo, a criatividade e a imaginação têm um papel na manutenção da sociedade estatal do espectáculo capitalista.

De facto, na actualidade, os "criativos" tornaram-se um "bem consumível", a partir do momento em que a "abundância económica" foi capaz de estender a sua produção ao tratamento deste tipo de matéria prima. Logo que a criatividade foi integrada na sociedade consumista, tornou-se simplesmente uma forma de alienação.

"A imaginação ao poder!", *slogan* de Maio de 1968, saído do "laboratório" da Internacional Situacionista, foi integrado. A imaginação é poder! É agora o mecanismo central para a dominação da imagem como agente primordial de repressão na sociedade.

E para que tudo isto se mantenha, é necessário que não se saiba. Uma nova raça de especialistas mediatizadores apetrechados de todos os meios técnicos necessários a uma acção de tal envergadura, encarregam-se de criar igualdades claramente ilusórias e, de impossibilitar os valores inconformistas e anti-hierárquicos. Tudo para que exista um só mundo e que toda a diferença, todas as culturas,

todas as classes sociais estejam fundidos na magnífica indiferença de produtores-consumidores/ dirigentes-dirigidos.

Com um pouco de força, de resistência, possamos ao menos contribuir para que isto se saiba. Uma ginástica feita em comum contra a maré dominante.

Um Modo de Ser

Podemos, pois, chamar *modus operandi* ao exercício subterrâneo e continuado do espírito de negação que nos conduz a afirmar um pouco todos os dias **"Não!"** a tudo aquilo que nos dizem e impõem como devemos dizer **"Sim"**.

Todavia, esta acção de resistência nada de semelhante tem com as práticas a que dão o nome de política. O que nos impulsiona é o espírito da rebeldia, inconformista total e solidário, individualista e associativo. É um enorme asco pela forma hierárquica, repressiva, capitalista, espectacular e desumanizada com que a presente sociedade se reveste. É um modo de ser.

E se não há alternativa ao Poder, que consiste fundamentalmente na manipulação e na exploração da realidade, também não há alternativa nos discursos e práticas doutrinárias do movimento operário tradicional e dos seus aliados – por mais mágicas que sejam as siglas e os slogans – que tendem à formação de vocações dispostas a serem usadas pelos condutores de massas e à anulação do indivíduo. Não existirá acção eficaz contra esta praga se não existir compreensão clara da sua função contra-revolucionária.

A rejeição deste conformismo na acção prática leva à necessária crítica global contra todas as formas de poder de separação. Na direcção da descolonização total da vida quotidiana, da destruição e da superação da mercadoria e do trabalho assalariado e, na erradicação do "meio moral", tanto mais culpado quanto mais eficaz. Porque, de facto, os abusos provocados pela economia política só são possíveis pela aceitação tácita do público educado e deformado para esse efeito.

Tal prática – levada a cabo individualmente ou por uma associação de indivíduos autênticos, segundo os seus gostos pessoais, a sua situação, condição e os seus meios -, rejeita toda a reprodução dentro da presente sociedade e das condições hierárquicas do mundo dominante. E rejeita dirigir uma revolução e organizar as casas de cada um. O seu espírito não conformista total, não se satisfaz com aquisições. O que significa que tanto é revolucionário como não

acredita nas "finalidades revolucionárias". Os paradoxos são verdades no futuro, por conseguinte, sérias acracias.

Até agora, as revoluções têm-se negado a si próprias a partir do momento em que se desenrolam, talvez, por via da concepção que surgiu no século XIX, tornando a revolução uma entidade própria, um credo constante, um paradigma religioso tão libertário e revolucionário como é o arquétipo cristão, islamita, budista ou franco-maçon. Para os sacerdotes do credo, o recrutamento a todo o preço de militantes e combatentes eventuais impõe-se. É eficaz, reconheça-se, esta ideia deste modo considerada. Uma revolução assim concebida, seja ela libertária ou outra coisa qualquer, suscita não só o acordo e o entusiasmo dos doentes patológicos, como o de uma juventude inquieta, por vezes revoltada contra o que se faz e o que se é.

Porém, é da natureza das coisas, da natureza dos Homens que uma revolução deste teor seja traída. Porque não consideram serem as revoluções o que elas são objectivamente: acidentes intermitentes de uma evolução contrariada. Por outro lado, o recrutamento através de slogans sumários, da sedução mística e hagiográfica é eficaz na organização política de seitas ou de uma sociedade imposta, ditatorial, mas nunca bem vinda.

O *modus operandi* anárquico de assalto ao mundo dominante, se criar um espaço onde se manifestem os carácteres, consente-se. O espaço é uma tribuna à volta da qual se formam outros carácteres acráticos. Mas se a "tribuna" não for mais do que um escritório de recrutamento, é melhor abandoná-la aos partidos, onde ela é um instrumento normal.

Os rebeldes não têm nenhum interesse em encorajar as vocações a atracarem nas mão dos condutores de massas.

A crítica às ideologias dos organizadores de futuros de ontem, não é senão o desmascaramento dos especialistas de revolução, das "teorias" que se situam por cima dos indivíduos em geral, e dos despossuidos, particularmente. "Isto não leva a nada", dirão os conservativos e os revolucionários de bocas negras e vermelhas. Antes pelo contrário – Oh! Impecilhos da revolta futura! – Levará a tudo. A tudo o que é anárquico. E a uma filosofia de vida acrática, isto é, objectiva e em contínua evolução, relativista, sem ilusões. **Imediatamente e, sobretudo, a uma vida pessoal, rejeitando ser servo ou senhor**[1]**.**

---

[1] As usurpações de sentido e das finalidades intrínsecas do texto, nesta época ocorrem frequentemente visando a renovação sem cessar da sociedade da Ordem e da Norma. A todos eles, e também àqueles que procuram apresentar os rebeldes como animais em vias de extinção por insofismáveis interesses, gente do Poder ou na condição obscura de uma seita "bóficial", – sinal do tempo – o meu sincero desprezo.

[2] vídeo "Memória Subversiva".

Sonata em dó maior

Dedicada às mais ou menos gentes de Izeda, ou Do lirismo bucólico como mentira que esconde outras mentiras

Armando Veiga

ALLEGRO ■ É sempre um prazer escrever algo sobre o torrão natal, mesmo quando se impõe constatar realidades com as quais não comungamos. O presente artigo procura mostrar as diferentes classes sociais de Izeda e as relações que estabelecem entre si. Não o farei de modo frio e científico, pois as relações que o autor mantém com os protagonistas são sempre pessoais e subjectivas. Como despir da sua carga emocional intrínseca um objecto e seres tão embrenhados na memória e na vivência de quem escreve? Se o seu talento fosse o dum Eça ou dum Balzac, o estudo, por certo, não ficaria a dever nada às mais objectivas monografias do género.

ALLEGRO MA NO TROPPO ■ Como em todos os meios rurais portugueses, a propriedade é aqui sem dúvida a escala aferidora do poder. No topo dessa escala vamos pois encontrar os grandes proprietários ou o que resta deles, já que as sangrias nos elementos das classes ricas sempre foram uma realidade inegável. A grande preocupação dos senhores consistiu, em todos os tempos, no envio dos filhos para as capitais do reino. Faz parte da idiossincrasia nacional. Os filhos da nobreza russa eram obrigados pelo czar a partir, os nossos oferecem-se servilmente. É óbvio que os proventos auferidos sempre foram bastantes para catapultar os filhos para as escolas do Litoral, não sendo por acaso que o Estado Novo tinha ministros oriundos das regiões periféricas. Se hoje o fenómeno se repete, isso deve-se apenas à generalização e confirmação do conceito de aldeia global. Exemplo: o filho dum vendedor de gasolina algarvio, trabalho sujo por natureza, pode chegar a primeiro-ministro.

Há também um fenómeno sociológico inovador, que de certo modo veio perverter o esquema clássico do poder. É que a propriedade já não constitui o exclusivo pólo aglutinador das fortunas, se pensarmos, por exemplo, na complicação da vida moderna e na extensão *ad nauseam* de redes burocráticas e centros de gestão. Estamos agora em pleno

reino dos *golden boys* e dos complexos militares e policiais.

LA FAMIGLIA ■ A família mais rica de Izeda forneceu à sociedade, nomeadamente: 1) Um juiz. De início empenhado em estudos eclesiásticos, o pai retirou-o prontamente por não sair logo bispo. 2) Um engenheiro. Este trocou a propriedade por luzidias notas com a efígie do *nosso* pró-Frankenstein, Egas Moniz (veja-se, com proveito, *Voando sobre um ninho de cucos*). 3) Um comodoro da Marinha e médico. O dito só pôs os pés em Izeda quando lhe morreu algum familiar mais chegado, nomeadamente um irmão mais novo afogado num poço, junto à escola primária – anacronismos do subdesenvolvimento que nem toda a dinheirama das C.E.'s poderá colmatar, visto sermos demasiado latinos para não termos parentes na Sicília. 4) Um licenciado em História(s) e Direito(s) aos 60 anos, com oportuna reciclagem na Judiciária. 5) Uma professora primária que se salvou da vulgaridade básica por cooptar para a família o médico disponível. 6) E, *horribile dictu*, a ovelha negra da família, bebedor inveterado, amante de ciganas, delapidador de fortunas, que terminou os magnânimos dias no conforto duma criada, ganha com a escritura dos últimos bens. Graças à sua generosidade, uma outra camada social pôde estabelecer-se duradouramente em terras de Izeda: os ciganos. Deles falaremos mais adiante.

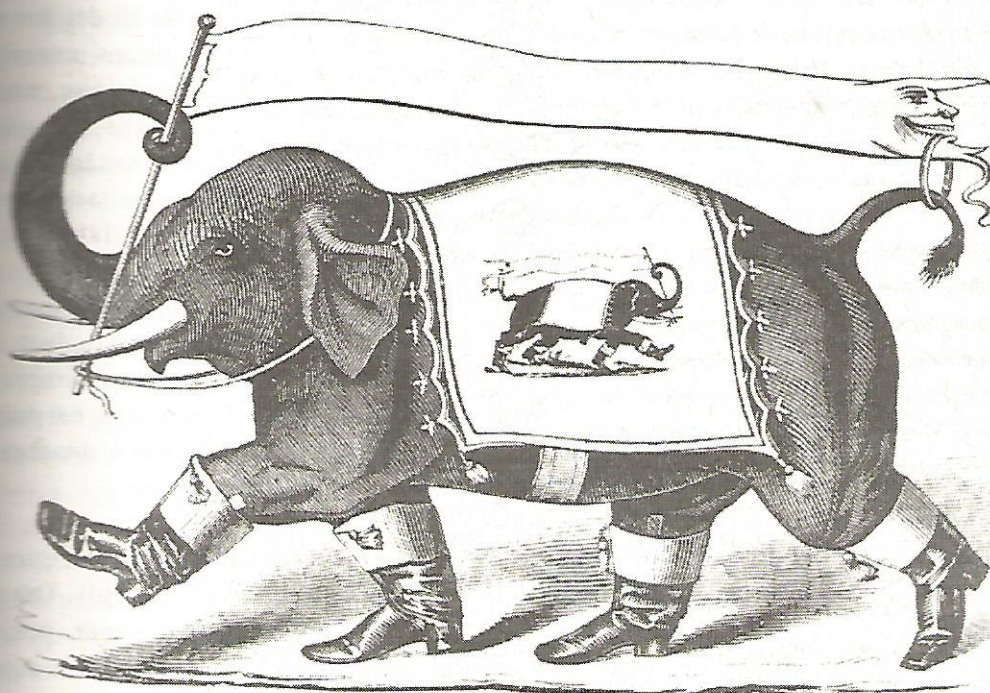
ANDANTE ■ Em traços gerais, o daguerreótipo desta família poderia servir a mais uma ou duas pela importância em teres e haveres. Aristocráticas umas, outras ferozmente republicanas, o seu idílio foi amortecendo com o apagar das paixões. Reivindicam os izedenses o berço duma figura de proa da 1ª República, Alves da Veiga, Dr., o homem que no Porto proclamou a tentativa gorada. Com o triunfo da causa em 1910, pôde voltar ao país, sendo posteriormente agraciado, segundo cremos, com lugar de embaixador em Bruxelas. Não seria despiciendo lembrar alguns dos seus escritos, apontando para uma solução federalista dos problemas nacionais.

ADAGIO ■ Ouvia-se chiar ao longe o velho carro visigótico puxado por uma junta de bois, e quem o conduzia era um dos últimos representantes dessa classe de proprietários-lavradores. Vida arrastada como a chiadeira do carro. À custa de ciclópicos esforços, conseguira parir um advogado. Os outros filhos, elucidados pelo salto do pé descalço, foram-lhe na peugada, também para mais cedo se furtarem à paterna autoridade e ao aporrinhamento. Virão depois (continuam a vir) impreterivelmente mai-las suas viaturas, todos os verões. Cheios de filhos e de objectos que não sabem muito bem para que servem. As propriedades destes andam à deriva, nas mãos de rendeiros ocasionais que lá se vão repartindo entre a jeira e o amanho de courelas.

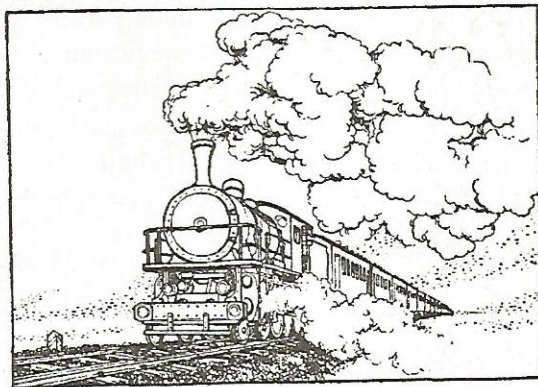
A leva da emigração colocou na mesma situação pequenos proprietários, rendeiros e gente sem terra, constituindo de certo modo esse movimento a saga moderna do povo português. Camponeses empedernidos, jeireiros sem eira nem beira, tiveram de aprender um *modus vivendi* estranhíssimo, mantendo-se fiéis, paradoxalmente, às suas tradições ancestrais. Não foram poucos os porcos que chiaram a derradeira canção nos arrabaldes das grandes urbes francesas, curando-se por lá os chouriços à boa maneira transmontana. Sociólogos profissionais são unânimes, de resto, em apontar a comunidade portuguesa como a que melhor conservou em França a sua identidade cultural – fenómeno cuja contrapartida vamos encontrar no facto de os trabalhadores portugueses terem ficado, nos meios operários, com a triste fama de *amarelos* ou fura-greves.

[illegible]O ■ A arraia-miúda partiu em [illegible]. Os raros indivíduos que ficaram têm [illegible] desenvoltamente emancipados de [illegible] arrogância espontânea dos que foram [illegible] para o festim. Trabalhadores [illegible] pontuais, exibem em cafés e arraiais a [illegible] *sui generis* do tabaco e da coca-cola. [illegible] escapa ao seu sentido apurado da crítica, [illegible] emerguem qualquer coisa desfasada [illegible] seu meio. A violência é-lhes fácil. E um [illegible] para tal forma de ser reside sem [illegible] nas magistrais lições que recebem dos [illegible] banda europeia, nas noites de Verão [illegible]. Ou também porventura nos cursos [illegible] acelerada formação laboral ocorridos em [illegible] vindima ou apanha de tomate nas [illegible] margens do Loire (rio em vias de saque [illegible]ável por parte dos planificadores da [illegible]dade) ou nas áridas paisagens riojanas [illegible]ãs, onde com tanta bravura se bateram os seus iguais de outro tempo contra o conluio da reacção internacional, declarada ou em folha de parra.

INTERMEZZO ■ Gente nem de cá nem de lá, agachapada atrás do balcão, estoutra não perdeu os hábitos das eras em que a confraria não era reconhecida pelo Estado. De desvairadas e múltiplas origens, hoje o elemento judaico nem sequer é o mais preponderante, apesar do rigorismo com que gere seus negócios.

Diga-se em abono da verdade que Izeda é o último povo da Terra a merecer a desonrosa alcunha com que o marcaram: tranca-portas. Porque aqui tudo medra, e já se viram cónegos que bonde deixar prole bem resguardada contra os caprichos da fortuna. Ou até vendedores de peneiras ostentar pedra d'armas no casão. Izeda, talvez pela situação geográfica ou por particular tendência (só aos deuses é dado

conhecer as motivações profundas), faz lembrar aquela Ucrânia longínqua, a dos bravios cossacos e da *Volnitza* (vida livre), refúgio de todos os perseguidos do império czarista. Ou ainda, por acréscimo, a não menos remota Sibéria para onde também se viam enviados à força os outros dissidentes, os do império vermelho.

A emigração, contudo, veio trazer à tona uma tendência profunda do nosso bom povo português: subitamente, com o regresso, foi um florescer de lojas, lojinhas e butiques qual delas a mais ridícula, ficando corroborada a afirmação dum locutor da TV segundo a qual todos temos um pouco de sangue judeu nas veias, mesmo que pais e avós nunca hajam transaccionado uma agulha. É este um novo mistério que aqui fica à disposição do leitor mais expedito.

PIANO ■ Quem é que se pendura à teta? Quem tem um mamar docinho? É a incomensurável e asfixiante classe burocrática e funcionarial, depositária de tudo o que não presta. Já nem a grandeza conspirativa e jacobina que lhe deu origem, segundo o molde francês, ela possui. Herdeiros atrofiados dum gigantismo aberrante e colonial, acomodam-se o melhor que podem ao tacho que lhes vai fornecendo as lentilhas. Temos cá disto, nas bandas e arredores, agravado pela pequenez caricatural que a Província confere a tudo aquilo em que toca, segundo o alquímico modelo que transforma o ouro em chumbo, na ausência abundante de ambas estas coisas. Têm um viver triste e falsamente desmesurado, como o daqueles mendigos que se dão ares de *grands seigneurs*. É a Província escarrada, retractada por quem de direito. Do medroso mangas-de-alpaca ao que manipula uns trinta eleitores, passando pelas aves de mais largo voo, a galeria é completa, ressalvando as proporções.

Izeda é um vilório, perdido nos meandros de vastas montanhas; e à semelhança dos dejectos que topamos nos mais recônditos locais, temos cá um casarão de ensinança & reinserção, limitada, que, caricaturalmente, ainda há poucos anos possuía mais funcionários do que alunos, quando duma escola de jovens delinquentes se tratava, e agora, acompanhando a modernização que vai varrendo o território, se transfigurou em Cadeia Central, onde por certo não hão-de, como antes, faltar fugas. Os ali detidos vêm de toda a parte. Antes, alguns *corrécios* sentiam-se ali bem, fugidos de pior, mas os na mó de baixo dificilmente se podiam acomodar a tal clima, sendo então as fugas permanentes; fugas de uma malta que nunca se recuperará, pois o mal é intrínseco à sociedade que a gera.

Inversamente, os serviços públicos que existem são fruto duma árdua luta das gerações sucessivas de izedenses, sempre em risco de lhes verem retirados os parcos privilégios que usufruem sob a ditadura da planificação e da rendibilidade.

MODERATO CANTABILE ■ É bem estranha a história das profissões manuais. Outrora detentoras duma grandeza ímpar, podiam retirar da sua sujeição no dia a dia aquela ironia que faz as delícias de quantos se

debruçam, por exemplo, sobre os pormenores das catedrais góticas. Notável também a sua organização específica de resistência aos senhores feudais, que lhes mandavam construir secretos meandros nas fortalezas pagando-lhes com a morte. Um pouco aquela história do serralheiro que fez o cofre a Luís XVI. Hoje, a burguesia, esquecida das suas origens artesãs, aonde foi buscar a maçonaria e o espírito revolucionário, apresenta a sua confrangedora imagem num ritual despido de força para suster o rápido avanço duma tecnoburocracia que se ri dela, desprezando o seu modo antiquado de gestão do capital.

Em Izeda já não se pode falar em artesãos, no sentido rigoroso do termo. Existem for-mas híbridas semi-industriais, deixando a qualidade do produto tudo a desejar. A falsificação dos materiais é avassaladora. Onde estarão aqueles móveis em madeira de castanho que serviam a várias gerações? Onde estarão as paredes em pedra da própria região, material de construção inigualável? Não se trata de chorar lágrimas de crocodilo por uma época que passou, mas sim de verificar o empobrecimento real que nas obras humanas se vê a olho nu. O ponto culminante da caricatura e do grotesco está nesse edifício da CEE, sito em Bruxelas, que já tem assinada a sentença de morte só porque são os peraltas do europeísmo que têm de passear por lá o seu fétido cadáver adiado que produz. Esses trabalhadores do ar condicionado!

FUGA ■ Fugitivos são os bens dos izedenses. A sua mata imensa de olival cada vez produz menos. É o preço a pagar pelas monoculturas. Sem uma variedade vegetal, a flora empobrece sem remédio. Este gosto pelo *grande*, esta megalomania, de certo modo nasceram com a imposição régia do século XVI que mandava plantar oliveiras na terra transmontana. O mesmo sucedeu no sertão brasileiro com a monocultura da cana, que transformou em pouco tempo um paraíso verdejante em árido deserto, onde o pau de arara é instituição semelhante à nossa emigração. Ou no Alentejo, com aqueles trigais e eucaliptos. A mania das grandezas nasce sempre para compensar a pequenez real.

Em tempos de acalmia laboral ninguém se conhece. Quando a campanha está à porta, porém, é um salve-se quem puder para recolher os bagos. A dispersão provocada pela acumulação de funções acentua ainda mais a fragilidade da aliança dos senhores da oliveira; e é ver quem mais bajula o pé descalço. Passada a ressaca dos primeiros pagamentos, logo se ouve ganir à socapa ou em surdina, condenar a raposa que adiantou a pata, pois há que ser espevitado e raposão para arranjar obreiros. Vai daí, estes aproveitam a enxurrada para mijarem também no belo charco.

Se apesar de tudo o azeite corre alegremente no prato dos izedenses, no Verão já lhes falta a água. Esta foge pelas vias obscuras e subterrâneas, como acontece aos dinheiros públicos destinados a saneamentos e demais infra-estruturas. A tal ponto que foi esta a carência que um belo dia fez transbordar a gota de água onde ela não existia, magicamente congregando a discórdia comum contra o poder doméstico e o mais afastado. Pela primeira vez todos unidos para uma reivindicação colectiva, o parto daria frutos de que ainda não podemos enxergar o alcance. Nasceu um espírito crítico em Izeda, personificado numa famosa AMLVI, Associação de Melhoramentos Linha Verde de Izeda, cujo objectivo já não se limita a reivindicar só a água, mas também a toalha, o sabão, as piscinas, a cultura e a animação que distinguem uma terra civilizada da toca do lobo a quem deram um título deslavado sem nada de substancial a que meter o dente. Ficou aqui um osso calcinado e recozido pela atmosfera sempre ingrata do

poder. Um osso, não obstante, entrasgado na garganta de muito conspícuo democrata.

CRESCENDO ■ A ironia da História está sempre presente nos seus sucessos: é o mais pobre que arca com as responsabilidades. O homem mais necessitado de Izeda viu-se compelido a dirigir-se até aonde alcançam as ondas da Rádio Bragança, até aonde chega a pena dos jornais, a dirigir-se cara a cara ao primeiro-ministro eleito pela carneirada, a gritar o desfasamento da realidade que é apanágio dos homens do poder. Para cúmulo foi ouvido, pois os argumentos avançados eram de peso, e contra isso nada puderam as novas pedagogias e suas técnicas subtis. Trata-se aqui do conflito que opôs izedenses aos obscuros negócios do poder de Estado, e isto de forma irredutível, como nos bons velhos tempos. É que esse homem, além de pobre como Job, é poeta.

ALLEGRO MAESTOSO ■ O que é que tornará os reis e os mendigos personagens tão complementares, sem ofensa para o mendigo?

Dantes os mendigos calcorreavam os caminhos de todas as partes. Cumpriam uma função eminentemente social, eram correio e jornal, uniam os mais perdidos lugarejos às grandes urbes remotas. Eram, além disso, homens de eloquência animada, e graças aos seus relatos houve até muita viúva que não ficou por casar, também por via dos serviços que estes emissários sabiam agenciar – sempre esperados com alguma ansiedade, a quem nunca faltava um caldo quente... e atentos ouvintes.

Essa tradição perdeu-se irremediavelmente. Temos agora a televisão e o asilo. É porém curioso verificar um recrudescimento assustador de mendigos (mas já são outros) nas grandes cidades, nota discordante ou mancha indelével neste sorriso branco afivelado pela democracia de sucesso. Fenómeno, aliás, ampliado por todos os trânsfugas dos países de Leste que sonham com a paradisíaca América do Norte e aqui vêm esbarrar nesta muralha de mar que é o Atlântico. Coisa que confere à cidade de Lisboa, por exemplo, um pitoresco e um cosmopolitismo que já não via desde as Descobertas, com a sua exótica venda de escravos, ou desde a época das guerras coloniais, com a multidão de transmontanos, algarvios e restantes provinciais acenando nos cais, com brancos lenços, aos filhos que partiam.

Na nossa memória infantil ficaram gravados os relatos, não menos pitorescos e subtis, de reis que, para fugirem à apertada vigilância da etiqueta e conhecerem melhor a realidade dos seus súbditos, trocavam os ouropéis pelos andrajos da miséria. Ou dum Cristo disfarçado de mendigo, só para dizer aos graúdos que a vaidade não salva.

ALLEGRO MOLTISSIMO VIVACE, SPAVENTOSO ■ Partindo da aristocracia rural e provinciana, chegamos a uma outra mais antiga e cosmopolita: os Ciganos. Filhos do vento, as suas origens perdem-se nos meandros duma Índia longínqua e misteriosa. Sociedade de castas por excelência, os Ciganos faziam parte duma aristocracia guerreira. Expulsos daí por Tamerlão, o conquistador mongol, o seu deambular tornou-se uma autêntica diáspora. Presumivelmente por causa da sua longa detença no Egipto, lhes dão esse nome de Ciganos. Derramaram-se pela Europa, a partir da Idade Média, em vagas sucessivas. Dotados de grande poder persuasivo, facilmente conquistavam as graças dos senhores, a isso não sendo porventura alheia a grande beleza das mulheres.

A sua terra de eleição, contudo, foi desde sempre a Andaluzia, talvez pelas semelhanças climáticas com o Egipto. Porém, fosse onde fosse, nunca perderam a sua identidade

própria, nem sequer após o genocídio promovido pelos nazis. Alpendurados nas serras andaluzas, os reis espanhóis viram-se até obrigados a pactuar com eles, perante a invencibilidade de que davam mostras, um pouco à semelhança dos Bascos.

Foram os Ciganos os introdutores de certas técnicas de trabalhos artesanais ligadas aos metais, sendo por isso muito apreciados de início. Com a adopção por outra gente dessas técnicas, a sua importância foi também diminuindo, passando a servir, cada vez mais, de bodes expiatórios; e como não deve haver fama sem proveito, constituíram-se efectivamente na aristocracia do crime. Mesmo quando tinham de pactuar com trânsfugas que se lhes juntavam, permaneciam sempre os eleitos entre os eleitos. Foi tão forte a sua influência que todos os calões das classes marginais ficaram com o cunho indelével do Romanó.

Os de Izeda, solicitados também pela dupla nacionalidade e pela idiossincrasia volátil que é sua, corroborando a afirmação de Baltasar Gracián segundo a qual nada de nosso possuímos excepto o tempo, de que gozam justamente aqueles que não têm paradeiro, os de Izeda, pois, fazem longas estadas por terras de Espanha, das Canárias a San Sebastián (Donostia, como dizem os Bascos), passando por Palma de Maiorca ou Barcelona. Mas a Izeda voltam impreterivelmente; alguns já cá têm os avós enterrados e muitos foram os que cá nasceram.

E também porque Izeda já não pode passar sem o pitoresco da sua presença, sem a animação do seu bairro de Triana, o que, somado às oliveiras, às vezes nos faz pensar que estarmos em Jaén ou em Sevilha. Altas horas, quando os izedenses já há muito repousam das canseiras do dia, percorrem eles as ruas, cantando e marcando compasso com as características palmas. São da etnia kalé, como eles próprios se designam, nome que simplesmente significa *homens* ou *humanos*...

Ei-los, ei-los, ouçamos estas vozes que se vão chegando, noite fora, na calçada – já são eles com certeza, e lá vêm cantando:

Nacimos y vivimos en el mismo mundo
Vivimos y luchamos y no tenemos nada
Esclavos desta vida siempre trabajando
En cambio otras personas que nunca hacen nada
Se llevan la cosecha de nuestro trabajo
Quisiera ser un bandolero de caminos y campos
Quitarseles el dinero a los que tienen tanto
Y darselo a los pobres para que vivan mejor que ayer
Viviendo siempre en la pobreza
Quisiera ser un bandolero de caminos y campos
Quitarsele el dinero a los que tienen tanto
Y darselo a los pobres para que vivan mejor que ayer
Hayer sin darme cuenta he oido a mi padre Hablando
con mi madre del mismo problema
Deciale vida mía no tenemos nada
Yo no sé lo que haria se a nuestros hijos el pán les faltara
Viviendo siempre en la pobreza quisiera ser...

Izeda, Janeiro de 1992

Acampamento Libertário: uma fraterna comunidade

LUÍS CHAMBEL

Decorreu, de 21 a 31 de Agosto, em Izeda, Trás-os-Montes, o Acampamento Libertário promovido pela Associação Cultural A Vida. Mais do que um evento importante, cumprindo um programa de debates, exposições, concertos, performances e outras iniciativas, o acampamento foi uma experiência muito enriquecedora do ponto de vista da criação de uma vida comunitária durante o período em que se desenrolou e uma oportunidade ímpar de contacto entre libertários portadores de diversas experiências. Constituiu ainda uma oportunidade para que os anarquistas pudessem furar o cerco imposto pelos media, divulgando a leitura que fazem do mundo e as propostas que entendem mais consonantes com um espírito de emancipação e de fraternidade humana.

O acampamento libertário não poderia considerar-se, de um ponto de vista formal, como absolutamente conseguido. Em particular, o seu programa de iniciativas não foi integralmente cumprido, sendo, contudo, de considerar, entre estes aspectos negativos, alguns de relativa pouca importância, ou mesmo, para alguns dos intervenientes, de duvidosa importância caso tivessem sido realizados – caso dos passeios de propaganda.

A Assembleia do acampamento foi o seu primeiro momento alto, pelo menos para aqueles que não puderam, por um motivo ou outro, participar nos trabalhos de preparação. Foram aí aprovadas algumas alterações ao Programa previamente proposto e distribuído e realizou-se, ainda nesse dia, a primeira refeição comunitária.

No dia 22, sexta-feira, teve início a exposição de livros e publicações libertárias, a qual se iria prolongar por todos os dias até ao fim do acampamento, dando oportunidade de divulgar muitos textos, sobretudo em Português e Espanhol. Procedeu-se também à passagem do video de José Tavares "Memória Subversiva", um documento

de grande importância sobre a história do movimento libertário português e o seu enquadramento no contexto da realidade internacional de épocas sucessivas.

No dia 23, sábado, passou-se um video sobre a leitura de Noam Chomsky acerca da manipulação dos *media* e do simulacro da democracia, mais em particular no caso dos EUA.

No dia 24, domingo, teve lugar o debate "Novas Tecnologias e Organização do Trabalho", dando-se particular atenção ao desmantelamento da relação de trabalho própria de uma fase anterior do capitalismo e a sua ultrapassagem por um novo tipo de relação que exige o aumento em flecha da exclusão e as consequências, em termos da luta social, deste "novo mundo" emergente.

No dia 25 abriu-se a exposição "500 Anos de Encobrimentos", contribuição de vários artistas empenhados no movimento da Arte Postal (*Mail Art*) sobre a obra genocida de colonização europeia e realizou-se o debate "Dos Cobrimentos", tendo vindo a lume, com particular ênfase, a Expo 98 e sido apontadas algumas formas que poderia assumir a sua denúncia.

Na mesma noite, Júlio Henriques realizou um recital de poesia da tradição oral ameríndia e africana.

Terça-feira, dia 26, teve lugar um debate sobre Marginalidade e Movimentos Sociais num Contexto Urbano, tornando clara a ideia de uma correspondência no campo social da categoria do "marginal" à do "excluído" – esta no campo laboral – e expressando-se a ideia de uma convergência de interesses com potencialidades revolucionárias.

Ainda nesse dia teve lugar a exibição do filme "Patagónia Rebelde", uma ficção baseada na realidade histórica das lutas dos proletários argentinos no primeiro quartel do século.

No dia 27 realizou-se um debate sobre a situação social e o movimento libertário internacional, dando-se informações sobre a situação do movimento libertário na América Latina, Espanha e Portugal. Ainda nesse dia exibiu-se um video sobre os Direitos dos Animais, Alimentação e Agricultura. Iniciou-se ainda, neste dia, uma discussão no sentido de reforçar os laços entre os vários companheiros, organizados ou não em colectivos. Este debate prosseguiu nos dias seguintes.

No dia seguinte, quinta-feira, realizou-se um debate acerca do tema eleições, denunciando-as como forma de alienar das mãos dos cidadãos a possibilidade de controlar a sua própria vida em sociedade, mas abrindo igualmente uma discussão sem tabus sobre formas de denúncia possíveis em período "eleitoral".

À noite teve lugar um debate sobre o tema Liberdade Sexual e Camaradagem Amorosa, tendo-se dado uma atenção particular às taras de uma sociedade patriarcal e às formas organizativas da luta emancipadora das mulheres.

Na sexta-feira teve lugar o debate Modus Operandi de Resistência e Acção Directa, reflectindo sobretudo sobre o conceito de acção directa e a sua aplicação hoje, numa perspectiva revolucionária e emancipadora.

À noite, Carlos Pacheco e Alexandre Afonso proferiram a Conferência Sobre, performance artística não-inocente e espécie de voo da águia pela realidade circundante.

No sábado, à noite, realizou-se um festival

dentro de um espírito libertário, mesmo que não agradassem por completo aos restantes participantes. Um grande painel, à entrada do acampamento servia para troca de mensagens, contactos e afixação de recortes de imprensa e de comunicados, quer dos participantes, quer de outros companheiros anarquistas, quer ainda de outros textos de referência ao acampamento, mesmo se provocatórios – foi o caso de um comunicado assinado como "Acção Directa", mais uma vez contrário aos anarquistas.

de música, que contou com a presença dos grupos X-Tema, Sarna e Intervenzione.

Por fim, no domingo, encerraram-se as actividades públicas com a realização de um almoço de confraternização.

Breves comentários

O acampamento pautou-se por um alto padrão dos valores de liberdade próprios dos anarquistas. Houve espaços de trabalho, como oficinas de pintura e carpintaria, e quem o quis, pôde aí realizar os seus cartazes, ou qualquer outra coisa – por exemplo, uma grande colher de pau necessária para mexer os panelões da cozinha foi aí fabricada por um companheiro – e não se impediu fosse a quem fosse a colocação das suas próprias palavras de ordem,

Houve oportunidade, enquanto se trabalhava na cozinha comunitária, ou se lavava a louça, ou ainda nos intervalos das actividades

políticas programadas – debates, exposições, etc. – para interessantes conversas, que reforçaram os nossos laços de amizade e nos tornaram mais conhecedores da nossa história recente e das lutas de um passado mais remoto. Importante também foi a participação de companheiros com os quais, habitualmente, é mais difícil a nossa relação, separados que estamos pelas fronteiras dos Estados interessados em manter-nos à parte uns dos outros. Estiveram presentes, salvo esquecimento, companheiros da Alemanha (Frankfurt), França (Paris e Marselha) e Espanha (Zamora, Compostela, Corunha, Orense, Vigo, Barcelona), companheiros portugueses, de uma forma individual (Braga,

Carrazeda de Ansiães, Costa
Garção, Lisboa, Lousã,
Quintanilha, Torre de Moncorvo,
Viana do Castelo e Vila
companheiros vindos de núcleos
organizados, mesmo se estes
todos se reclamem estrita-
anarquismo, ou se os companhei-
a título meramente pessoal,
activistas de Penafiel ("Tambor"),
("Olhos de Raiva", "Terra Viva",
Végana", "Cadernos Insurreição" e
"), Leiria (Ateneu Libertário),
("A Batalha", "Singularidades", Casa
), Almada (CCL) e Setúbal ("Experi-

mental"), bem como, naturalmente, vários membros da Associação *A Vida*, sobretudo das de Lisboa, Porto e Bragança.

Com a realização do concerto, no penúltimo afluíram ao acampamento algumas pessoas pouca afinidade com os anarquistas, tendo- afectado um pouco o clima de solidariedade até largamente prevalecente.

Ganhou-se, contudo, em todos estes dias, rica experiência de improvisação, experi- mentação e avaliação de resultados, obtida através progressão das várias tarefas de preparação das condições mínimas do acampamento, a organi- dos espaços do duche, sanitários, cozinha, e mesas, e a concretização, a pouco e pouco, das tarefas específicas referentes a pôr isso tudo a funcionar, já que se partiu do zero, em termos de experiência e de condições preexistentes, tirando o terreno e as ferramentas que um companheiro emprestou.

Mais importante, talvez, do que tudo isso, é que o acampamento, salvo pequenas situações de impaciência ou incompreensão desnecessárias, decorreu numa atmosfera viva, fraterna e estimulante, permitindo viver com volúpia aquele espaço comum.

Puseram-se ainda em prática, de uma forma mais ou menos espontânea, iniciativas de relacionamento entre os vários companheiros e colectivos presentes.

Pesem embora algumas dificuldades, em boa hora foi proposta a realização deste acampamento. Cabe agora avaliar em conjunto a sua realização e tirar daí as necessárias conclusões para o futuro.

Encontro Anárquico
Izeda 1997

Memória de outros acampamentos

O acampamento libertário de 1981 foi um acampamento nómada. O local de encontro foi o festival de música em Vilar de Mouros onde, escolhido o local do nosso acampamento, erguemos a bandeira negra da anarquia. Depois, distribuímos panfletos e montámos banca de venda de livros e brochuras para todos os campistas do festival. Organizámos um "Fumício! O primeiro fumício neste País!" Todos os utentes foram convidados a exibirem publicamente o seu direito a usufruírem do seu corpo e, particularmente, a consumirem livremente cânhamo. "**Meus, vamos todos dar umas passas! – às 15 horas junto ao Moinho Velho**", este era o título do comunicado-convocatória fr que somente o antigo jornal "O Sete" publicou extractos noticiando a presença anárquica de Vilar de Mouros.

Partimos no último dia do festival de música sem esquecermo-nos de deixar claro o que pensávamos das tarifas monetárias estabelecidas. E, uma vez que impossibilitavam a entrada a muitos "tesos", no recinto onde as bandas de música actuavam, resolvemos, alguns de nós, levar à prática alguns métodos para entrarmos "à borla". Objectivo que conseguimos. Partimos em direcção a Miranda do Douro em caravana automóvel (e também motomóvel). Pelo caminho foi distribuída propaganda e foram feitas "pichagens". Acampámos em Miranda do Douro no jardim da cidade e juntámo-nos à festa anti-nuclear organizada pelo grupo ecológico do Porto, "Terra Viva", com colóquio, festa, actuação dos pauliteiros de Miranda, grupos populares do Porto e uma animação pouco habitual na cidade. Presentes estavam pessoas do Porto, Leiria, Coimbra, Miranda, Salamanca, Zamora e Lisboa. A 13 e 14 de Junho tinha havido uma marcha anti-nuclear em Salamanca.

No fim da festa contra a central nuclear de Sayago, o acampamento libertário nómada partiu para Izeda. Acampámos durante alguns dias e neste local se dissolveu. Este foi o primeiro acampamento libertário depois da abrilada. Não houve convites públicos, foi uma iniciativa de colectivos anarquistas de Leiria, Coimbra e Vila do Conde.

O segundo acampamento libertário em S. Jacinto, Aveiro 1984, da iniciativa daqueles que tinham realizado o anterior, foi o primeiro a ser "organizado com alguma antecipação. Sofreu, no entanto, com a falta de experiência em iniciativas do género e, por outro lado, com a inexistência de uma ideia em relação ao número de presenças" ("À Margem", nº2, Boletim de Relações Anarquistas).

Por tudo isto só foi assegurado o mínimo em relação às condições do local em que se realizaria a iniciativa; também, quanto a manifestações paralelas tudo ficou no ar já que a falta de previsão das presenças não permitia a elaboração de projectos concretos.

Com todas estas faltas, acabaram, no entanto, por passar pelo Camping, 50 companheiros entre portugueses, espanhóis, franceses e alemães; número um tanto escasso, principalmente levando em conta que grande número de companheiros portugueses se manteve laconicamente ausente, ao lado dos que, afirmando o seu interesse na realização, acabaram por não aparecer.

De tudo ficou, no entanto, um convívio agradável entre os companheiros presentes; algumas discussões interessantes e uns banhos de mar bastante acidentados. Valeu a pena? Parece que sim, poucas são as vezes que nos encontramos e convivemos. Por isso, todas estas realizações compensam sempre e são uma alternativa às muito divulgadas férias de funcionário público a dois no Algarve...".

No ano seguinte, 1985, o Colectivo Parreirinha, de Silves, que tinha estado presente em S. Jacinto, recebeu no interior do Algarve o terceiro acampamento libertário. Houve debates, discussões, convívio. No entanto, não correu nada bem. Por um lado, por via das verdades absolutas de que alguns participantes deram mostras e, por outro, como o colectivo anfitrião não fumava nem bebia álcool, quiseram estender esta medida a todos os participantes. O resultado foi desentendimentos, prática de fumo e de consumo de álcool clandestinamente. Assim, os debates e discussões foram pouco positivos já que predominava um pensamento autocrático ao bom estilo maoista. Houve, no entanto, um *workshop* sobre o corpo e a sexualidade, muito interessante, organizado por companheiros e companheiras de Barcelona. Outro aspecto positivo foi o exemplo prático, que todos puderam observar: a transformação feita pelo colectivo Parreirinha duma terra outrora árida numa terra povoada de bonitos legumes e árvores de fruto. Resultado de muito esforço e sabedoria daqueles que abandonando a cidade e a sociedade de consumo para ali tinham ido viver.

Este tipo de realizações permite o encontro e o convívio e são espaço de existência e divulgação da acracia. Ocorridos 16 anos desde o primeiro acampamento/encontro anárquico quisemos dar-lhe continuidade. Desta vez, com a "vida" e companheiros que a tanto se dispuseram. Voltando ao "local do crime" pois claro, **Izeda.** Terra olvidada de boas gentes. E, evidentemente, de novo com o meu grande amigo Armando.

J. Tavares

Crise ou Revitalização do Pensamento Anarquista?

J.M. Carvalho Ferreira

Por se revelarem incapazes de compreender a evolução das sociedades à escala planetária e não identificarem as premissas do anarquismo a essa evolução, a maioria dos grupos anarquistas hoje subsistentes tendem a transformar os princípios clássicos em puros dogmas. Uma tal cristalização do pensamento acrata actual é bem visível na sua manifesta incapacidade de compreenderem e de se integrarem em movimentos sociais de alguma radicalidade que nas últimas décadas têm emergido.

Vários factores assumem enorme importância para a compreensão do actual estádio de desenvolvimento do pensamento anarquista à escala internacional. Em princípio, pelas suas diferentes virtualidades heurísticas e racionais, a evolução do pensamento anarquista deveria posicionar-se como uma alternativa francamente positiva, se tivermos em conta a crise que o Estado, os partidos políticos e os sindicatos deles dependentes atravessam e, mais geralmente, a que ocorre nas ideologias e sistemas sociais paradigmáticos. A observação da crise e da diminuição das taxas de sindicalização e da diminuição da actividade da actividade militante política, assim como o desagregação do "socialismo real"[1] e do capitalismo são disso provas insofismáveis.

Torna-se imprescindível, deste modo, equacionar as razões conducentes ao marasmo em que se encontra o pensamento anarquista internacional, na medida em que, manifestamente, não consegue potenciar-se como uma realidade plausível e credível. Para além disso, importa compreender até que ponto o pensamento anarquista radica num conjunto de postulados epistemológicos e metodológicos singulares potenciadores de uma crítica radical do capitalismo e da sua superação histórica, sem que para tal tenha de recorrer sistematicamente a uma análise e a uma acção sustentada pelas contingências negativas da evolução do sistema social vigente. Isto é, a sustentabilidade de uma teoria e de uma prática anarquista não poderá buscar a

sua essência exclusivamente nas contradições e nos antagonismos que emergem do capitalismo. Como filosofia, como ética, como moral e produtores de uma ciência social utópica e radical, o pensamento anarquista tem uma identidade e uma especificidade próprias. Com base nessa diferença teórica e prática, deverá evoluir e fortalecer-se de forma alternativa em relação a todas as ideologias dominantes.

Explicar esse conjunto de interrogações exige que possamos encarar as nossas próprias limitações teóricas e práticas e, ainda, que compreendamos o grau de validade heurística do pensamento anarquista clássico em relação à evolução das sociedades contemporâneas. Simultaneamente, é preciso reconhecer de uma vez por todas que as teorias e as práticas do anarquismo se integram numa multiplicidade de fenómenos sociais, o que implica não as considerar no quadro estrito do denominado movimento anarquista internacional. Elas nunca poderão nem serão pertença exclusiva daqueles que desse movimento se reclamam, mas acima de tudo, são um património da humanidade.

A Crise dos Modelos de Sociedade Vigentes

Em presença do desmoronamento dos países que enveredaram pela via do "socialismo real", estruturado e padronizado pelo marxismo-leninismo, tornou-se quase irrelevante demonstrar as causas que estiveram na origem desse processo histórico. Não obstante, importa salientar sobremaneira as críticas e práticas de oposição a esse modelo de sociedade que, no momento próprio, foram consubstanciadas pelas correntes anarquistas. É justo salientar que logo a partir de 1917 as perspectivas suscitadas por essas correntes se revelaram extraordinariamente importantes naquele momento histórico, podendo assim pôr-se a questão de saber de que modo os vencidos de

antanho têm razão hoje e poderão no futuro emergir como alternativa societal credível.

Mais do que qualquer outra corrente, os anarquistas sempre se posicionaram como críticos acérrimos do socialismo que os bolcheviques puseram em prática a partir de 1917 na Rússia, posteriormente difundido noutras regiões do globo. Contra a sua natureza despótica e exploradora bastaria lembrar um rol quase infinito de denúncias escritas e um conjunto de lutas titânicas que só soçobraram ante as armas e as prisões do Estado socialista. Não apenas ter em mente os exemplos conhecidos de oposição revolucionária ocorridos na Ucrânia, em Cronstadt, Berlim, Budapeste, Varsóvia, Praga, como também os milhões de seres humanos mortos impunemente por terem ousado enfrentar um sistema político baseado na prática do terror e demasiado convencido dos seus dogmas.

De modo algum podemos escamotear as contingências e as situações constrangedoras que também estruturaram essa evolução histórica. A

[illegible] bloqueio do capitalismo internacional [illegible] essa experiência histórica, assim como a [illegible] de uma revolução proletária a nível [illegible], explicam em parte essa evolução. O que [illegible] afirmar é que a história, na sua [illegible] e manifestações sociais, poderia ser [illegible] diversa se nele tivessem podido [illegible] os pressupostos teórico-práticos que as [illegible] libertárias e anarquistas defendiam. [illegible] outros, os exemplos dos camponeses da [illegible] que criaram comunas agrícolas e participaram no movimento maknovista; dos [illegible], marinheiros e soldados que criaram [illegible] revolucionários em Petersburgo, Moscovo, [illegible], etc., foram demonstrações inequívocas [illegible] contra a opressão e exploração, na altura [illegible] pela lógica do "socialismo real".

Do que não subsistem dúvidas é que esse [illegible] político-social acabou por soçobrar ante [illegible] constrangimentos e as contradições internas e [illegible] de que enfermava e sem que para tal fosse [illegible] um movimento de oposição de cariz [illegible] ou anarquista – sendo aqui de elementar [illegible] sublinhar que todos os movimentos sociais revolucionários que se opuseram ao estalinismo [illegible] diante do seu poderio armado e das suas [illegible]. O "socialismo real" desmoronou-se como [illegible] castelo de cartas, porque não conseguiu explorar e oprimir com a eficácia e a eficiência demonstrada até hoje pelo capitalismo dito ocidental e a sua mola real, o mercado. Pelo contrário, o "socialismo real" revelou-se mais claramente despótico e alienante do que aquilo que pretendia, no discurso, destruir, não conseguindo expandir com a necessária proficiência as ideologias e os valores que se corporizavam no seu modelo político. Por tudo isso, no processo da sua desintegração não conseguiu que se desenvolvessem movimentos sociais representativos predispostos a defendê-lo até ao máximo das suas possibilidades. Caiu de podre, com a agravante de ter destruído irremediavelmente recursos naturais que fazem parte do equilíbrio ecossistémico da natureza e, por outro lado, provocado a descrença e a desmotivação em todos aqueles que lutaram honestamente por um ideal que julgavam propiciar a libertação e a emancipação social.

No contexto sócio-histórico actual embora subsistam alguns países que se reclamam do "socialismo real" – China, Cuba, Vietname, etc... – não obsta que seguirão o mesmo caminho da extinta URSS. A reconversão do "socialismo real" no capitalismo dito ocidental tem sido pródiga em demonstrar a mentira e a fragilidade dos valores, da ideologia e da ética do homem soviético que levou quase 60 a anos a construir. Com a emergência e desenvolvimento do mercado capitalista na antiga Europa do Leste socialista, assistimos a uma política do vale tudo, à miséria de muitos e ao enriquecimento de uns poucos. Estes, antes comunistas burocratas que detinham as rédeas do poder de Estado, depressa se reciclaram e aprenderam a profissão de gestores capitalistas do lucro mercantil fácil, do roubo e do narcotráfico. De tudo isto surge uma grande lição: estes países embora tenham evoluído para o capitalismo, não deixaram de ter o selo da opressão e da exploração do homem pelo homem. Lá como cá, o desemprego, a exclusão social, a pobreza, a destruição da natureza não pára de destruir vidas humanas.

Modernamente, em contraponto ao colapso virtual e do "socialismo real", o capitalismo dito ocidental tende a afirmar-se como um modelo dos modelos – universal e unidimensional.

Pensar o capitalismo, como modelo universal hegemónico, é partir do pressuposto segundo o qual este possui um conjunto de virtualidades intrínsecas, todas elas de natureza positiva e incontestáveis. Na triste realidade que atravessamos não é isso que podemos observar. O capitalismo, nos domínios da interacção social, das relações sociais, da divisão do trabalho, da autoridade hierarquizada, da estratificação social e da desigualdade social, demonstra com acuidade a permanência e o desenvolvimento de fenómenos

pautados pela dominação e a exploração.

Evidentemente, o sistema capitalista, regido pelos princípios dos mecanismos do mercado e da democracia representativa formal, pretende serem todos esses fenómenos naturais, correspondentes a um determinismo lógico e racional decorrente das predisposições inatistas da condição humana. Nestes termos, cada indivíduo, sem excepção, encontra-se inserido nas funções e tarefas que melhor lhe correspondem, estando, como consequência, identificado com o grupo social que corresponde às suas opções de mobilidade social e de integração na escala da estratificação social. É-se rico ou pobre, operário ou patrão, chefe ou subordinado, e por aí fora, consoante as capacidades e possibilidades demonstradas por cada indivíduo...

Esta ideologia pseudocientífica enferma de pressupostos desprovidos de consistência analítica. A sociedade capitalista não é um mero somatório de comportamentos individuais racionais, nem tão-pouco a síntese de uma vontade global socializada por individualidades espontâneas e autónomas. É, antes de mais nada, uma realidade contingencial e constrangedora que estrutura relações sociais previamente institucionalizadas e hierarquizadas no sentido da produção da dominação e da exploração do homem pelo homem.

Observem-se, à escala planetária, os resultados práticos deste sistema, com os seus milhões de desempregados e de marginalizados, quer dizer, de gente que morre de fome e de miséria; encarem-se as causas do tédio e da ociosidade obrigatória que acompanham a vida quotidiana de milhões de seres humanos, habitantes dos grandes aglomerados urbanos; reflicta-se sobre os incontáveis seres humanos assassinados e estropiados pelas máquinas de guerra no mundo inteiro; lance-se, por fim, um olhar não distraído para os factores que estão gerando, já de modo acelerado, a progressiva destruição da natureza, registando-se, ao mesmo tempo, os factores que estão a mergulhar quatro quintos da espécie numa sobrevivência de condições infra-humanas e um quinto dessa mesma espécie em profundo tédio, imbecilização ou desespero, num desenfreado e histérico consumo de objectos, tentando viver uma existência sem sentido.

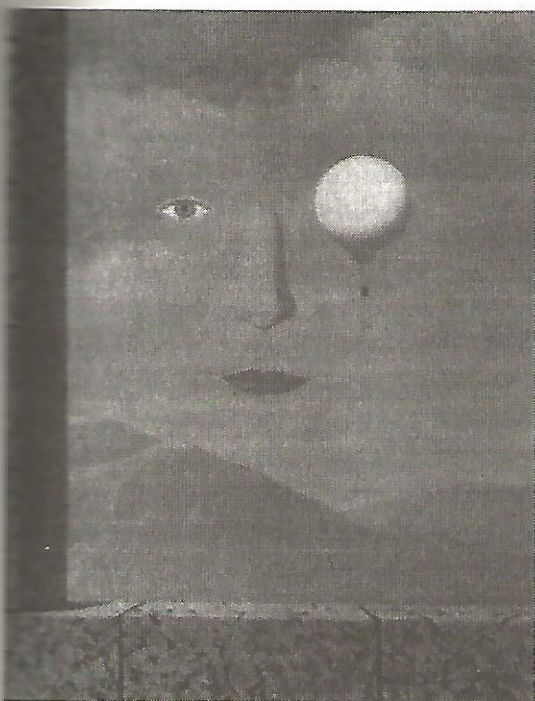
Como sistema social, o capitalismo está vivendo uma crise que tenderá inevitavelmente para a sua extinção. É uma crise de representatividade social, de valores, de modelo de produção e de consumo, e de destruição da natureza.

De representividade social, na estrita medida em que o Estado e as suas instituições, os partidos e sindicatos são demasiadamente ineficientes e burocráticos. O controlo social no sentido normativo torna-se muito difícil, porque os processos de socialização e de sociabilidade são demasiadamente formais e impessoais. A sua legitimidade diminui progressivamente. O Estado, para subsistir, desenvolve os seus tentáculos totalitários sobre os indivíduos e grupos e limita-se a aumentar o número de polícias, prisões e hospitais psiquiátricos. Os partidos e os sindicatos descaracterizam-se, branqueando as suas ideologias, os seus princípios e as suas práticas. Neste caso, diminui drasticamente a militância política e as taxas de sindicalização. Para sobreviverem precisam da ajuda do Estado, caso contrário soçobram.

De valores, já que a sua plasticidade social tende a desintegrar-se. Ainda que os valores da competição, de enriquecimento a todo o custo, de poder e de prestígio social sejam a base comportamental daqueles que dominam e exploram, para a grande maioria dos deserdados, dos excluídos, dos pobres, e dos destruídos moralmente, humanamente não existe espaço de intervenção pessoal e de adesão aos valores primaciais do capitalismo. A religião procura suprir essa desagregação dos valores capitalistas, mas fá-lo de uma maneira bestial e alienante. Procurar a "salvação" da vida terrestre através de ritos,

[illegible], crenças e cultos baseados em deuses com poder infinito sobre os indivíduos, é transformar estes em escravos de desígnios que não compreendem nem podem controlar. Por esta razão, a religião está a transformar-se numa peste moderna, na qual se confundem os valores da *salvação da alma* com excomunhões, assassinatos, aviltamentos dos corpos, alienação. Das cruzadas antigas e da inquisição feita pela Igreja Católica Apostólica Romana até ao actual integrismo religioso muçulmano na Argélia, Irão e Afeganistão pouca diferença existe. Só os métodos é que são diferentes, os fins são os mesmos: erradicar da terra todos aqueles que não professam a sua religião e procuram viver de uma forma livre.

De modelo de produção e de consumo, porque este dá sustentabilidade a uma relação social de produção, à propriedade privada e ao trabalho assalariado que são a essência da produção e reprodução da sociedade numa lógica capitalista. Se tivermos em conta as mudanças operadas pelas novas tecnologias no âmbito da organização do trabalho, verificamos que a reciclagem e a formação profissional, a polivalência, a flexibilidade e as qualificações do factor trabalho estão na ordem do dia. A partir do momento que grande parte da informação, energia e saber-fazer do factor trabalho é integrado nos mecanismos automáticos das novas tecnologias, mesmo que haja trabalho para alguns assalariados com qualificação e sem qualificação, a maioria daqueles que têm essa possibilidade, nunca o poderão ser. O mundo de hoje e de amanhã, será pois daqueles que têm trabalho e não dos que não têm trabalho. Estes não deixarão de aumentar e os outros de diminuir, enquanto subsistir a lógica do modelo de produção e de consumo capitalista. Produzir e consumir mercadorias, eis o dilema. Só que o capitalismo corre o risco de perder a hipótese histórica de produzir e consumir a mercadoria que é a sua essência: o trabalhador. Partindo do princípio de que as relações sociais de produção são opressivas e exploradoras; que o trabalho assalariado gera desemprego, precariedade dos vínculos contratuais, exclusão e miséria; e de que a propriedade privada constrange a classe dominante ao usufruto exclusivo de riqueza mercantil, e que todos os outros dela sejam excluídos; então não existem muitas hipóteses para que o modelo de produção e de consumo capitalista possa subsistir por muito tempo.

De destruição da natureza, porque as relações entre o homem e as outras espécies tendem a deteriorar-se de uma forma irreversível. Sendo o homem um ser da natureza, isso não lhe permite tornar-se dono dela. Contrariamente às teses antropocêntricas que dão corpo e forma aos apetites do progresso e da razão capitalista, como seres naturais que também somos, não se pode continuar a destruir e delapidar o que é vital para a nossa vida no planeta terra. Para o capitalismo, o crescimento e o progresso económico não têm limites. Porém, para a natureza há limites. A poluição atmosférica, dos rios e dos mares; a destruição das florestas e o constante aumento da camada de ozono; a transformação de matéria

orgânica em orgânica através do cimento, ferro e vidro; a impunidade despótica da morte de espécies animais e vegetais, irremediavelmente, levar-nos-ão para a morte. Neste sentido, há que escolher entre a probabilidade da nossa morte ou da perpetuação do modelo de produção e de consumo em que se baseia o capitalismo.

Natureza da Crise do Pensamento Anarquista

Perante a crise demonstrada pelos paradigmas sociais vigentes, pareceria lógico que os vencidos de ontem, e que têm razão hoje, pudessem emergir como alternativa credível. Por mais argumentos que possamos desenvolver, o argumento da razão não é por si só suficiente, nem impede, ademais, que o próprio movimento anarquista e libertário internacional se encontre mergulhado numa crise profunda.

Daquilo que decorre da compreensão da evolução das sociedades à escala planetária podemos, para já, opinar no seguinte sentido: os constrangimentos, as contingências e as contradições dos sistemas sociais vigentes não se mostram auto-suficientes no sentido de estruturarem um pensamento anarquista ou libertário, com a capacidade e a possibilidade de dinamizarem movimentos sociais radicais e emancipalistas.

Esta evidência, demonstrada ao longo da história, apesar das excepções, leva-nos a pensar que não basta a existência de contradições estruturadas pela opressão e a pela exploração, para que mecanicamente os vastos agrupamentos humanos que sofrem as vicissitudes da sua condição evoluam para soluções alternativas identificadas com as perspectivas da auto--organização e do autogoverno de substância anarquista. Mais: os sucessivos desvios ideológicos e "traições" protagonizados pelos partidos e sindicatos de índole socialista ou comunista não têm sido suficientes para criar movimentos sociais identificados com os princípios programáticos do anarquismo.

Do que acabo de referir decorre um conjunto de factores que contribuem para a actual crise do pensamento anarquista. Entre vários, basta observar o pensamento anarquista na sua genuinidade e identidade sem depender das contradições do capitalismo; a luta de classes como o método mais eficaz para a prossecução da revolução social; e o poder como realidade ou função exclusivamente institucional ou estatal.

No capítulo da luta de classes, por influência de premissas marxistas, certas práticas e teorias clássicas anarquistas tendem a ver nela o meio mais relevante para transformar radicalmente a sociedade capitalista. Mesmo que o Estado e os partidos não estejam presentes no processo de luta de classes, para alguns anarquistas são inquestionáveis os princípios miraculosos da acção directa e aqueles que decorrem da acção dos trabalhadores sem "pecado original". Esses princípios, na realidade, são contraditórios. Se as premissas da liberdade e da individualidade são fundamentais para o anarquismo, daí decorre que todo e qualquer movimento social implicando uma estruturação organizacional mínima não deve ser pautado pela massificação e pela alienação individual ou grupal. Neste sentido, se o factor social constrange os indivíduos a defenderem um projecto social de cariz anarquista, o factor individual determinado pela liberdade e pela diferença de cada um constitui a própria essência de toda e qualquer hipotética sociedade anarquista. Só acções individuais livres e soberanas poderão consubstanciar-se numa acção colectiva sem amos nem escravos.

Partindo do princípio de que a liberdade no sentido anarquista do termo só é possível de praticar desde que ela coexista de forma interdependente e complementar com a diferença e a igualdade, torna-se impossível identificá-la com pressupostos de homogeneidade política, social, económica e cultural. O indivíduo social só é

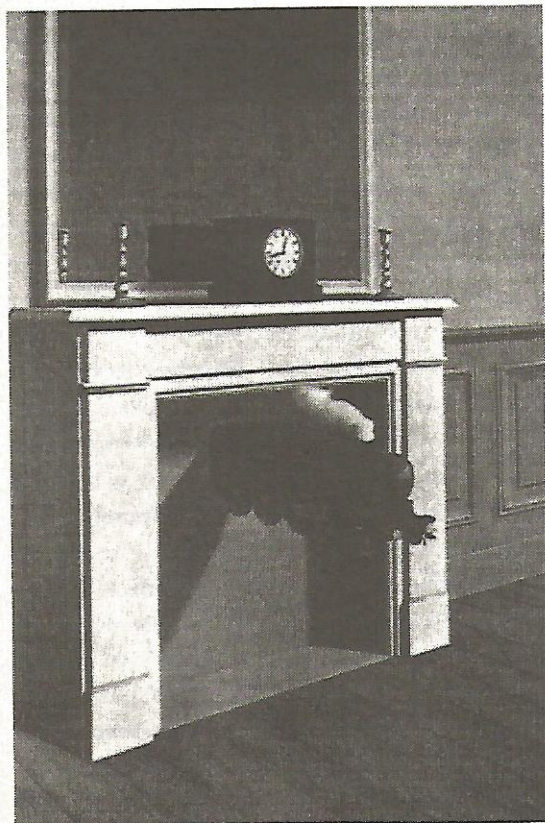
compreensível num quadro complexo de relações sociais que passam por uma multiplicidade de processos de socialização, na qual a liberdade, a igualdade e a diferença são vividas e protagonizadas de forma poliforme. Para haver socialização da liberdade, da igualdade e das diferenças individuais no quadro de uma hipotética realidade anarquista, qualquer construto social corporizado num movimento social deve ser obra de indivíduos livres e não de uma massa indiferenciada de interesses conjunturais. Por outro lado, o determinismo economicista e político da luta de classes tem uma visão deturpada desse fundamento básico, na medida em que baseia a luta de classes nas relações sociais exploradoras nas empresas, e naquelas que radicam na dominação do Estado e do mercado.

Se tivermos em atenção o que acima escrevemos sobre a actual crise do capitalismo, verificamos que hoje a essência da conflitualidade social predomina na globalidade da condição-função de trabalhador assalariado. Trabalhador assalariado é todo aquele que se vende a um patrão e ao Estado. Dentro destes existem aqueles que se identificam com a dominação e exploração exercida pelo Estado e o capital, como existem os que se opõem e resistem a essa realidade. Esta ultrapassa os muros da exploração mercantil das fábricas e da dominação do Estado. A sua raiz conflitual decorre de todos os aspectos da vida económica, social, cultural e política. Estamos antes de mais, em presença de indivíduo assalariado alienado, explorado e oprimido. É na conjugação e integração dos seus interesses e iniciativas específicos com os outros iguais que pode emergir uma acção colectiva de cariz libertário.

Deste contexto podemos já observar um dos aspectos da crise do anarquismo. Ao tornar-se dependente de pressupostos teóricos e práticos assentes na luta de classes, descurou as lutas sociais que resultam de uma síntese revolucionária e emancipalista assente na acção de indivíduos livres e soberanos, independentemente da sua condição económica, social, política e cultural.

Um outro factor da crise do pensamento anarquista consiste na sua visão ortodoxa do poder e, por consequência, no tipo de crítica costumeira que é feita aos partidos, aos sindicatos e ao Estado. Para alguns anarquistas estas instituições são sempre realidades macabras, concebidas por déspotas, burocratas e "traidores" das classes trabalhadoras. Segundo esta visão, o poder é exterior à acção individual e colectiva dos seres humanos. O poder é um flagelo que resulta da existência do Estado e de todo o tipo de instituições e organizações que compõem a sociedade. Se definirmos o poder como um constrangimento cuja substantividade radica na autoridade hierárquica e nas relações sociais formais e institucionalizadas, por outro lado, as tarefas e as funções que lhes dão corpo e forma são concebidas e realizadas por indivíduos concretos.

Admitindo, por observação lógica e racional, que o poder é um fenómeno que gera a

dominação, não posso, todavia, pensar que esse domínio é proveniente exclusivamente de relações sociais hierarquizadas e institucionalizadas. A sociedade, assim como o Estado e outras instituições, não é mera entidade externa aos interesses, estratégias e objectivos dos indivíduos e grupos que a integram. Mesmo em situações hipotéticas de democracia directa pura, os indivíduos enquanto seres sociais interagem como personalidades e comportamentos diferenciados. O indivíduo, ao assumir a sua plasticidade social, ao posicionar-se como ser livre, diferente e soberano das suas decisões, só o pode ser efectivamente se for um ser complementar e interdependente de todos os outros. Mesmo no quadro hipotético de uma sociedade anarquista, para permitir a socialização da liberdade, da diferença e da soberania, torna-se imprescindível criar um direito social que permita a emergência da igualdade em termos de direitos e deveres.

Estamos em presença de um contrato social estruturado por relações sociais formais e institucionalizadas, embora sem Estado, sem autoridade hierárquica, e sem dominação. Só que o poder não é exterior ao indivíduo, à sua soberania e à sua liberdade, mas doravante é parte integrante e essencial da sua relação com todos os outros. Neste sentido, em qualquer tipo de sociedade, o poder, ao revelar-se uma realidade intrínseca da acção individual e colectiva, nunca poderá ser extinto.

A contestação feita aos partidos, aos sindicatos e ao Estado fica esvaziada de sentido se não tivermos em conta a essência do poder nas suas formas individuais, sociais e organizativas. Não podendo abolir-se o poder, trata-se, isso sim, de o socializar no sentido da potenciação máxima da liberdade, da fraternidade, da reciprocidade e da diferença, de forma a estruturar-se uma organização social identificada com os princípios e as práticas do anarquismo.

É verdade, entretanto, que o Estado, os partidos e os sindicatos se encontram numa crise profunda e assumem, cada vez mais, uma função alienadora. Parece necessário, por essa razão, desenvolver a crítica radical a seu propósito. Mas isso não deve obstar a que se possa lutar dentro dessas instituições. A transformação radical da sociedade deve ser realizada com vista a maximizar o processo de mútua aprendizagem social e intercomunicação, tendo presentes as grandes mudanças de estrutura que é imperioso concretizar.

Por se revelarem incapazes de compreender a evolução das sociedades à escala planetária e não identificarem as premissas do anarquismo a essa evolução, a maioria dos grupos anarquistas hoje subsistentes tendem a transformar os princípios clássicos em puros dogmas. Uma tal cristalização do pensamento acrata actual é bem visível na sua manifesta incapacidade de compreenderem e de se integrarem em movimentos sociais de alguma radicalidade que nas últimas décadas têm emergido.

Mesmo com o agravamento da crise capitalista a nível mundial, acompanhada com a já sabida crise de legitimidade de partidos, sindicatos e Estado, parece manifesta a incapacidade de desenvolvimento das premissas tradicionais anarquistas junto desses movimentos sociais. Os movimentos ecologistas, por exemplo, assim como os que são protagonizados por correntes feministas, homossexuais, desempregados, jovens, idosos ou minorias étnicas, têm em geral por isso sido integrados na lógica da actividade partidária, religiosa e até na acção reformista do patronato e do Estado.

Cenários Possíveis Para uma Alternativa Anarquista

Tendo presente a evolução e a crise do actual paradigma de sociedade e a crise do pensamento anarquista à escala internacional, interessa sobremaneira delinear alternativas pensáveis.

Em primeiro lugar, não podemos continuar a posicionar-nos como figuras expectantes de um sistema social perpassado pela miséria, antiga e moderna, pela opressão e a exploração. Observar e revelar não é suficiente; é também necessário agir nos diversos aspectos em que se torna crucial dinamizar processos de mútua comunicação no terreno. Trata-se, antes de mais, de fomentar um diálogo e uma informação que possam estruturar a auto-consciencialização, a auto-organização e o autogoverno.

Em segundo lugar, enveredar por esses objectivos implica a existência de uma considerável mudança no comportamento de muitos que se reclamam como defensores do anarquismo. A premissa, elementar entre os anarquistas, da não existência de amos e senhores, deve pautar todos os nossos comportamentos, inclusive quando pronunciamos a palavra e temos a pretensão de estar praticando o anarquismo. Isso poderá revelar-se viável se aqueles que apregoam a sua qualidade de anarquistas não se constituam como instituições ou agrupamentos idênticos aos das igrejas e dos partidos. Se a anarquia não é e nunca poderá ser um dogma, os seus princípios e a prática desses princípios jamais poderão emergir em modos inquestionáveis e absolutos. É pois impensável e absolutamente de rejeitar a persistência de eventuais *papas, cardeais, bispos ou padres* no seio do anarquismo que tenham a ousadia de se autoconstituirem como protagonistas da inclusão e da exclusão de comportamentos soberanos que assentam na individualidade de cada um.

Todos os indivíduos são, por natureza e sem excepção, diferentes, não obstante poderem tender para uma igualização social, na medida em que aspirem a projectos comuns. Conforme cada experiência de vida pessoal, aprende-se a conhecer e a viver potencialidades da anarquia a partir de perspectivas diferentes, sendo impossível atingir uma homogeneidade comportamental, pesem embora as intenções em contrário.

O anarquismo, nesta perspectiva é polissémico e só pode ser uma diversidade comportamental na teoria e na prática. Diversidade essa, porém, baseada numa unidade indestrutível: a liberdade, a criatividade, a espontaneidade e a responsabilidade máxima dos indivíduos que integram a sociedade. Ou seja, uma pluralidade de ideias e de práticas prosseguindo um objectivo comum: a emancipação natural e social da espécie humana.

Impõe-se deste modo que as práticas e teorias do movimento anarquista ao nível local, regional, nacional e internacional evoluam no sentido da tolerância, da diversidade. Sem que isso implique a descaracterização dos seus princípios básicos. Só assim podemos tornar-nos interdependentes e complementares uns dos outros, por forma a construir as sínteses potenciadoras da revitalização do anarquismo. Numa sociedade onde as transformações tecnológicas em curso potenciaram de forma gigantesca e diferenciada as capacidades e possibilidade de

comunicar e informar, não utilizar com a proficiência devida essas hipóteses torna-se um contra-senso histórico. Por outro lado, essas tecnologias de comunicação e de informação possível condicionam e inviabilizam, em algumas situações, práticas e teorias baseadas na clandestinidade, na intolerância e no dogmatismo. Indivíduos e grupos que mantêm estes processos mais não fazem de que repetir mecanicamente as formas ideologizadas do seu pensamento, e com a sua prática nada mais fazem que definhar o anarquismo.

Finalmente é preciso pensar a anarquia como um processo histórico infinito. Ninguém poderá afirmar que um dia viveremos numa sociedade anarquista. Enquanto a natureza existir e, portanto, a própria espécie humana, esta tenderá como ser social, a evoluir no sentindo de um aperfeiçoamento sistemático e progressivo. Poderemos e devemos caminhar no sentido da construção de uma sociedade sem Estado, sem amos e sem escravos, mas isso não obstará que subsistam nas múltiplas relações sociais dessa hipotética sociedade resíduos de opressão e de exploração. Assim, antes de transformarmos radicalmente a sociedade em que persistimos, temos nós próprios de enveredar pelo desenvolvimento da auto-consciencialização, da auto-organização e do autogoverno que se encontram em directa sintonia com o anarquismo.

Hoje, é demasiado ridículo e contraproducente continuar a esbanjar energias e a difundir informação ideologizada contra aqueles que na ideia de alguns são *maus anarquistas*, quando, em contrapartida, não se é sequer capaz de congregar esforços que permitam realizar eventos à escala local, regional, nacional e internacional. Se conseguirmos observar e apercebermo-nos da crise profunda do capitalismo, se soubermos criar um pensamento anarquista com uma identidade específica e adequado à evolução da sociedade, teremos grandes hipóteses de fazer singrar as nossas ideias e as nossas práticas.

Muitas coisas há a fazer. Jovens, mulheres, idosos, minorias étnicas, desempregados, excluídos sociais, trabalhadores assalariados, etc., poderão caminhar no sentido da emancipação social e da anarquia, se os seus princípios e as suas práticas adquirirem plasticidade social. Isso não se afigura impossível de realizar através de realizações autogestionárias a nível da produção e do consumo de bens e serviços; da criação e dinamização de rádios, jornais, televisão; de manifestações contra todo o tipo de opressão e de exploração; de manifestações culturais, congressos, seminários, edição de livros, brochuras, panfletos, etc... Caso nos afirmemos nestes domínios, poderemos caminhar no sentido da criação de uma comunidade e de um projecto social que poderemos posteriormente denominar de anarquista.

Se conseguirmos criar condições de pensamento e acção consistentes, de forma a dinamizar as diversas possibilidades aqui encaradas, é verosímil que o movimento anarquista internacional possa sair do seu actual marasmo. Caso se mantenham no seu seio as actuais circunstâncias ideológicas e práticas, não é difícil vaticinar que a crise do anarquismo ainda perdurará por muitos anos.

---

[1] O conceito "socialismo real" é sem dúvida complexo e, por vezes, é utilizado de forma arbitrária e ambígua. Em meu entender, é difícil delimitá-lo, quer em termos epistemológicos, quer em termos sociopolíticos, culturais e económicos. A sua origem epistemológica é polissémica. Marx, Fourier, Saint-Simon, Proudhon, Condorcet, Owen, Bakunine, Engels, etc... Se pensarmos que existe uma compreensão e uma explicação diferenciada desse conceito entre esses autores e entre outros que os precederam, difícil será, senão impossível, determiná-lo rigorosamente em termos das suas fronteiras e conteúdo, enquanto objecto de observação e objecto científico específico. Na sua plasticidade social, a partir da revolução de 1917 foi possível avaliá-lo e reformá-lo. Embora o marxismo-leninismo resultasse duma realidade socio-histórica na qual não existiam as condições objectivas e subjectivas consideradas imprescindíveis segundo Marx, com vista à possibilidade de realização da sociedade socialista, nem por isso podemos deixar de enquadrar a revolução russa no âmbito da grande experiência histórica do socialismo. No sentido teórico e prático, o conceito socialismo deixa de ser uma noção ideal tipificada, para passar a ser observado e interpretado conforme tenha existido ou exista na realidade dos fenómenos sociais analisáveis. Por outro lado, se quisermos entender os conflitos ideológicos que atravessaram um conjunto de sociedades nos séculos XIX e XX e deram origem a partidos e sindicatos de ideologia socialista, temos que nos socorrer das suas diferenças e das suas contradições. É por sabermos ter esse conceito sido objecto de tergiversações por parte do marxismo-leninismo e de outras ideologias políticas, que achamos preferível chamar as coisas pelo nome com que existem e se vêem ideologizadas. Daí a razão de "socialismo real" aparecer entre comas.

Notas & Comentários

A forma extrema de privatização: Polícias do narcotráfico

"Estes só têm um propósito e cedem à besta a sua qualidade de homens e o seu poder... e ninguém poderá comprar e vender, com excepção daquele que tiver o carácter, o nome da besta, ou número do seu nome"

Apocalipse, Cap. XIII, V. 17

Março de 1994 – Vinte e cinco elementos do Pelotão de Segurança da PSP do Porto foram presos por suspeita de "utilização de métodos ilícitos no combate ao tráfico de droga".

Outubro de 1995 – O capitão e quatro cabos da GNR da Régua foram presos por envolvimento no tráfico de droga.

Fevereiro de 1996 – O Grupo Especial de Acção e Pesquisa da GNR, no norte de Portugal, comandado por um sargento, foram acusados de 14 crimes: associação criminosa para o tráfico de drogas, corrupção e extorsão, são algumas das acusações. "Os militares da GNR, agiam em estreita colaboração com os traficantes, com o único fim de fazer dinheiro."

Junho de 1997 – O sargento que comandava o posto de Paços de Ferreira, foi preso no presídio militar de Tomar por tráfico de droga.

Se as receitas geradas pelo narcotráfico são muito superiores ao total da "ajuda pública ao desenvolvimento do terceiro mundo", o efeito de uma supressão do tráfico de "droga" seria, portanto, muito mais importante do que a interrupção das "políticas de ajuda ao desenvolvimento". A coca e a dormideira são as duas únicas produções agrícolas que se "portam bem" nos denominados países subdesenvolvidos. A ordem de grandeza das recitas da "droga" e do orçamento de alguns Estados não são diferentes. Com o dinheiro do narcotráfico, quase se pode comprar certos Estados.

Não admira, pois, que certos polícias se sintam atraídos. E não somente polícias como também políticos, guardas fiscais e de fronteiras, funcionários de companhias aéreas e de navegação, militares, presidentes de repúblicas, juizes, ministros de Estado, banqueiros,..., foram descobertos por todo o mundo envolvidos no tráfico de "droga". É que com este negócio, a esfera dos interesses públicos é para o futuro capaz de realizar colossais fortunas privadas.

☆

A forma extrema de privatização: o anarco-stalinismo

Todo aquele que se iniciar num movimento que desconhece parece-se com os pescadores da praia de Pedrogão, descritos por Aquilino

Ribeiro no seu livro "Batalha sem fim". Procura o tesouro escondido algures na areia da duna. Agarra na pá e começa a retirar a areia. Consegue, ao fim de certo tempo, abrir um "buraco" considerável mas logo a areia desaba e tapa o "buraco". Começa de novo mas quanto mais se esforça por abrir uma cavidade na areia tanto mais depressa ela se fecha de novo. Esgotadas as suas forças, tem que renunciar à tarefa.

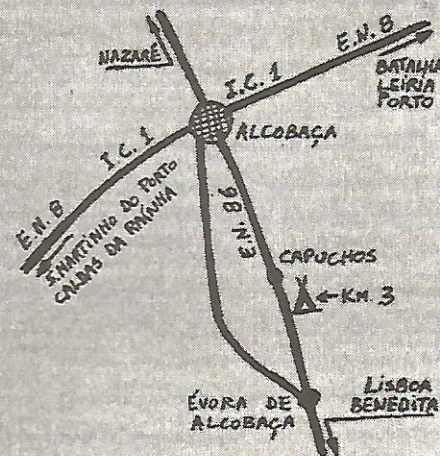
Também naquilo que se pode denominar de movimento libertário em Portugal, no primeiro contacto tudo vai bem. Aparece uma variedade de novos conceitos e factos que o "iniciado" há-de compreender e, com ânimo jovem, alegra-se vendo que os compreende. E quanto mais adianta e aprofunda os seus conhecimentos e a sua prática, maiores são as exigências que se fazem não só à inteligência como, sobretudo, à memória. Não somente se há-de supor que entendeu como também que reteve o apreendido e o vivido, pois não é nem útil, nem saudável, nem evolucionista, nem revolucionário repetir mimeticamente tudo uma e outra vez. Todavia a isto há que acrescentar o aparecimento de provocadores que não lhe são familiares, e sobretudo uma novilíngua onde o verdadeiro significado e fim daquilo que os provocadores contra-revolucionários afirmam e dizem ser é o seu contrário. Isto pode ser confuso para quem não pode ver a acção provocatória. Acção. Aliás, que senão é manipulada directamente pela obscuridade é movida por motivações obscuras. Então, chega a hora de aliviar algo na tarefa do leitor e de simplificar tudo o que for susceptível de simplificação.

Quem é e quem não é anarquista?

É anarquista todo aquele que for possuidor do cartão oficial, passado, evidentemente, pelo anarquista que tem o cartão e o carimbo bóficial que todo o cartão de qualquer etiqueta oficial tem.

E o que faz e não deve fazer o anarquista?

O anarquista faz aquilo que o guardião do carimbo e a etiqueta oficial dizem ser bom fazer.

O anarquista não faz nada daquilo que o guardião do carimbo e a etiqueta oficial não querem que ele faça. Em caso de dúvida o anarquista deve dirigir-se ao guardião ou a

qualquer repartição da etiqueta bóficial.

Resta deixar dito que este tipo de "acção", para a verificação do falso e do verdadeiro, é "marxo-stalinista" e pode muito bem ser alugado às autoridades competentes em eliminar qualquer ensaio de características subversivas.

O *Che* e Cuba

Guevara não foi um grande entusiasta dos comunistas russos. Consta que odiava neles a obediência cega a que os russos sujeitavam partidos e "povos irmãos". Ele e Fidel Castro de um modo efectivo necessitaram dos russos para Cuba poder sobreviver. Foi o P.C. russo que até à Perestroika a ajudou a manter-se. Todavia, Castro e Guevara especialmente queriam um "socialismo latino americano" distinto do "socialismo frio" dos russos. Os países da América Central e do Sul, particularmente países como a Venezuela, Brasil, Argentina e México, possuidores de recursos, poderiam garantir ao "socialismo cubano" a autonomia em relação ao bloco de países russificados. É esta ideia que fez com que o Che Guevara e os seus amigos cubanos partissem para a Bolívia e ensaiassem constituir no coração montanhoso da América do Sul uma forte base guerrilheira. Um foco. O revolucionário profissional leninista substituído pelo guerrilheiro profissional castro-guevarista. A guerrilha como "forma superior de luta". Isto é, profissionais na guerrilha para tomar o poder.

Pese embora os americanos dos USA estarem avisados pela lição cubana e pela experiência da derrota do Vietname, o fracasso da "epopeia" guevarista não se explica somente porque o governo dos USA imitou os guerrilheiros mas sim porque estes não obtiveram o apoio que queriam obter da população sofredora. Vivendo empobrecidos e isolados na selva, habitando na sua imensa maioria nos grandes centros urbanos da América Latina, tinham já perscrutado que os profissionais guerrilheiros queriam substituir os velhos governantes no poder. Isto nada podia trazer-lhes. A terra nacionalizada, o Estado dono e senhor absoluto das coisas e dos Homens continua a deixar o desapossado na mesma condição. Guevara morreu vítima dessa fórmula gasta que, afinal, nunca resultou no sentido da emancipação total dos oprimidos. Cuba não é mais do que uma ditadura de partido único e o partido, pelo seu lado, está submetido à ditadura de Fidel Castro.

Para não serem enganados os desapossados têm que se emancipar por si próprios

Varrer as figuras políticas com o objectivo de serem os oprimidos e os explorados os sujeitos activos da história e os protagonistas da mudança, através da democracia directa e da transformação da economia política em fisiologia da sociedade. Este é o esforço a fazer por todos os interessados, aqueles que estão à margem do "desenvolvimento" e do "progresso". Progresso da tecnologia das redes de comunicação do conhecimento científico em geral, mas que não acompanha as transformações e mudanças sociais culturais e económicas, no sentido de superar o regime de propriedade no campo, através da formação de livres associações e comunidades agrícolas de diferentes culturas e de tipo cooperativo e autogestionário. E nas cidades, constituir livres associações e conselhos desburocratizados que, através da participação directa dos associados, na produção, gestão e distribuição do excedente, possam, eles, desenvolver a democracia com auto-administração e o autogoverno, sem profissionais da política.

José Tavares

Nas Ruas Inesperadamente

O Largo do Conde Barão de largo só tem o nome. Resume-se, afinal, a um simples prolongamento da Rua da Boavista, ali um pouco alargada, com uma minúscula ilha quase ao meio, para refúgio de peões equilibristas, rodeados por um permanente movimento de veículos e pessoas que passam apressados, vindos não se sabe de onde e idos não se sabe para quê.

A toda aquela turba o trabalho reclama a sua presença. Todos conduzem ou caminham apressados, correm, gesticulam, cumprimentam-se fugitivamente, de quando em vez, sempre sem tempo nem vagares para o viverem. Todos menos os sete ocupantes permanentes do Largo. Sete amigos, senhores das ruas, que ali se abrigam em permanência, raramente se afastando mais do que aquilo que a sua voz alcança.

São os vagabundos do sítio. Sujos, indolentes, amantes do álcool e pedinchões, porém solidários, rebeldes, praticantes do sol, da noite e da liberdade.

Naquele outonal fim de tarde todos se encontravam na reentrância proporcionada pela enorme montra dos antigos Armazéns do Conde Barão, há que anos votados ao abandono, com patrões desaparecidos e empregados lançados nas ruas. Formavam um semi círculo no sobrelevado patamar da entrada principal, em mármore, tal como os degraus que do passeio contíguo lhe dão acesso. Os antigos proprietários orgulhavam-se da fachada de vidros e mármores, que o seu poderio mandara construir, antes que a estranha falência votasse ao abandono o enorme edifício, que progressivamente, vazio de gentes e de coisas, se foi arruinando.

Protegida da inclemência do tempo pelas paredes de vidro laterais daquela antiga entrada nobre do imóvel, pousada no marmóreo patamar, jazia uma bem feita cama. Colchão, lençóis, cobertores, almofada e edredon. Lá dentro, por entre os cobertores, emergia o rosto e parte do tronco de um velho seco de carnes e de cabelos inteiramente brancos, envergando um pijama azul às riscas, enquanto na cabeça exibia um daqueles barretes que certos velhos não dispensam para dormir.

Por entre o falatório e comentários de todo o grupo levantou-se uma voz. Era o Filósofo, sexagenário de meã estatura e magro como uma tábua. A face é tisnada, como a de todos os que vivem ao sol e à chuva. O cabelo e a barba, há muito por fazer, desgrenhados e sujos não dissimulam a longa cicatriz que lhe corta verticalmente a face esquerda do sobrolho ao queixo. Faz um gesto a pedir acalmia aos amigos e grita: "Temos de fazer alguma coisa. O Ti Janica não pode ficar aqui!".

"Mas afinal o que é que se passou? É que eu assim não percebo nada...", interpôs a Elvira, a única mulher do grupo, que além das marcas do sol, como todos os restantes, exibe também no rosto as sequelas que o álcool lhe imprimiu, numa mistura perversa que mal deixa perceber os contornos delicados de uma mulher, surpreendentemente ainda jovem. Certo é que o trajar também não ajuda. Roupas oferecidas que

melhores dias já conheceram e agora lhe caiem no corpo encardidas e com nódoas, a exemplo de todos os presentes, com a notória excepção do imaculado pijama do Ti Janica.

A resposta veio com o ribombar do vozeirão do Filósofo, de tal forma audível que meia dúzia de transeuntes, trotando daquele lado da rua, direitos a casa, na fuga quotidiana para longe da engrenagem salarial, alarmados com o estrondo, se imobilizaram, especados perante tão insólita cena. Encostados uns aos outros exprimiam interpelações através do movimento dos corpos assépticos e normalizados, enquanto os olhos atónitos despontavam dos rostos, por regra submissos, para manifestarem um misto de desassossego e mórbida curiosidade, de tal forma intensa, que o longílineo Frankenstein, chacoteou com a sua tonitruante voz de baixo, talvez impregnada com o produto com que fazia brilhar os sapatos dos seus clientes da caixa da graxa "Vê se falas mais baixo senão estes gajos amanhã já não vão vergar a mola". O efeito conseguido com esta observação foi prodigioso. Enquanto o Filósofo passou a gritar ainda mais alto, com quantas forças tinha, os atrapalhados ouvintes desandavam, com pouca discrição, chegando mesmo, um ou outro a ruminar entre dentes "não querem é trabalhar".

O sussurro não escapou, porém, ao apurado ouvido da Elvira, de tísica, dizia O Rei dos Cães, seu companheiro de há vários anos, que de imediato lançou aos atónitos burocratas a conhecida sináletica imortalizada por Rafael Bordalo Pinheiro, na figura do ZÈ Povinho, enquanto o Rei lhes exibia uma enorme garrafa de laranjada, ainda meia de vinho, que rapidamente fora buscar ao carrinho de rodas, pouco maior do que os do supermercado, onde, entre papelada e trapos dispersos, transportava três pequenos rafeiros amarelos, seus permanentes companheiros de deambulações por ruas e becos do sítio.

De novo as atenções se concentraram no Filósofo que, sem ligar ao incidente, se esmerou no verbo fácil. Antigo tipografo, há mais de 20 anos que deixara de bulir. Como alguns dos seus companheiros tinha uma pequeníssima pensão, a que, por raras ocasiões, juntava os proveitos de ocasionais biscates. Dormia onde podia e pedia para os copos e para a bucha. Amante da liberdade, professava ideias anarquistas. "A anarquia é a reserva moral da humanidade", repetia amiúde para os seus amigos que, conquanto não o entendessem plenamente, admiravam muitas das ideias que exprimia, como aquela de cada um ter de pensar pela sua própria cabeça. Tratava-se, neste caso, da solidariedade, por isso proclamava: "Hoje é o Ti Janica, amanhã podemos ser nós".

"Tá bem, mas nós não temos casa", fez ouvir o Benfiquista, fortuito vendedor de lotaria da banca da Ti Carlota e ardente apaixonado do vinho branco e do Benfica, cujo agigantado emblema jamais abandonava a sua lapela.

Os Lixados da Vida

"Isso já nós sabemos" ripostou o Filósofo, "só o Frankenstein é que tem aquela quartola. Mas imagina tu que te correm do vão da escada da Ti Carlota, como é que ficavas? E então o ti Janica, com esta idade, habituado a viver num quarto como é que ele vai ficar? Como é que vai resistir? Isto tudo porque o sacana do Castro só quer é dinheiro. Acham bem que um homem desta idade com uma pensão de 20 e tal contos tenha de pagar 20 contos de quarto, senão vai para o olho da rua? Acham bem que só os que têm dinheiro é que podem ter casa? Acham bem que o dinheiro domine as nossas vidas?"

"Não! Não! "gritavam todos, cada vez mais alto e o Rei dos Cães para fazer ouvir a voz do desespero, pôs as mãos em concha à frente da boca, e gritou, o mais alto que os pulmões lhe permitiam, "Nós", e apontava para a Elvira, "há mais de 4 anos que andamos a dormir pelas

camionetas e pelas escadas, só porque não temos dinheiro, porque não temos trabalho. Já trabalhei muito quando era novo, não ganhei nada com isso, estou-me cagando para o trabalho e para o dinheiro. Nós só queremos..." procurou concluir com esforço "só queremos viver e partilhar com os outros...", mas o maldito nó que lhe apertava a garganta embargava-o cada vez mais e não conseguiu prosseguir. Puxou a garrafa e bebeu um valente gole. Foi a mulher que prosseguiu "Todos temos direito à vida, porque é que o malandro do Castro não deixa o Ti Janica em paz?"

"É sempre a merda do dinheiro, da ambição, da ganância", rematou o Pinguinhas, o mais jovem de eles todos. Vinte e cinco anos ainda não tinha feito e desde os 22 ali estava. Desde que fora despedido de um armazém de fruta da Ribeira e o grupo o protegera e adoptara.

O Filósofo ouvia tudo e acenava com a cabeça em sinal de assentimento. Os minúsculos olhos de coelho resplandeciam de prazer, por entre o emaranhado dos pêlos da barba e do cabelo, enquanto perscrutavam as faces dos colegas, todos à sua frente, excepto o Escritor, que, como habitualmente, se sentava contra a parede um pouco adiante, segurando a sebenta e a esferográfica, prolongamentos naturais da sua anatomia. Era um quarentão, mulato, alto e forte, que passava todo o seu tempo a escrever gatafunhos e palavra ou curtas frase sem nexo em sebentas sem fim.

Escrevia e rescrevia coisas como trf45 vde hymnh02, não quero, não, paz, paz e paz. Assim comunicava com o papel, seu mudo interlocutor de todos os dias, com quem partilhava vida. inteira. Os colegas respeitavam-no e, quando era caso disso, defendiam-no das bocas parvas dos transeuntes.

Enquanto o Escritor assim vivia o Frankenstein lia. Leitor compulsivo nada do que passava pela banca da Ti Carlota lhe escapava, jornais, revistas, banda desenhada, livros e folhetos, horóscopos e passa tempos, tudo era lido comentado. Na leitura competia com o Filósofo, este de livros, que devorava nas bibliotecas públicas, ele de jornais.

Entendia Ter chegado o momento de dizer algo importante, por isso endireitou a sua enorme estatura, que o fazia sobressair entre todos os outros, tanto quanto a relativa limpeza, afinal era o único que dormia num quarto. E disse: "Meus amigos todos estamos de acordo em condenar esse filho da puta do Castro. O que temos de resolver é o que vamos fazer para ajudar o Ti Janica. De palavras bonitas já temos o saco cheio, mas nós, a quem esses gajos não ligam nenhuma, que é que podemos fazer? Sabemos muito bem que quem tem muito dinheiro tem o poder para tudo. Para mandar os outros trabalhar, para mandar bater e, se quiserem, até para mandar matar. Mas nós que nada temos, a não ser a razão, como é que vamos impedir que este homem apanhe uma pneumonia e morra aqui no meio da rua? Esta é que é a questão."

Todos se entreolharam. Olhares de angústia e de revolta cruzavam-se entre si, enquanto de ouviam-se imprecações. O Benfiquista gritou "Seja como for isto não pode ficar assim", enquanto o Pinguinhas ameaçava "Esse cabrão do Castro não se vai ficar a rir". O Filósofo ergueu-se o mais o que pode para intervir, todo o grupo o acompanhava com o olhar. Atentos, uns aos outros encostados, poderiam ser classificados, pelos especialistas destas coisas, como um bando de mal vestidos, sujos e sem maneiras. O viver nas ruas não cria o burguesmente decantado "beatifull people". Contudo a beleza não era alheia a este ajuntamento. Sem o servilismo dos bem pensantes e bem vestidos, exibiam, sem peias o desprendimento e dignidade dos amantes da liberdade. O Filósofo, o mais insubmisso entre todos exclamou bem alto: "Aquilo que o Frankenstein diz é verdade, mas nós temos mais força do que aquilo que se julga. Não se esqueçam que o povo é como o boi, não conhece a força que possui. Arrasta a canga pelos campos fora e submete-se a tudo, mas se um dia descobre a força que tem,

levanta a cabeça e vai tudo a eito Nós temos de erguer a cabeça e enfrentar este problema do Castro. Vamos levar o Ti Janica de volta para o seu quartinho. A bem ou a mal".

A Força Que o Povo Tem

Num repente todos os lixados da vida ali presentes, aqueles que tinham sido excluídos das pantufas e do carro, simples produtos descartáveis de utilização precária, juntavam as vozes numa denúncia unânime do opressor comum, o dinheiro e tudo o que ele simboliza.

O execrado inimigo há muito fora identificado. Chegara a altura de o enfrentar.

Até mesmo o Escritor, avaro na palavra, que poucos se gabavam de ter ouvido, soergueu-se nos calcanhares e proferiu de forma bem audível "o dinheiro é uma merda", enquanto erguia a sebenta onde se podia ler em enormes caracteres de imprensa "Quero ajudar o Ti Janica".

O espanto que invadiu os presentes foi acompanhado de brados de exaltação

de todo o conjunto. Elvira esticou-se e, espetando a magreza do seu corpo, proferiu num grito veemente, enquanto puxava para trás o gorro castanho que habitualmente lhe cobria cabeça, "O Ti Janica só fica na rua se nós quisermos! Vamos lá voltar a pô-lo no seu quarto. A bem ou mal! E o cabrão do Castro tem de se aguentar senão leva nas trombas...".

Elevaram-se nos ares os clamores arrebatados das errantes personagens. Foi nessa altura, que o Pinguinhas exclamou, perante o brando sorriso do velho encamado que repetia, entre a esperança e o desespero, "Ai se vocês me fizessem isso", "Vamos a isto, amigos. Mas, primeiro, porque é que não pedimos a mais malta amiga para nos ajudar? Cá por mim posso ir à Ribeira falar com o Sueco e os outros...". Não chegou a concluir porque a Elvira, depois de uma rápida troca de palavras com o Rei do Cães, atalhava, bem alto, na sua voz estridente e, insolitamente infantil, "E nós vamos buscar a malta do Jardim de Santos, tenho a certeza que o Conquistador a, Nini e todo o maralhal, não dizem que não".

Já todos se ofereciam para pedir reforços junto dos vagabundos da vizinhança, organizados em pequenos clãs de afinidade, sobrevivência e território.

Depressa se puseram em marcha. O Frankenstein foi o primeiro a sair. Em passada largo, como lhe permitiam as longas pernas, a ia ele em demanda de apoio junto dos tipos do Corpo Santo.

Menos de uma hora depois todos estavam de volta. Muitos poucos se negaram a apoiar a exigência. Juntos, às portas do vetusto armazém, formavam um grupo de mais 40 pessoas, mal vestidos, mal alimentados, parias do capital que deles se servira enquanto necessitava e os utilizava ainda como um mau exemplo, para os cidadãos normalizados. Os mesmos cidadãos que olhavam com desconfiança para aquele insólito ajuntamento de gente mal vestida e sem maneiras

Rapidamente se puseram de acordo, sobre o rumo a seguir e, sem mais aquelas, aí iam eles Largo fora, quase todos homens, não mais de meia dúzia de mulheres, em desfile que os levou à estrangulada Rua do Merca-Tudo, onde, há dezenas de anos a fio, morava o Ti Janica.

Formavam um grupo determinado que, por uma vez, dissera não aos medos que há tanto tempo os acossavam, e ao egoísmo e luta sem quartel, que os dividia, no combate quotidiano pela sobrevivência.. "Que se lixe", respondera o Sueco, louro e emporcalhado amante do sol, das mulheres e do vinho, que por aqui ficara a vagabundear, quando alguém lhe disse para não se expor muito porque para a polícia era um "estrangeiro".

Eram solidários, sem excepções, prontos a tudo para defender o escorraçado. Um velho como ele, habituado à cálida tranquilidade dos cobertores, não podia ficar na rua. Por isso arremetiam contra todos os perigos, seguros da sua razão, enquanto se multiplicavam as excla-

mações entusiásticas da vizinhança.

Quatro homens tinham pegado nas pontas do colchão e, elevando-o acima das suas cabeças, acarretavam um improvisado andor, onde, em vez de um boneco de madeira magnificente, repousava um enrugado e extenuado trabalhador.

Os vizinhos pobres chegavam-se a eles e, ema vez conhecedores dos acontecimentos, não tardavam a integrar a insólita procissão. Assim, ao chegarem à porta do Ti Janica o cortejo era constituído por mais de duzentos indivíduos. O alarido atraia cada vez mais gente, e a pequena rua estava inundada de gentes indignadas e curiosas. Até mesmo as varandas dos velhos prédios, de dois e três andares, ficaram rapidamente cheias, com mulheres de ar cansado e vida magoada, manifestando o seu apoio ao vizinho com palavras e gestos expressivos, enquanto se debruçavam sobre o parapeito de madeira assente na composição floral de ferro forjado, antiga protecção de todas as sacadas do sítio.

O ajuntamento era tal que, o Castro nem teve tempo de dizer água vai. Mal abriu a porta uma pequena multidão entrou de roldão pela casa dentro e depositou com cuidado o colchão, em que continuavam a transportar o Ti Janica, no seu leito original.

Face aos protestos e diligências do dono casa para devolver o hóspede à rua choveram os insultos e o Filósofo disse-lhe com serenidade, mas bem alto "Se voltas a expulsar este homem venho cá e desfaço-te". As aclamações inundaram a escada e a rua., apinhadas de gentes.

Era o princípio da noite e com excepção dos habitantes dos prédios limítrofes, ainda muito tempo na rua e nas janelas, a comentar o sucedido, todos os outros se foram afastando da Rua do Merca-Tudo.

Na Tasca do Corcunda

Todos estes acontecimentos me foram contados pelo Raul, quando nessa noite, entrei, como habitualmente na Tasca do Corcunda, ali na Rua do Poço dos Negros, para beber um copo. Quando regresso a casa, quase noite, nesta altura do ano, vindo do trabalho, no armazém da Almirante Reis, anseio por uns dedos de conversa com os amigos. Por isso todas as noites, faça chuva ou faça frio, depois do jantar, digo até já à minha Leonor e aos miúdos e vou até à Tasca do Corcunda. Quando está bom tempo levo os miúdos comigo ou a Leonor vai lá ter, para tomar um café. Mas isso é às vezes, enquanto comigo é sempre certo, só falho se estiver doente, o que é coisa rara.

Moro ali quase em frente e a Tasca do Corcunda é, quanto a mim, um local de convívio bem agradável. Entramos por uma porta larga e bastante baixa que, antes de perder a cor, já foi verde escura, lá dentro, enquanto não nos habituamos, é difícil distinguir as pessoas e as coisas, porque o Corcunda não é de grandes iluminações, para não gastar muita electricidade. O chão muito gasto, é de lajes de pedra, tão antiga como o prédio, que, dizem os entendidos, é do tempo do Marquês de Pombal, as paredes caiadas com mais de três metros de altura, juntamente com tecto com arabescos em gesso, dão vida a uma sala enorme, ao fundo do qual está o balcão de madeira, com tampo de mármore, em vários pontos já partido. Quanto às mesas, também com tampos de mármore são muito compridas, ladeadas de bancos corridos a toda a sua largura.

Há sempre um ambiente animado, muita conversa, uns copitos, uns petiscos e um convívio diário, que se repete ao longo dos anos e das gerações, sempre estimulado pelas piadas e simpatia do Corcunda, que por sinal não tem qualquer aleijão, deve a alcunha ao facto de ser forte e atarracado, quase sem pescoço, amante do convívio e folgazão, como talvez não se esperasse duma pessoa com o seu aspecto físico.

A tudo isto juntam-se os petiscos da D. Leontina, a mulher do Corcunda, que trabalha na cozinha, do outro lado do balcão, auxiliada pela

uma filha a Terezinha, uma jóia de moça, que, quando há muito movimento também ajuda às mesas. Além delas há também os dois outros filhos, o Nelo e o Raul, na casa dos 20 anos, como a irmã. É gente impecável e com quem todos nos damos bem.

Por tudo isto sou o chamado freguês certo. Encontro os amigos e, por vezes, uma ou outra cara nova que dá à costa, conversa-se, convive-se um bocado, longe das chatices do armazém, sempre num ambiente animado. Animação é coisa que ali não falta, mas como naquela noite é que eu nunca vira nada semelhante, ao longo dos anos e anos que frequento a Tasca.

Todas as mesas estavam cheias, bebia-se, cantava-se, davam-se vivas, num ambiente de alegria tamanha que eu não consigo descrever. Isto tudo era visível logo ao entrar. Uma vez lá dentro, reparei que muitas daquelas pessoas eram gente das ruas. Lá estavam aqueles do Largo do Conde Barão, que há anos eu conhecia do dia a dia. Lá estava o Filósofo, que cumprimentei com um sonoro "olá vizinho" e a seu lado, entusiasmado a falar com o Benfiquista, sentava-se o Frankenstein. Enquanto me encaminhava para o balcão reparei, ainda na mesma mesa, de costas, no Pinguinhas. Atentei em redor para as outras mesas e o pessoal era o mesmo. Surpreendido dirigi-me ao Raul, já tinha visto, muitas vezes vagabundos do sítio ali na Tasca do Corcunda, mas todos ao mesmo tempo, acompanhados por muitos outros e ainda por cima tão alegres e ruidosos era coisa de espantar.

O Raul é o único filho da família que decidiu estudar. Frequenta a Faculdade de Medicina e ajuda a família no estabelecimento. É por isso que às vezes, nas alturas dos exames, não vai trabalhar. Mas hoje ali estava, talvez ainda mais atento e sorridente do que o costume. Serviu-me a habitual ginginha, para a ajudar a digestão, e contou-me tudo o que vira. "Ó Zé, o que se passou hoje foi inacreditável. Esta malta conseguiu deitar para trás das costas, as invejas, a mesquinhez, o egoísmo, tudo aquilo que os leva à competição na luta pela sobrevivência, para se unirem no apoio a um amigo em dificuldades. Depois vieram para aqui comemorar.", finalizou,.acrescentando ainda mais arrebatado "Só queria que tivesses assistido a tudo, como eu. A Malta ali do Largo conseguiu pôr toda a gente em desassossego, o Filósofo então foi..." Nesta altura interrompeu a descrição e, de olhar atemorizado, apontou-me para a porta que se situava atrás das minhas costas. Desencostei-me do balcão e virei-me rapidamente na direcção apontada. Percebi de imediato a razão do seu pavor. Um grupo de seis polícia, altos e espadaúdos acabara de entrada na Tasca. Corpulentos, de cara fechada, com aquele ar que fazem os moços de forcados em plena lide, avançavam em dois grupos de três, encostados às paredes laterais da sala.. Nas cabeças tinham umas boinas pretas com fitinhas e nos pés grossas botas e polainas da mesma cor. Envergavam uma farda de colete e calça, de fazenda grossa, azul muito escura e bem seguros nas mãos exibiam compridos cacetes de coiro, próprios para a agressão que se adivinhava

Lá fora à porta estavam mais dois no mesmo preparo, e percebia-se, na rua fronteira, a silhueta de uma carrinha ou ramona, como por aqui chamamos aos carros que transportam os presos.

Um manto de silêncio foi-se abatendo sobre os presentes e o estrépito da cavaqueira ia-se abafando à medida que os polícias avançavam pessoa a pessoa, mesa a mesa., como a sombra de um nocivo eclipse. Todos se iam perguntando ansiosamente, apenas pelo olhar, sobre o tipo de catástrofe que não tardaria se iria abater sobre nós.

Todos ou quase, porque o Filósofo, de pé, em pleno uso da palavra, concentrado na sua própria eloquência, tal como aqueles que mais próximo dele estavam, não se apercebera de nada. Nem de polícias, que continuavam a avançar silenciosos para o fundo da sala, dispondo-se para o cerco, nem do terrível mutismo do auditório.

Olhei para o Raul e vi-o, mudo, rosto apavorado, fazendo gestos para o Filósofo,

tentando travar-lhe o discurso comemorativo. Mas nada o distraia do verbo fácil e entusiasta com que zurzia o "Castro e todos os Castros que nos reduzem à servidão".

Olhávamos desesperados uns para os outros e as palavras não nos saiam das gargantas. Um polícia destacara-se entretanto da sua fila e dirigia-se para a mesa do Filósofo, cacete na mão já levantado.

Assustados, o Raul e eu, apoiavamo-nos com furor no balcão, sem saber o que fazer, enquanto o polícia se aproximava do orador entusiasmado.

Foi então que ocorreu o evento mais prodigioso das nossas vidas Acontecimento que decerto não voltaremos a viver. O Filósofo, que não deixava de discursar, batendo nos capitalistas e no Estado, exortando-nos à liberdade, continuava a discorrer com o mesmo ardor de sempre, mas por que artes não sei quais, começou, subitamente, a transformar a sua cara, mudando as feições, o aspecto, o penteado, tudo, até a idade. E num repente à nossa frente estava ali, com a mesma voz, a mesma conversa fácil e incisiva, com o mesmo corpo, coberto de roupas velhas e sujas, uma cara diferente, de outra pessoa. E, como se o espanto não chegasse, essa cara era, nada mais nada menos, que a do primeiro ministro, António Guterres.

De súbito todos os fragores da Tasca voltaram, o espanto estava no ar. Esquecemo-nos da polícia, dos perigos que trazia e dos nossos medos. Queríamos perceber o que se estava a passar, entender como era possível semelhante fenómeno.

Explicações houve muitas e continuam a surgir. Para uns foram fenómenos paranormais, para outros uma alucinação colectiva, muitos dizem que foi milagre, outros ainda que foi o efeito dos vapores do álcool concentrados no ar, enfim esclarecimentos não faltam. Há mesmo quem diga que nada se passou, mas eu estava lá e posso assegurar como tudo aconteceu.

Certo é que aconteceu como acabo de relatar. E mais ainda, quando os polícias se deram conta do que sucedera entreolharam-se hesitantes, mas o que se passou em seguida decidiu-os.

Como se não bastasse um primeiro ministro a Tasca do Corcunda passou também a contar com a presença de um Presidente da República. O Frankenstein, como sempre impaciente por falar, sem se dar conta do ambiente que vivíamos, aproveitou uma pausa do amigo, a seu lado, para se levantar e botar discurso. Já dissera as primeiras palavras quando o estranho evento se repetiu. E agora tínhamos ali a discursar, à nossa frente, a cabeça do Presidente Jorge Sampaio, assente no corpanzil mal enroupado do Frankenstein. O cabelo ruivo já ralo, a face marcada, os óculos de marca, a voz grave e pausada e o gesto fácil eram os de Sampaio, mas as palavras eram as do engraxador. A seu lado, ainda de pé, o Filósofo calara-se, enquanto compunha a melena com a mão direita e esticava o pescoço gordo e flácido, tal qual o primeiro ministro.

Nesta altura já nós estávamos por tudo e não ficaríamos surpreendidos se a Elvira nos surgisse repentinamente com a cara da Hillary Clinton ou Rei dos Cães se transformasse no Papa, mas o mesmo não acontecia com os representantes das chamadas forças da ordem, aterrorizados e boquiabertos.

Foi nessa altura que o Pinguinhas, sentado frente ao Frankenstein e já bem bebido, olhou surpreendido para a cara do amigo e lhe gritou " É pá estás tal e qual o chefe do Estado", ao que este, chocarreiro, ripostou de chofre, apelando à memória dos enfadonhos discursos políticos, que consumia diariamente "Na minha qualidade de chefe do Estado decreto a imediata extinção do Estado"

Era demais para os dignos zeladores da ordem, que sem ordem nenhuma, saíram em tropel da Tasca, que, momentos antes, tinham arremetido mansamente. Entraram a correr nas carrinhas e, a alta velocidade, rumaram a caminho da esquadra

[illegible] conseguiram despertar o chefe do seu [illegible]. Que fazer? Precisavam de ordens.. O [illegible], não se fez rogado. Após breves comentários [illegible] "estranho mundo em que vivemos hoje em [illegible]", ordenou, algo incrédulo, mas acima de tudo [illegible], que o assunto fosse dado como encer[illegible]. "Nunca se sabe o que vai na cabeça dos [illegible]nantes, seriam mesmo eles, o que seria afinal? [illegible] sabemos nem ninguém vai saber e quanto [illegible] se falar do assunto melhor. O caso está [illegible]rado e se o tal Castro cá voltar mande-o dar [illegible] volta", concluiu dirigindo-se ao subchefe.

Aqui no sítio, entretanto, nós continuamos a comemorar a dupla vitória daquele dia, falamos muitas vezes disso, mas explicações para o acontecido não temos. Ou melhor temos tantas quantas as pessoas, cada cabeça cada sentença, com se costuma dizer.. Até os vizinhos que não estiveram presentes naquela altura ensaiam a sua explicação e houve mesmo muitos, que, por causa de tudo isto, passaram a frequentar a Tasca do Corcunda, que continua animada como sempre.

José Luís Félix

DESENHOS DE DAVID SAAVEDRA A PARTIR DE UM POEMA DE ALBERTO PIMENTA:
Pequenos acontecimentos
MATÁ-LOS. MATÁ-LOS À PANCADA. DAR-LHES PANCADA ATÉ OS MATAR É O QUE DEVIA SER.
DISSE A MULHER
E A SENHORA QUER VIR DEPOR CONTRA ELES?
PERGUNTOU A AUTORIDADE
PORQUE NÃO?
DISSE A MULHER
MATÁ-LOS. MATÁ-LOS À PANCADA. DAR-LHES PANCADA ATÉ OS MATAR É O QUE DEVIA SER.
DISSE O HOMEM
E O SENHOR QUER VIR DEPOR CONTRA ELES?
PERGUNTOU A AUTORIDADE
PORQUE NÃO?
DISSE O HOMEM
MATÁ-LOS. MATÁ-LOS À PANCADA. DAR-LHES PANCADA ATÉ OS MATAR É O QUE DEVIA SER.
DISSE A CRIANÇA
E PORQUÊ MEU MENINO?
PERGUNTOU A AUTORIDADE
PORQUE SIM.
DISSE A CRIANÇA

DUMA OUTRA AMÉRICA

A ideologia norte-americana está hoje omnipresente na vida quotidiana portuguesa. O caso, sob investigação, tornou-se óbvio a partir dos anos 80, com a *popularização* da vaga dita neoliberal, assente numa nova enxurrada de mistificações para consumo das massas: total liberdade do mercado, reino de quem quer pode, riqueza ao alcance de quem adira de alma & coração ao sistema canibal. Na realidade tratava-se apenas dum novo passo deste sistema económico global, alastrando os seus mecanismos a todos os interstícios onde possa sacar dinheiro aceleradamente, numa interligação cada vez mais sublime das empresas e do Estado. Por conseguinte, as coisas oriundas dos E.U.A. (roupas, bonés, modas, cibernética, bastardização da fala, e sobretudo imagens) que se encontram hoje disseminadas na sociedade portuguesa, são muito singelamente os subprodutos vomitados pelos meios de massas, num típico processo de colonização mental cujos efeitos se podem verificar na domesticação política. O modelo US mantém a sua sedução com base numa propaganda política que aos cegos pós-modernos parece não o ser, matraqueada sobretudo via televisão e cuja celeste mensagem é unívoca: adiram a isto, integrem-se, *entreguem-se*. Mas ***isto*** é uma entidade avassaladora e tonitruante cuja morbidez se vai escancarar na violência. Como o trabalho destes Goebbels modernos é feito com a fria eficácia que se impõe, a América antiespectacular é profundamente ignorada. E como para as massas só existe o que a televisão destila, é como se a América verídica, traumática e desastrosa *mas* insurrecta e crítica, pura e simplesmente não existisse. A básica ignorância que graças aos meios de massas rodeia a cultura norte-americana é apenas um dos aspectos da miséria hoje democraticamente servida aos «cidadãos». Por força das mais intensas contradições que sacodem a sociedade estadunidense, centro do império onde progride o mais frio dos monstros (o Estado), as ideias que em contraponto ali se desenvolvem são expressão de lutas sociais cujo processo é essencial ter-se em conta na Europa. A poesia escrita, que não exprime directamente essas lutas, reflecte todavia um estado de espírito a reclamar sintonização. Ouvir e ver para lá dos ecrãs...

POESIA NORTE-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

• SELECÇÃO E TRADUÇÃO DE JÚLIO HENRIQUES •

FRAGMENTOS **KENNETH REXROTH**

Enquanto houver uma classe inferior,
Nela estarei. Enquanto houver
Um elemento criminoso,
Dele farei parte. Aonde houver
Uma alma na prisão, não serei livre.

◆

Força de trabalho no mercado,
Poder de fogo no campo de batalha,
Uma só coisa são, apenas dois
Aspectos do mesmíssimo monstro.

◆

O futuro há muito se sumiu
E o passado nunca há-de ocorrer
Só isto possuímos
O nosso único sempre
Tão parco tão infinito
Tão curto e assim tão vasto
Imortal como estas mãos que se tocam
Eterno como o vinho iluminado que bebemos
Todo-poderoso como este único beijo
Que não tem começo
E que nunca
Nunca
Acaba

◆

Vi de súbito a meus pés
Desfraldados por sobre o solo da noite, lingotes
De trémula fosforescência,
E em redor lascas difusas
Duma luz pálida e fria, duma luz viva.

(1963-1979, excertos) *In* KEN KNABB, *The Relevance of Rexroth,* Berkeley, 1990

W.S. MERWIN DOIS POEMAS

Aos insectos

Entes mais velhos

estamos aqui há tão pouco tempo
e temos a pretensão de sermos nós os inventores da memória

esquecemos o que é ser como vós
que de nós se não lembram

lembramo-nos imaginando que será como nós
aquilo que nos sobrevive

e lembrará o mundo como surge aos nossos olhos
hão-de porém ser os vossos olhos a encherem-se de luz

sem cessar vos matamos
e em vós nos transformamos

devorando as florestas
devorando terra e água

e disso morrendo
desterrados de nós mesmos

a vós vos deixando o alvorecer
na sua antiguidade

Agradecimento

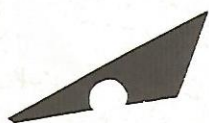
Escutai
com o cair da noite vos dizemos obrigado
paramos nas pontes fazendo vénias sobre o parapeito
saímos a correr dos aposentos de vidro
com as bocas cheias de comida para ver o céu
e dizer obrigado
estamos à borda d'água a agradecê-lo
à beira das janelas olhando lá pra fora
nas nossas direcções

chegados duma data de hospitais chegados duma agressão
depois dos funerais dizemos obrigado
após as notícias sobre os mortos
conhecendo-os ou não dizemos obrigado

através dos telefones dizemos obrigado
à soleira das portas e na parte de trás dos carros e nos elevadores
lembrando guerras e a polícia à porta
e os espancamentos nas escadas dizemos obrigado
nos bancos dizemos obrigado
diante das autoridades e dos ricos
e ante todos os que nunca hão-de mudar
dizemos sempre obrigado obrigado

com os animais a morrer à nossa volta
levando os nossos sentimentos dizemos obrigado
com as florestas caindo mais depressa que os minutos
das nossas existências dizemos obrigado
com as palavras a apagarem-se como células de um cérebro
com as cidades crescendo sobre nós
dizemos obrigado cada vez mais depressa
mesmo sem ninguém a ouvir dizemos obrigado
obrigado dizemos e acenamos
negra ideia esta

De *The Rain In The Trees,* Knopf, Nova Iorque, 1992

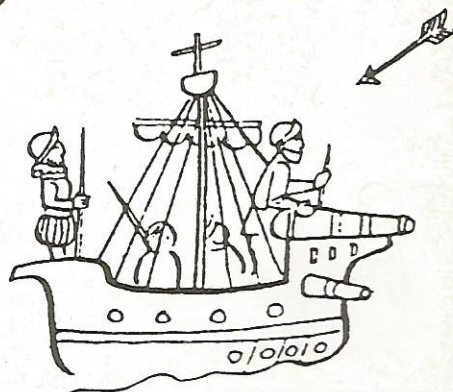
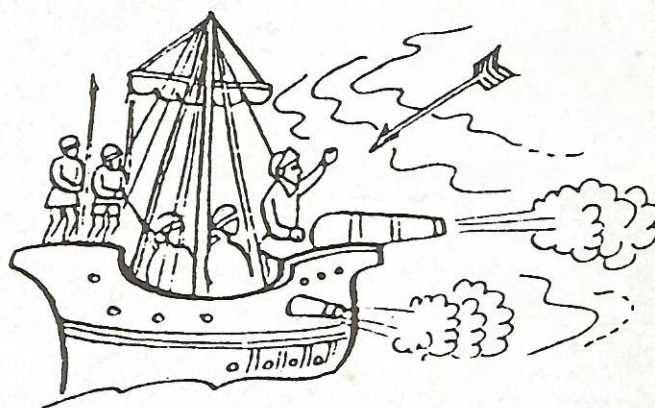
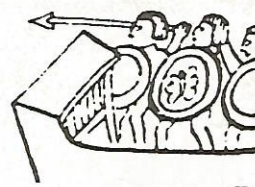
ILUMINAÇÕES DO RIO TEJO **JACK D. FORBES**

Cruzando o Tejo
com Lisboa à vista
e Cacilhas por detrás
observo os portugueses
como eles me vão observando
um índio
de cabelo comprido
um estranho
que eles não aprovam
ou não podem situar

altar do camponês
no saco plástico do operário urbano.

em sobre eles
minhas cogitações.
o pobres vejo tantos deles
e uma cisma me acomete
bre o que terá acontecido
quele ouro todo
por que terão morrido
vossas mãos
dos aqueles índios do Brasil
os escravos de África e de Goa
– por que razão terão eles morrido
ara de vós fazerem gente tão pobre?

ortugal parece-se muito
om o México ou com partes
o Terceiro Mundo.
ão parece estar na Europa.
s grandes conquistadores
stão mortos e enterrados
o ouro sumiu-se
o sorvedouro inglês
u noutros sorvedouros
– ou nas goelas dos ricos
que não consigo enxergar
e vivem porventura lá pra cima
por detrás do Sheraton.

Ponho-me pois a cismar
em todos aqueles índios do Brasil
mandados como escravos
pra Lisboa e pergunto-me
vendo aqui tanta gente de pele escura
e até negra
quantos terão sangue índio
– mas talvez essa cor apenas venha
dos mouros ou dos goeses.

Têm cafés e bares
a que chamam Brasil e O Brasileiro
mas isto que significa?

Dizem que uma terça parte deste gente não sabe ler
e que muitos outros lêem mal.
Após séculos de tirania e depois do fascismo
quantos saberão alguma coisa
sobre os índios?
Só trampa e trafulhices
ou propaganda romântica
sobre o maravilhoso império
tão morto agora e enterrado.

Quantos livros do Brasil
narrando a história dos seus primeiros habitantes
lerão eles?
Ou quantos filmes estadunidenses
na televisão deformando-lhes as mentes?
E a mim de cabelo comprido
não me podem situar:
só me podem olhar fixamente
como criatura caída aqui da selva.

E penso em como estas pessoas comuns
abalaram de viagem
há tanto tanto tempo
para assaltarem
corpos acobreados e escuros
e dominarem o tráfico
de carne humana,
das especiarias,
do açúcar.

Darão maus frutos os actos da ruindade?
Que destino se revela
em escravistas e gatunos?
E todos em declínio, Portugal,
Espanha, a Inglaterra,
os grandes impérios
todos se sumiram.
E Portugal, o primeiro,
foi alfim o último e o mais pobre,
com que justiça!

Não devo porém mostrar-me amargo:
estas pessoas,
estivadores, condutores de autocarros,

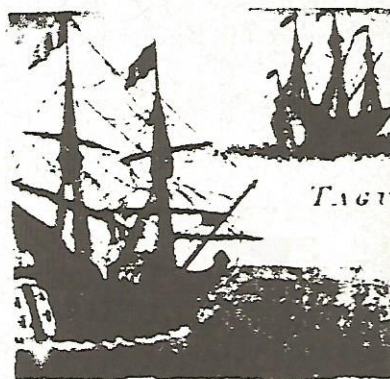
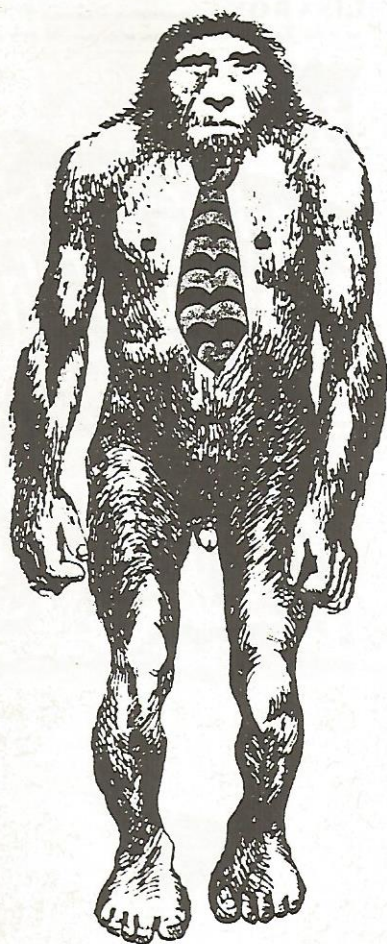
mponeses,
empregados,
da fizeram e não vivem
São Paulo ou no Rio
- mas como seriam elas
acaso lá vivessem?

em todas as paredes
nos caixotes do lixo
sinais de protesto
ntra o imperialismo ianque.
ontra isto também eu protesto
as de mim a dúvida não sai:
derei eu crer em ex-imperialistas?
erão eles sofrido o bastante
ra alcançarem a sabedoria
apenas para na cupidez
ostrarem ambição?

inguém me atirou
«Oh, nós ajudámos a civilizar
s índios, os africanos»
mas diz-me o meu espírito
que as palavras se escondem da audição
sendo verdade que me ofende uma tão baixa impostura
caso o não seja
declaro estar já pronto prà amizade.

Aqui me vejo portanto em Lisboa
mas onde estarei eu?
Entre amigos
ou entre inimigos,
entre outras vítimas do império,
entre os que nunca dele beneficiaram,
entre os que nunca violaram nem roubaram?

Em Lisboa me vejo
ainda sem saber.

Lisboa, Maio de 1984
(INÉDITO)

GRAVITAÇÃO **DAVID WATSON**

Newton viu cair maçãs, uma ave
ferida, viu um doido tombar
duma carreta, e soube
que a Lua e as estrelas também caem,
como bêbedos ou exaustos emigrados
caindo abaixo
de algum alto precário, soube
que todos os corpos
caem, que tudo cai
em direcção ao centro que só
tem de imaginar

o engarrafamento de trânsito está agora a cair
tal como do prato esta ervilha cai
e a canção de embalar e
as horas de trabalho e o
decreto do governo
e o momento de silêncio antes
de os helicópteros chegarem

toda a matéria cai
os mortos tornam-se uma cinza branca
e vão caindo para dentro da morte
que agora cai para dentro do vazio
de um vazio que cai para dentro
da queda e tu e eu
caímos com
os planetas, desabando do sono
para dentro de asas despedaçadas, para dentro
da escuridão, e a própria gravidade
cai uma e outra vez aos trambolhões, o nada
vai extravasando de uns bolsos vazios

e a mão agarra com firmeza o nada

Cranbrook Review, Detroit, 1990

MARILYNN RASHID MATANÇA NA ESTRADA

Durmo inquieta na orla do colchão.
O meu sonho avança auto-estradas fora
e conforme vou acelerando
computo a matança.

Castor, guanixim, opossum e corvo,*
restos de um gato, um porco-espinho,
penas caindo como chuva em redor.
Os já mortos são de novo atingidos
vezes sem conta.
Corpos escuros em carne viva
interrompem o tracejado.
Dou guinadas a evitar os minúsculos montículos.
É de noite, e depois é de dia.
Luz do sol, luar, faróis dianteiros, luz da rua,
leve neblina rosa numa caverna de betão.

Nos meus dedos há espíritos
quando me fixo na mão.
Ali os caminhos desaparecem
uns nos outros. As linhas da vida
levam ao amor à morte,
mas sempre tudo junto,
num todo entrecruzado.

Cerro o olho na palma da mão
onde o coiote espreita as verde-escuras estações.
Fundamente durmo em pluma e pena
e debaixo de mim corpos quentes
respiram com firmeza.

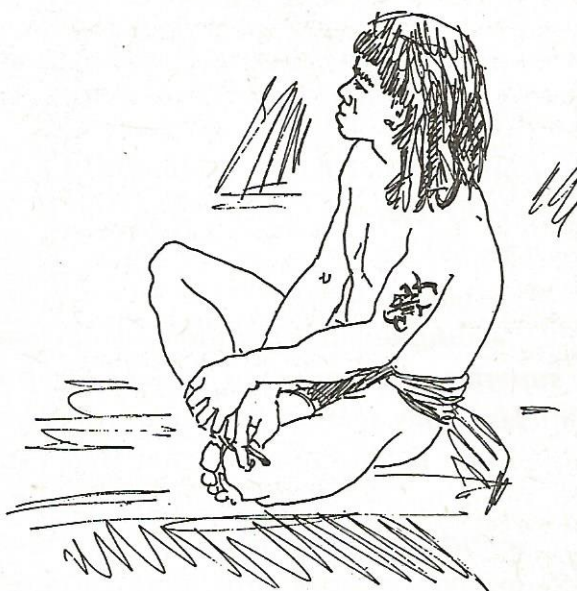
Cranbrook Review, Detroit, 1990

* Variedade de animal carnívoro americano que vive em tocas de árvores, de onde à noite sai à cata de alimento. (NdT)

NADA MAIS A DIZER **JOHN TRUDELL**

NADA MAIS A DIZER NÃO PODEMOS LEVAR NÃO PODEMOS PAGAR
NÃO PODEMOS DIZER MAIS
NADA MAIS A DIZER
FOMOS AO BAILE DO IMPERADOR O IMPERADOR CANTOU
UMA CANÇÃO SOBRE O SACRIFÍCIO
E QUEM SACRIFICAR? SACRIFICAR O QUÊ?
SACRIFIAR-TE A TI SACRIFICAR-ME A MIM
CASTRAÇÃO DA DEMOCRACIA CASTRAÇÃO DA DEMOCRACIA
SENTENÇA DAS GRANDES EMPRESAS SENTENÇA DAS GRANDES EMPRESAS
MAXIMIZAR O LUCRO MAXIMIZAR O LUCRO
O TRABALHO DO TERCEIRO MUNDO O TRABALHO DO TERCEIRO MUNDO
É MAIS BARATO ASSIM É MAIS BARATO ASSIM
SENTENÇA DAS GRANDES EMPRESAS SENTENÇA DAS GRANDES EMPRESAS
POUPANÇA E CRÉDITO POUPANÇA E CRÉDITO
DÍVIDA DE UM BILIÃO DE DÓLARES DÍVIDA DE UM BILIÃO DE DÓLARES
E À PORTA O FISCAL DE IMPOSTOS E À PORTA O FISCAL DE IMPOSTOS
DIZ QUE TENHO DE PAGAR DIZ QUE TENHO DE PAGA
O BANQUEIRO O BANQUEIRO O BANQUEIR
TEM A ESCRITURA DA TERRA TEM A ESCRITURA DA TERR
E SAFARAM-SE OS GATUNOS E SAFARAM-SE OS GATUNO
E QUEM SACRIFICAR? SACRIFICAR O QUÊ
SACRIFICAR-TE A TI SACRIFICAR-ME A MI
CASTRAÇÃO DA DEMOCRAC
HÁ UM RICAÇO UM RICAÇO UM RICAÇ
POR DETRÁS DE DEUS E DA BANDEIRA POR DETRÁS DE DEUS E DA BANDEI
UM RICAÇO A SACAR MAIS UM RICAÇO A SACAR MA
E OS POBRES E OS POBRES E OS POBR
A TORNAREM-SE MAIS MAIS POBR
CASTRAÇÃO DA DEMOCRA
E QUEM SACRIFICAR? SACRIFICAR O QU
CASTRAÇÃO DA DEMOCRA
NADA MAIS A DI
NÃO CREMOS NO QUE VOCÊS DIZEM NÃO CREMOS NO QUE VOCÊS DI
NÃO TEM DE SER COM

NÃO TEM DE SER COMO É
NÃO TEM DE SER COMO É
NÃO ACEITAMOS O QUE VOCÊS DIZEM NÃO ACEITAMOS O QUE VOCÊS DIZEM
NÃO VAMOS CONTINUAR A ANDAR POR VOSSA CONTA
NADA MAIS A DIZER
CASTRAÇÃO DA DEMOCRACIA
E QUEM SACRIFICAR? SACRIFICAR O QUÊ?
E SAFARAM-SE OS GATUNOS E SAFARAM-SE
OS GATUNOS

Do disco *Johnny Damas and Me*, 1994

SOBRE OS AUTORES

Kenneth Rexroth (1905-1982) - Poeta e ensaísta. Anarquista. Autodidacta e grande erudito, figura tutelar da contracultura que se inicia nos E.U.A. nos anos 20. As suas posições rebeldes farão que se ignore a enorme influência que exerceu junto da *Beat Generation*. Activo tradutor da poesia universal, em especial de autores japoneses e chineses. **W.S. Merwin** - N. em 1927, em Nova Iorque, é um dos mais célebres poetas contemporâneos dos Estados Unidos (prémio Pulitzer de poesia em 1970). Consagra parte da sua actividade à tradução de poesia, em especial espanhola, francesa e russa, e dedica-se com grande vigor à defesa das florestas autóctones, contra os interesses das grandes empresas madeireiras e turísticas. Viveu algum tempo em Portugal, onde leccionou. **Jack D. Forbes** - Poeta e ensaísta com uma vasta obra historiográfica, em especial sobre a problemática colonial, professor de Estudos Nativos Americanos na Universidade da Califórnia. Alguns dos seus livros vão ser traduzidos na Antígona. **David Watson** - Ensaísta e poeta. Animador da mais antiga publicação radical norte-americana, *Fifth Estate*, de Detroit. Viveu algum tempo em Portugal. **Marilynn Rashid** - Poetisa e publicista, professora de cultura hispânica. Membro do colectivo do *Fifth Estate*. Viveu algum tempo em Portugal. **John Trudell** - Poeta e cantor, influente activista do AIM, American Indian Movement, motivo pelo qual tem sido alvo de infames perseguições policiais (a sua mulher foi morta num dos atentados, ocorrido há anos). Como cantor, tem feito, com o seu grupo, digressões nalguns países europeus.

Entrevista a LUCE FABBRI

Conheci Luce Fabbri no mês de Agosto, do ano de 1992, aquando da realização dos Outros Quinhentos sobre o pensamento libertário. Desde logo, senti que estava em presença de uma mulher com uma personalidade fora do vulgar. A sua simpatia e simplicidade são acompanhadas por uma inteligência e uma abnegação humana superiores. Durante toda a sua vida aprendeu e ensinou a viver e a lutar pelas ideias acratas. Se bem que tenha aprendido muito com o seu pai, Luigi Fabbri, e com Errico Malatesta, ela própria construiu o seu trajecto histórico, com uma grande autonomia e identidade, sempre no sentido da emancipação social de género humano. Escreveu várias dezenas de livros, brochuras e artigos. Por outro lado, é preciso não esquecer a grande intervenção pedagógica e educacional que realizou na universidade. Ainda que por vezes a sua acção não fosse formalmente muito visível, ela, no fundo, sempre se pautou por uma opção libertária. Ainda, hoje, com 90 anos, faz parte do colectivo editorial que edita a revista Opción Libertaria, *no Uruguai. A revista* Utopia, *ao entrevistá-la, mais não fez de que testemunhar a sua gratidão por tudo o que tem feito e ainda faz pelo ideal acrata.*

Entrevista conduzida por J. M. Carvalho Ferreira.

UTOPIA – Luce, eu tenho muito apreço por ti, por muitos motivos que têm que ver com a anarquia. E para começar perguntar-te-ia como viveste a anarquia nos primeiros momentos, como criança, com Errico Malatesta e teu pai Luigi Fabbri.

LUCE – As duas relações são muito distintas. Com o meu pai estava todos os dias, enquanto que Malatesta vi-o pela primeira vez aos cinco anos, quando me visitou em Roma em casa da minha avó porque o meu pai estava exilado na Suíça — um primeiro exílio muito breve depois da *Semana Vermelha* que foi um movimento de tipo revolucionário, muito reduzido, uma tentativa abortada que teve lugar em 1914. Depois, ele estava exilado em Londres e voltamo-nos a ver em 1919 quando se rompeu o cerco que o tinha afastado

de Itália. Chegou num barco mercante ao Sul de Itália e percorreu toda a península e apareceu em Génova, aclamado pela multidão como um líder revolucionário (ele tinha que se defender deste papel de direcção que lhe queriam atribuir). Nesta altura tinha 11 anos. Depois encontrávamo-nos frequentemente ainda que não morássemos na mesma cidade. Mas quando ele se sentia muito cansado — dirigia um diário, o *Umanitá Nova*, primeiro em Milão e depois em Roma — vinha a casa passar connosco uns dias para descansar. Para nós era como um avô.

Em 1919 e 1920, na tomada das fábricas, os anarquistas tiveram um papel muito importante. Qual foi o papel de Malatesta e do teu pai em todo este processo?

O papel do meu pai não foi importante na ocupação das fábricas porque na cidade onde vivíamos não havia praticamente indústria — Bolonha não era uma cidade industrial. Essa foi, porém, a última oportunidade revolucionária. Ele desejava com todo seu coração que os trabalhadores não deixassem as fábricas. Mesmo assim, ele contribuiu com os seus artigos, enquanto que Malatesta em Roma foi às fábricas — não me recordo se em Roma ou Milão, neste momento, parece-me que foi em Milão — para pessoalmente tratar de que o movimento prosseguisse. O movimento havia sido interrompido pelos reformistas. A central sindical majoritária era socialista (marxista), não era socialista revolucionária. Havia, portanto, divisões no partido socialista: haviam os *maximalistas* (revolucionários) e os "*legalistas*". O meu pai, nessa altura, já estava muito pessimista. Pensava que o momento revolucionário tinha passado e, claro, desejava aproveitar esta última oportunidade, mas não acreditava muito num desfecho favorável.

E como foi que chegaste às ideias e às práticas da acracia?

Nessa altura em tinha relações com a anarquia, mas não eram relações profundas. O meu pai achava que as crianças não deviam ser pressionadas, devem amadurecer e formar-se segundo a sua própria lei e não segundo a lei dos pais. Então quando eu dizia "Eu sou anarquista", ele dizia-me "Espera, não está certo que tu digas isso. Tens que amadurecer, ver bem, não tens que pensar com a minha cabeça, tens que pensar com a tua". Porque eu desejava pensar como o meu pai. Aos vinte, vinte e um anos já estava... não direi bastante madura, mas já não tinha treze anos e creio que já podia considerar-me anarquista. Apesar de tudo, o meu pai nunca quis que fosse com ele às reuniões, quando ele falava em público. Mas sempre o acompanhava, ia sempre com ele ao correio, ao...

Eras a única filha?

Não, tinha um irmão mais novo. Quando amadureceu também foi companheiro, e actuou, militou...

Vejo que a influência da tua família, do teu pai sobretudo, foi importante. Que outras coisas mais envolviam a Itália de então, sobretudo desde Mussolini tomou o poder em 1922?

Depois as coisas precipitaram-se. O meu pai foi preso duas vezes. Mas já antes de 22, porque em Bolonha foi um dos pontos onde se lutou, foi quase o berço do fascismo de acção, dos bandos, dos esquadrões "punitivos", da violência... Depois de 1922, claro, as coisas foram de mal a pior. Ainda que o regime não tivesse sido imediatamente totalitário, nos primeiros tempos puderam continuar a sair algumas publicações nossas: *Piensero Volontá* fundou-se em 1924 e pouco tempo depois foi suspensa.

E *Umanitá Nova* continuava como diário?

Umanitá Nova não. Cessou como diário depois do atentado de mil novecentos e vinte e tal. Já não me lembro da data. Foi um atentado horrível. Malatesta estava preso — tu não sabes disto?...

Não.

Estava em greve de fome porque não o processavam. Não o podiam processar porque não podiam condená-lo. Mas não o libertavam porque queriam matar a *Umanitá Nova*. E a situação prolongava-se, Malatesta estava mal... *Umanitá Nova* continuava a sair na mesma, com o trabalho realizado por outros companheiros, e saiu de forma irregular até "Malatesta morrer". Então um grupo de individualistas, rapazes muito jovens, colocaram uma bomba de grande potência num teatro onde se dizia que iria estar o chefe da polícia de Milão. Não estava. Morreram 20 a 25 pessoas, uma matança imensa. Até a filha de um companheiro morreu.

Isso quando é que aconteceu?

Em Março de 1921, creio. Esse foi um golpe tremendo para o movimento anarquista que se tinha desenvolvido bastante e agora reduzia-se muitíssimo, porque as pessoas estavam indignadíssimas, e haviam muitos companheiros também que estava indignados contra quem tinha levado a cabo aquilo.

Depois Mussolini marchou sobre Roma, e tomou o poder...

O meu pai era professor de escola primária, tendo continuado a ensinar durante mais quatro anos. Em 1926 veio a obrigação para os professores primários — não para os do secundário ou da universidade — de jurar fidelidade ao regime, à qual ele se negou. Teve que cruzar a fronteira para França. E, então, a família separou-se. O meu irmão foi para Roma trabalhar, a minha mãe foi também para Roma após a morte da minha avó e eu fiquei só em Bolonha durante dois anos. E foram dois anos nos quais creio que amadureci muito, mas foram muito penosos longe da família...

E depois ainda voltaste a ver Malatesta neste período?

Não podiamos vê-lo porque depois de 1926 — desapareceu *Piensero Volontá*, assim como toda a imprensa — Malatesta vivia em Roma e a sua casa era como um fortaleza, rodeada de agentes de polícia, e quando saía seguiam-no de moto ou a pé, e quem o cumprimentasse era detido. Estava pior do que na prisão, porque na prisão, pelo menos, podia conversar com alguém. A última vez que vi Malatesta foi alguns dias antes de cruzar a fronteira, em Roma no consultório do seu médico, durante um quarto de hora, enquanto que a polícia aguardava lá fora.

Depois foste para França e emigraste para o Uruguai com o teu pai...

E com a minha mãe. O meu irmão ficou em Roma onde se casou. Voltei a vê-lo depois da Guerra. O meu pai não o voltou a ver. Em Dezembro cruzei a fronteira e cheguei a Paris em 2 de Janeiro de 1929.

Mas depois ficaste muito tempo em Paris ou partiste de seguida para o Uruguai?

Não, o meu pai estava para ser expulso de França por pressão da embaixada italiana. Então ele tinha que renovar, de quinze em quinze dias, a autorização para ficar — porque havia um ministro socialista que facilitava o processo. Mas, uma noite, ele tinha a autorização assinada pelo Ministro do Interior que lhe permitia ficar mais quinze dias e veio a polícia ao hotel, levaram-no até à fronteira da Bélgica e ensinaram-lhe como deveria passar clandestinamente para "não ser apanhado pela polícia belga pois poderia seria enviado de novo para cá e nós teremos que o prender." Conseguiu chegar a Bruxelas e ali começou a preocupar-se com a viagem para a América do Sul. Pouco tempo depois reunimo-nos com ele em Antuérpia e embarcamos num barquito de marinha mercante — porque nenhum barco grande nos aceitaria sem passaporte —, e viemos até ao Uruguai.

No Uruguai, o teu pai, tu e a tua mãe reconverteram toda a vossa vida. E depois o teu pai, sobretudo, militou na FORA da Argentina na revista *Protesta*, ou no Uruguai?

Na revista *Protesta*. O meu pai já trabalhava para a *Protesta* a partir da Europa, e nos últimos tempos havia intensificado muito o seu trabalho. Era um diário. Podia manter uma redacção e, por excepção, o meu pai vivia praticamente disso nos últimos tempos de desterro na

Europa. E, inicialmente, aqui também. A sua base económica foi o jornalismo, sobretudo na *Protesta*. Mas, em geral, quando ele escrevia para publicações libertárias, não cobrava nada. Tinha o seu trabalho de professor e organizou a sua vida, de forma que o seu trabalho para o movimento fosse completamente independente dos recursos materiais para a vida prática. Mas, nessa fase transitória, ele teve que aceitar a retribuição da *Protesta*. Mas durou muito pouco, porque em 6 de Setembro de 1930, um golpe militar terminou com o governo democrático e com a imprensa de esquerda. Então o jornal *Protesta* foi encerrado. Apreenderam todos os livros — tinham um magnífica biblioteca —, creio que destruíram a tipografia, enfim... terminou. Na realidade, o nosso movimento na Argentina, antes do golpe militar, era, digamos, um movimento florescente e terminou então a etapa, digamos, positiva da sua vida. Depois o anarquismo na Argentina viveu sempre uma vida muito desafortunada. O movimento estava dividido, era um movimento paralelo ao movimento argentino. Tu sabes que na Argentina havia a FORA e a USA. A USA era a *Unión Sindical Argentina* que se formou de uma cisão da FORA para aderir à 3ª Internacional...

...Comunista?
Não que fossem comunistas... também não eram anarquistas, mas queriam solidarizar-se com a Revolução Russa... sobretudo por falta de informação. Aqui tínhamos a FORU (*Federación Obrera Regional Uruguaia*) e a USU (*Unión Sindical Uruguaia*). Os ânimos tinham sido envenenados por polémicas absurdas, mas a cisão estava superada porque havia companheiros da USU que se haviam convencido que já não estavam na 3ª Internacional e se haviam convencido que não podiam aderir à linha bolchevique, que havia um abismo... e, então, já estavam no mesmo plano que nós.

Em que ano é que eles compreenderam a situação que se passava na União Soviética?
Quando chegámos aqui, em Março de 1929, já fazia algum tempo que eles tinham compreendido... são coisas difíceis de datar.

Mas a ditadura na Argentina desestruturou o movimento anarquista. E no Uruguai?
Também, mas reconstituiu-se. Aqui tínhamos a vantagem de que este era um país mais democrático do que a Argentina, muito mais aberto. Movimentávamo-nos muito melhor, tanto que Santillan queria que fossemos para a Argentina, mas nós ficámos no Uruguai. Mas aqui também, após quatro anos, veio a ditadura. Contudo, foi uma ditadura... chamávamos-lhe *ditabranda*. Não houve grandes desastres, mas para o meu pai foi duro. E também para todos nós, porque houve algumas deportações.

Quando começou e acabou a colaboração de teu pai no jornal *Protesta*?
Começou quase a seguir à chegada do meu pai. Ele encetou com uma página italiana na *Protesta*, quinzenalmente. E depois iniciou uma revista em formato de jornal que se publicava na tipografia da *Protesta* e se distribuía a partir da Argentina. Mas, com o golpe de estado, não se pode permanecer lá e, então, continuou cá. Foram 3 ou 4 números que saíram na Argentina e depois sempre cá, e publicou-a até à morte, quando entrou no hospital — donde não saiu vivo...

Em que ano foi?
Em 1935. Foi muito breve, de 1929 a 1935, não chegaram a ser 6 anos.

Depois da morte do teu pai como é que te integraste no movimento?
Eu já estava integrada porque comecei a militar ao chegar aqui, por minha conta. Fiz parte das *Juventudes Libertárias*, havia um centro cultural/ liceu nocturno que era de jovens anarquistas, e eu frequentava-o. Com o meu pai participei num congresso antimilitarista organizado por comunistas, que terminou com a nossa saída clamorosa, e depois terminou em conflito... Já era uma militante, tinha 20 anos quando cheguei aos 25, foi quando ele morreu. Assim segui com a revista.

Continuaste com a revista do teu pai?
Sim, mas não pude faze-la sair regularmente porque tinha o meu trabalho de docente que me consumia todo o tempo. Nos primeiros anos tinha que preparar as aulas do ponto de vista do idioma para que não se me escapassem italianismos.

Casaste-te?
Sim, com um companheiro.

Em que ano?
Em 1936. Com um italiano chamado Cresatti que também havia saído de Itália por causa do fascismo.

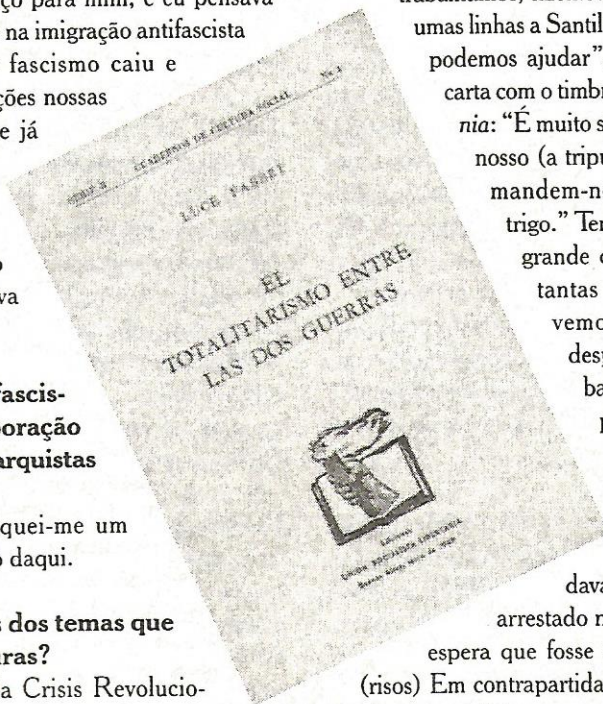
E tu fazias a revista *Estudios Sociali* com ele?
Ele ajudava-me muito. Sobretudo na parte material. Nunca quis escrever. Já o meu pai, nos últimos dois anos, estava quase só na revista. E eu fiquei praticamente só com o meu companheiro e a minha mãe. A minha mãe ajudava muito, fazia toda a expedição, escrevia à mão todas as direcções, tinha uma letra claríssima... Porque quase não se difundia aqui, mas sobretudo nos Estados Unidos e na França.

Para os emigrantes italianos?
Sim, sobretudo na emigração política antifascista. E isso ajudava-nos também: quando nos chegavam dólares já podia sair a revista!

A principal causa que está por detrás do fim da revista *Estudios Sociali* em 1945 é a falta de colaborações ou a falta de companheiros?
Não, era um grande esforço para mim, e eu pensava que a revista era necessária na imigração antifascista italiana. Mas quando o fascismo caiu e começaram a sair publicações nossas na Itália, eu pensava que já havia perdido a sua razão de ser. E, então, fui fazendo um folheto por ano. Saíram cinco folhetos. E depois enviava colaborações a *Volontá*...

Depois da queda do fascismo retomaste a colaboração com as publicações anarquistas na Itália?
Em Itália e aqui. Dediquei-me um pouco mais ao movimento daqui.

Recordas-te de alguns dos temas que publicaste nas brochuras?
Sim, "La Libertad en la Crisis Revolucionaria", "Anti-imperialismo e Anti-comunismo y la Paz" (que foi publicado em Itália e depois traduzido na Argentina sob o regime de Perón numa edição clandestina que se difundiu bastante), e depois "La Estrada, El Camino", que, para mim, foi muito importante do ponto de vista das minhas ideias, da evolução das minhas ideias, onde sustento que é mais importante o caminho — até à anarquia —, do que a meta — porque à meta não se chega nunca e, em contrapartida, o caminho é o concreto. É muito importante que o caminho se torne coerente com a finalidade pois é a única coisa palpável que temos. Se abandonamos os princípios como forma de chegar mais rápido à meta, suicidamo-nos.

Depois da Segunda Guerra Mundial a situação aqui pela América Latina descomprimiu, a liberdade era mais visível, e tiveram outras possibilidades de agir, de se movimentarem?
Aqui o movimento — que foi muito florescente no início do século —, depois da Revolução Russa decaiu muito, como em toda a parte. Quando chegámos, como te disse, havia aquela divisão que depois haveria de ser superada. Após a morte de meu pai, pouco tempo depois deu-se a Revolução Espanhola, que nos deu ânimo a todos. Aqui trabalhámos, fizemos o que pudemos — enviei umas linhas a Santillán dizendo "Diz-nos como podemos ajudar". Ele responde-me, numa carta com o timbre da *Generalidat de Cataluña*: "É muito simples. Vai partir um barco nosso (a tripulação é da CNT) e vocês mandem-no de volta carregado de trigo." Tentámos depois realizar uma grande colecta pública, mas eram tantas as complicações, que tivemos que fazer intervir um despachante aduaneiro... e o barco chegou. Foi "recebido" por barcos argentinos, apoderaram-se do barco, a tripulação foi encarcerada na ilha Martin Garcia (para onde mandavam os presos) e o barco ficou arrestado no porto de Buenos Aires à espera que fosse solucionada a contenda... (risos) Em contrapartida, fazíamos coisas bem mais modestas: recolhíamos vestuário de lã para as milícias que estavam na frente, conseguimos medicamentos, etc. Quando fomos a enviar tudo isso — havia que recolher

dinheiro para o transporte —, a tripulação de um barco francês ofereceu-se para levar o material gratuitamente e, assim, o fez chegar a Barcelona... entregando-o ao Partido Comunista! (risos) Fiz um pequeno periódico juntamente com outro companheiro, publiquei uma antologia da Revolução Espanhola, já em 1937, com recortes do boletim da CNT-FAI, com todas as realizações em Aragão, etc.

Qual foi a vossa posição quando souberam que alguns dos militantes colaboraram, como ministros, com o governo central e a nível da *Generalidat de Catalunia*?

Aqui as posições foram muito variadas: havia quem considerasse uma traição, havia quem achasse que não havia outro remédio,... Eu posso dizer-te a minha posição, que foi publicada por Giovanna Berneri junto com Santillán. Foi uma grande desgraça para o movimento, foi completamente negativo. Porém, nós não deixamos de desempenhar o nosso papel de assegurar-lhes o apoio dos trabalhadores do resto do mundo. Não podemos julgá-los... e, às vezes, faz-se o que não se quer fazer, por razões de força maior. Depois vim a saber: a razão fundamental era a de que a guerra estava perdida, havia bolsas de companheiros que estavam no Sul e que se os deixássemos sob o comando dos comunistas estavam perdidos, acabavam nas mãos de Franco. Havia que assegurar-lhes a retirada para os portos do Levante — esta foi uma das razões principais.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos exilados espanhóis instalaram-se em França, no México... mantiveste contacto com Garcia Oliver, Federica Montseny, etc.?

Não, apenas mantive contacto com Santillán que veio aqui depois.

Ele, no fim da sua vida, tomou umas posições um pouco reformistas, não?

Santillán era uma pessoa muito inteligente, tinha relâmpagos de ideias novas, mas entusiasmava-se com as ideias novas antes de as ponderar bem. E, às vezes, tomava posições das quais depois se arrependia, e voltava atrás. Tenho a impressão que ele estava sempre acossado pela necessidade que a revista saísse, de que o livro saísse, de tomar iniciativas. Na altura a realidade em mutação fazia-o raciocinar e... tinha posições sobre as quais não reflectia suficientemente. Esse era o defeito de Santillán: tinha muitas virtudes, foi um excelente companheiro, abnegado, generoso, viveu para o Anarquismo – dedicou toda a sua vida a isso –, mas precipitava-se demasiado. Agora, nas secções da CNT parece-me que tinha mais simpatias, não pelos ortodoxos, mas pelos outros, pela ala mais reformista.

Voltemos ao Uruguai. Dizes que o movimento, após 1949, renasceu. Como integraste esse movimento e quais eram as suas características?

Nesse período não militei intensamente. De vez em quando, intervinha nas *Juventudes Libertarias* e colaborava na *Volontad*. Tive uma militância meio repartida entre o movimento daqui e o internacional. Mas, à excepção da revista, não foi muito intensa. O ensino absorveu-me muito. O trabalho no ensino foi uma espécie de militância paralela em grau menor, porque teve que ser feito um trabalho pedagógico muito intenso — a preparação de reformas, o sistema —, em que tinha que bater-me, às vezes, com os conservadores, outras vezes com os comunistas que queriam impor um ensino dogmático marxista. Nesse terreno trabalhei, por exemplo, quando se tratou da reforma de 63 no ensino secundário. Fez-se um relatório sobre o estado socioeconomico do Uruguai do ponto de vista do ensino. Nisso trabalhei muito.

Mas, mesmo estando afastada, não foi nos anos 50 que nasceu a FAU?

Sim, eu intervim na fundação da FAU. Parece-me ter sido mais no início dos anos 60. O meu irmão trabalhou muito nisso. Foi um trabalho lindo, gostei muito de como se estruturou. Depois vieram as cisões...

Livros e Leituras

COMPANHEIROS 3 e UMA PEQUENA HISTÓRIA DA IMPRENSA SOCIAL NO BRASIL

Edgar Rodrigues deu à estampa mais dois livros: *Pequena História da Imprensa Social no Brasil* e *Companheiros 3*. Na sua imensa actividade militante pelo ideal acrata – quase 40 livros e cerca de 1 milhar e meio de artigos publicados –, estes dois livros continuam a senda prosseguida em dar vida ao grande espólio da imprensa social anarquista no Brasil e, por outro lado, enaltecer a vida e obra de homens e mulheres anónimos que lutaram por um mundo melhor.

Em relação ao primeiro livro, podemos afirmar que estamos em presença de uma descrição minuciosa e atenta da imprensa social operária que emergiu no Brasil desde meados do século XIX até às primeiras décadas do nosso século. Tal como tinha ocorrido em outras partes do globo, a implementação da 1ª revolução industrial no Brasil resultou na formação de uma classe operária constituída por uma mescla de culturas e grupos sociais diferenciados. O processo de descolonização e a independência do Brasil permitiram que as leis do mercado capitalista se desprendessem dos atavismos feudais e escravistas. Esse facto permitiu um grande surto de emigração da Europa (Espanha, Portugal, Itália, França, Polónia, Rússia, etc...) e de outras regiões para o Brasil.

Por manifesta influência de uma ideologia e militância revolucionária assente nos princípios e práticas do anarquismo assimilados nos países de origem, imigrantes italianos, franceses, espanhóis e portugueses (na sua grande maioria operários e alguns intelectuais) constituíram-se como paladinos da revolução social no Brasil. Se bem que alguma da imprensa social nos primeiros tempos tivesse uma certa identidade ideológica com as premissas socialistas clássicas, a partir dos finais de século XIX e princípios do século XX denota-se uma grande preponderância da imprensa social de cariz acrata.

Sem poder retirar ilações precipitadas do conteúdo e formas que essa imprensa social difundiu, denota-se sobremaneira que ela foi antes de tudo uma escola de aprendizagem cultural e um grande baluarte da emancipação social do operariado de então no Brasil. Foi importante para os obreiros desse grande projecto emancipatório porque lhes deu dignidade e uma moral humana no contexto de uma sociedade adversa, mas foi também um grande veículo de uma luta que queria varrer da terra todas

as causas que fomentavam a opressão e a exploração do homem pelo homem.

O livro *Companheiros 3* segue a mesma rota dos dois outros volumes que já foram publicados. Trata-se, no fundo, para Edgar Rodrigues de desbravar um terreno que tem sido omisso nas preocupações científicas e intelectuais da historiografia oficial. Como já referi no revista Utopia n.º 1, estamos em presença de um documento histórico de pequenas biografias sobre militantes anónimos, na sua grande maioria anarquistas, que lutaram por uma sociedade sem amos e sem escravos.

Pelas informações que nos transmite, este livro preenche dois requisitos cruciais. Por uma lado, dá-nos a conhecer a grandeza humana de certos homens e mulheres que tudo fizeram para melhorar a vida dos seus iguais, mas nada pediram em troca: dinheiro, poder, privilégios e honrarias. Por outro, dá-nos um manancial de informação única que poderá servir posteriormente para outras investigações biográficas mais aprofundadas.

Edgar Rodrigues, *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*, Florianópolis, Editora Insular, 1997;

Edgar Rodrigues, *Companheiros 3*, Editora Insular, Florianópolis, 1997.

J. M. Carvalho Ferreira

☆

Pequena nota sobre a entrevista de Edgar Rodrigues na revista Utopia 5

Correções necessárias

Na Utopia 5, aparece uma conversa que tive com seu diretor a mais três companheiros, na Livraria Utopia, no Porto.

Respondi ao que me foi perguntado sobre a questão social no Brasil e a luta anti-fascista. Fi-lo de memória, sem nenhum acerto prévio, daí sentir certa fragilidade nas respostas e passar algumas gralhas.

Eis as que gostaria de ver corrigidas:

Pág. 85, 2ª coluna, linha 5, deve-se ler ***Volontad*** onde aparece "Volontá".

Pág. 86, 1ª coluna, linha 40, leia-se ***1675*** onde aparece "1673", e na mesma pág., 2ª coluna, linha 39, leia-se ***Cecília 1890-1894***, em vez de "Cecília surgiu em 1894".

Pág. 90, 1ª coluna, linha 20, leia-se ***Edgard Leuenroth***, em vez de "Edgar Leuront".

Pág. 91, 1ª coluna, linha 33, leia-se ***Natal de 1969***, onde aparece "Natal de 1959".

Pág. 92, 2ª coluna, linhas 1 e 8, leia-se ***Praça Mauá***, em vez de "Praça Moá".

Pág. 93, 2ª coluna , linha 12, deve ler-se ***Praça da República, 47***, em vez de "Praça da República".

O senhor humano é falível, por isso comete equívocos, por isso sabe pedir desculpas.

Edgar Rodrigues

VIDA E OBRA DE DIEGO ABAD DE SANTILLÁN

Em boa hora, Carlos Diaz et al. resolveram escrever uma biografia sobre a vida e obra de Diego Abad De Santillán. Estamos perante um trabalho de investigação fundamental, na medida em Diego Abad De Santillán foi uma personalidade que marcou de forma indelével a revolução espanhola de 1936-39 e também a própria teoria e evolução do anarquismo na Península Ibérica e na América Latina.

Se tivermos em conta a prodigalidade escrita do autor biografado – várias dezenas de livros e milhares de artigos –, podemos compreender quão foi difícil para o biógrafo analisar em profundidade e em extensão a substantividade da produção intelectual elaborada por Diego Abad De Santillán nos domínios da história social, da economia e do anarquismo. Todavia, parece-nos que não foi essa a intenção primeira de Carlos Díaz, Angél Afonso Álvarez, Emília Cordeiro Sánchez e Gracia Fernández Tejerina. Para eles, tratou-se fundamentalmente de dar a conhecer o percurso de a vida de homem, cuja personalidade multifacetada foi sempre pautada

por uma ética e uma moral assente na fraternidade e na solidariedade, e sobretudo baseada numa grande capacidade intelectual ao serviço do ideal acrata.

Como principal autor, Carlos Díaz conseguiu delimitar muito bem o seu estudo biográfico aos aspectos essenciais que atravessaram a vida de Diego Abad De Santillán, desde o seu nascimento, em 20 de Maio de 1897 em Reyero (León), até à sua morte em 18 de Outubro de 1983 em Barcelona. Retrata de uma forma sucinta e honesta a sua rebeldia, o sentido de justiça e capacidade de estudo durante a sua adolescência na Espanha; a sua intervenção jornalística e militante pelo ideal anarquista no jornal *La Protesta* (órgão quotidiano da FORA) na Argentina; o seu papel de dirigente e de militante da FAI e da CNT no contexto da revolução em Espanha no período de 1934 a 1939; todo o período de criatividade intelectual no retorno ao exílio na Argentina durante 36 anos; e finalmente o seu retorno a Espanha em 1976.

Em todos esses momentos, denota-se um denominador comum. Diego Abad De Santillán tinha uma capacidade prodigiosa para escrever e construir estratégias conducentes à realização da revolução social, segundo os princípios e as práticas do comunismo libertário. A sua visão sobre o papel dos sindicatos e da intervenção dos anarquistas como grupo organizado no seu seio é fulcral, se pensarmos no papel que desempenhou na condução da redacção do jornal *La Protesta* (1926-1933); no Congresso da CNT em Saragoça em Maio de 1936; na actuação da FAI desde 1934 a 1939; e sobretudo na sua acção no governo da *Generalidad* da Catalunha entre 1936 e 1939.

Lendo com atenção a sua biografia, na minha opinião, Diego Abad De Santillán tinha uma visão *economicista* e *obreirista* da revolução social, na estrita medida em que o seu pensamento privilegiava os aspectos económicos e a acção da classe operária como factores estruturantes da realização de uma sociedade anarquista. Aliás, foi por causa dessa crença que liderou a FAI no sentido de influenciar a orientação estratégica da CNT na condução da acção colectiva do operariado espanhol. Esta tese, no entanto, não singrou com o epílogo da revolução espanhola de 1936-39.

Com o malogro dessa visão estratégica, Diego Abad De Santillán vê-se constrangido a mudar a sua posição comunista libertária. Posteriormente centra a sua atenção intelectual mais na personalidade e na motivação do indivíduo no contexto da evolução do capitalismo, e não na acção conflitante e radical do operariado. Por outro lado, a estruturação da revolução social deixa de ser um produto histórico exclusivo de contradições e conflitos entre o capital e o trabalho, ao mesmo tempo que a sua materialização prática resulta essencialmente de um processo histórico em que a reforma e a revolução coexistem.

Analisando bem o trabalho de investigação de Carlos Díaz, nunca se poderá afirmar que o biografado no fim da sua vida, ao regressar a Espanha, abdicou das suas posições acratas nem que pactuou com o governo espanhol. Foi sempre, para aqueles que o conheceram bem, um homem íntegro, com uma moral e uma ética invulgar, com uma capacidade de trabalho intelectual única. Até hoje, ao nos circunscrevermo-nos ao panorama do anarquismo da América Latina e da Península Ibérica, Diego Abad De Santillán foi sem dúvida alguma uma das grandes figuras históricas.

Carlos Díaz, et al., *Diego Abad De Santillán – Semblanza de un Leonés Universal*, Associación de Investigatión: Instituto de Automática y Fabricación, Léon, 1997.

J. M. Carvalho Ferreira

O OUTRO LADO DO MUNDO EXISTE

Pobreza, ignorância, destruição do meio ambiente, violência, manipulação, exclusão, são problemas com que vivem as pessoas no dia a dia e que têm vindo a aumentar. Para os enfrentar, é necessário novos paradigmas, processos, métodos, atitudes, recriados a partir das interrogações: que é a economia? que é a política? que é a cultura? como operam a favor das pessoas?

Este é, nas suas próprias palavras, o ponto de partida para *La Otra Bolsa de Valores*, sistema alternativo de associação e participação, que apresenta e interliga acções de gente comum para superar os problemas que a afectam e que merecem reconhecimento, apoio e multiplicação; *La Otra Bolsa de Valores* é, ao mesmo tempo, o nome da publicação que funciona como meio de ligação e divulgação dessas acções, editada no México e que vai no seu número 40.

Privilegiando a situação da América central e do sul, mas abrangendo noticiário e artigos sobre todo o resto do mundo, coloca a tónica nos processos autónomos e nas iniciativas autogestionárias, geralmente dos povos indígenas, e no estabelecimento de ligações horizontais entre esses processos (divulgação de experiências concretas, reflexão sobre os seus êxitos e fracassos, criação de redes económicas alternativas e de âmbito supra local), contribuindo para uma aprendizagem permanente e para uma maior sustentação das iniciativas e organizações que se vão desenvolvendo num meio à partida débil e dotado de poucos recursos materiais. Por isso, acentuam-se os recursos da vontade, da inteligência, da crítica, da inovação, da ousadia, face a uma situação hostil e opressiva, nada preocupada com o estado do lado de baixo do mundo.

La Otra Bolsa de Valores (e só este título é já um irónico programa de acção) traz-nos notícias do outro lado do mundo, aquele que não aparece nas primeiras páginas dos jornais nem é sensação na televisão, de onde mais se fazem sentir os efeitos nefastos dos modernos processos de globalização capitalista. Onde as forças são poucas e os sistemas débeis, procura-se apoiar uma nova consciência, a recuperação da autoconfiança e a ousadia de procurar caminhos alternativos aos modelos e processos dominantes (inclusive aos modelos dominantes de resistência e combate), e colocam-se interrogações interessantes e pouco cómodas, para os nossos princípios instalados, sobre o funcionamento da economia real, a questão nacional, a propriedade e a produção, as ONG's, o papel e as iniciativas da sociedade civil, a realidade de resistência, luta e reivindicação daquilo a que nos habituamos, displicentemente, a arrumar como "o 3° mundo".

La Otra Bolsa de Valores, n.° 40, Verão 1997 (Promocion del Desarollo Popular, Tláloc 40 – 3, Col. Tlaxpana, CP 11370, México DF, México, e-mail: espacios@laneta.apc.org)

C.A.

CHOMSKY, O CRÍTICO LIBERTÁRIO DAS VELHAS E NOVAS ORDENS

«A estrutura convencional de interpretações tem servido muito bem aos interesses daqueles que manejam as rédeas.»
Noam Chomsky

Só agora Noam Chomsky, que é considerado pelo New York Times, o mais importante pensador contemporâneo, começa a ser descoberto pelos editores de língua portuguesa. Não de Portugal, mas do Brasil. Essa descoberta, embora tardia, de Chomsky, contribuiu para edição no Brasil de alguns

de seus livros mais recentes, entre eles "Ano 501 – A Conquista Continua", "Camelot – Os anos Kennedy" e "Novas e Velhas Ordens Mundiais", todos editados pela Scritta. Continuando ainda inéditas outras obras fundamentais, como "As Ilusões Necessárias: O Controle do Pensamento nas Sociedades Democráticas".

Pode-se concordar ou não com Chomsky, gostar ou não do seu estilo tranquilamente demolidor, o que não se pode é recusar a inteligência, paciência e coerência que perpassam os ensaios de análise política que vem publicando desde a década de 60.

Dos livros já traduzidos para português destaca-se pela actualidade e acuidade o seu último livro, "Novas e Velhas Ordens Mundiais" onde Chomsky, faz o que sempre fez: remar contra a corrente. Neste caso, uma corrente forte e tumultuosa, que se oculta sobre nomes sonantes de Nova Ordem Mundial e Globalização.

Ao longo das 375 páginas do livro, estuda, documenta, debate e questiona o pensamento político dominante, de forma tranquila e detalhada. As suas pesquisas, passaram a pente fino a imprensa norte-americana, desenterram os documentos diplomáticos e da CIA e mostram o outro lado do poder e da ordem internacional. Que tantas vezes, nada mais é que a desordem institucionalizada pela lei do Império.

De forma desconcertante, desmontando os discursos dos intelectuais e especialistas da sociedade do espectáculo, Chomsky já afirmou em outro livro: "Para analisar as ideologias, basta um pouco de abertura de espírito, de inteligência e um cinismo saudável. Todo o mundo é capaz de fazê-lo. Temos de recusar que só os intelectuais dotados de uma formação especial são capazes de trabalho analítico. Na realidade, isso é o que alguns nos querem fazer querer..."

Mesmo sendo verdade, é muito otimismo. É preciso paciência, um conhecimento profundo da história, além de independência e autonomia, para conseguir penetrar no âmago das questões que se colocam na nova ordem internacional, garimpando no lodo da informação, o pouco que importa realmente.

Não é fácil, nem é cómodo, conseguir ver além da cortina de fumaça da globalização que parece impor-se como modelo ahistórico e positivo, sem se visualizar como produto da sujeição de povos, culturas e economias aos interesses imperiais das potências dominantes.

Já não existe mais Guerra Fria, desmoronou o sistema do capitalismo burocrático no Leste Europeu, acabaram "as fórmulas fáceis para justificar as acções criminosas ao nível externo e o entrincheiramento do privilégio e do poder do Estado em casa", os crimes cometidos pelo Ocidente na época anterior (ainda se lembram do colonialismo, ditaduras, Coreia, Vietname?) foram produto "necessário" desse conflito. Agora iniciamos uma nova época, em que a potência imperial – os EUA – diz ditar as regras da justiça, da democracia, da liberdade e da paz, em nome dos interesses dos povos.

Será?

É certo que os donos do Império procuram ainda novos alvos satânicos, para que possamos expurgar nossos ódios: o terrorismo e o narcotráfico. Mas esses são pequenos de mais para catalisar tanta frustração acumulada. E, como sempre, o discurso dominante, raspa o fundo do tacho para impedir que vejamos as marcas da sujeira dos estados, particularmente dos EUA, no terrorismo e no narcotráfico internacional. Chomsky documenta.

Página após página, o livro chama os fatos da história para recordar como se constróem e destroem as Ordens Internacionais, como chegamos a esta Nova Ordem, seus antecedentes coloniais, como se impediu os processos de desenvolvimento local no Sul, como se criaram e se consolidaram as relações de domínio Norte-Sul. Dados da história de África, Ásia e América Latina são apontados um após o outro, mostrando a nudez do rei, que só não vemos devido às cataratas provocadas pela alienação e desinformação primária que se amplia na medida em que cresce a presença da *media* no nosso quotidiano.

A Guerra contra o Iraque ou a paz Israel-OLP aparecem com sua real dimensão, nas páginas escritas por este pesquisador, judeu e pacifista. Uma história de títeres e de belicismo sionista, servindo interesses estratégicos, onde o que menos contam são os povos do Médio Oriente.

Quem tiver fôlego para percorrer todo o livro ficará com a certeza que "a nova Ordem

Mundial, é muito parecida com a velha, com uma nova aparência...as regras básicas permanecem como sempre foram: o governo da lei para os fracos, o governo da força para os fortes, os princípios da racionalidade económica para os fracos, o poder de intervenção do estado para os fortes. Como no passado, privilégio e poder não se submetem voluntariamente ao controle popular ou à disciplina de mercado."

A solução?

Para Noam Chomsky, dentro da sua tradição libertária, só existe uma: "desafiar e desmascarar a autoridade ilegítima e trabalhar com os outros para solapá-la e estender o escopo de liberdade e justiça." Dessa acção, das escolhas que fizermos dependerá se "haverá um mundo no qual uma pessoa decente gostaria de viver".

É este optimismo que Noam Chomsky vem afirmando em seus escritos e conferências, remando contra a corrente dominante da descrença e do cinismo generalizado, remetendo para o cidadão comum, para todos nós, as escolhas. O mundo será o que nós quisermos que seja, não existe força, ordem ou determinismo que o possam impedir. Dizer isto é dizer tudo.

Noam Chomsky. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*, São Paulo: Scritta Editora, 1996.

António Joaquim de Sousa

☆

QUEM FEZ E FAZ AS GUERRAS, SEGUNDO ORWELL

É sempre com prazer que se lê qualquer livro editado pela Antígona, como aconteceu com o que foi publicado pouco antes do Verão com o título *Relembrando a Guerra Civil Espanhola* de George Orwell, traduzido e posfaciado por Júlio Henriques.

Como nos diz o seu tradutor não é, porventura, esta a obra mais importante escrita por Orwell sobre a guerra civil Espanhola, sobretudo, se se retiver a sua *Homenagem à Catalunha*, livro que terá enfrentado enormes dificuldades de publicação pelo facto de "(...) analisar com probidade e factualmente a perversão estalinista em Espanha e as suas cumplicidades internacionais o que tornava o livro inaceitável nos meios bem--pensantes de esquerda, então na órbita do Partido Comunista."(p.91)

Para Júlio Henriques, não constitui qualquer inovação Orwell debruçar-se sobre a Guerra Civil Espanhola, assunto relativamente ao qual tem sempre "(...) a preocupação essencial de desmontar uma mentira temível e avassaladora (...) ocupando aquela temática "(...) um lugar-charneira na obra do autor" ainda que o mesmo se tenha envolvido directamente na guerra durante seis meses. Parece, todavia, ter sido o espaço de tempo necessário e suficiente para se aperceber de duas questões fundamentais e, para o próprio Orwell, vitais:

A primeira foi "(...) a descoberta, na Catalunha, do proletariado revolucionário que tanto ansiava conhecer; é este que o leva a acreditar positivamente no socialismo, que em Espanha vê em actos, embora embrionários, duma grande transcendência. (...) só em Espanha a iluminação do igualitarismo social se lhe apresenta em plena realização (...)";

A segunda é também uma descoberta, porém, de sinal contrário, já que "(...) foi na Catalunha, em pleno combate antifascista, que pela primeira vez viu em acção aquilo a que chamará totalitarismo, na actividade política desenvolvida pelo estalinismo. A mentira organizada e científica, alicerçada na calúnia metódica, é em Espanha que lhe vai saltar aos olhos."

Para além destes e outros aspectos que, no posfácio, Júlio Henriques nos dá a conhecer sobre o autor queria no entanto neste cantinho salientar a pertinência e pedagogia.

George Orwell, *Recordando a Guerra Espanhola*, Antígona, Lisboa, 1997.

Guadalupe Subtil

☆

CIORAN, FILÓSOFO DA NOSSA DECOMPOSIÇÃO

«Somos os últimos: cansados do futuro, e ainda mais de nós mesmos, esprememos o suco da terra e despimos os céus. Nem a matéria, nem o espírito podem seguir alimentando nossos sonhos: este universo está tão seco como nossos corações.»

Cioran

Emile Cioran nasceu em 8 de abril de 1911 na cidade de Rasinari na Roménia. Nos anos vinte estudou letras em Bucareste, licenciando-se em 1932, com uma tese sobre Bergson, passando a professor catedrático de filosofia a partir de 1936. Tendo viajado a Paris em 1937 para preparar uma tese sobre Nietzsche, não mais regressou à Roménia.

Sua opção por Paris e sua aproximação de Nietzsche, marcariam definitivamente sua obra com um pessimismo e melancolia humanista. Da sua Roménia natal e da juventude incendiária, influenciado pelo filósofo anarquista Max Stirner, Cioran guardou uma nostálgica paixão: "a ideia anarquista de aniquilar toda a autoridade é uma das mais belas que já foram concebidas. E nunca se deplorará o bastante que se tenha extinguido a raça dos que quiseram realizá-la.".

O filósofo que assistiu à implosão das esperanças e das utopias provindas do século XIX, vivendo a amarga experiência do nazi-fascismo e da perversão comunista, "a maior crítica que se pode fazer ao seu regime é a de ter arruinado a utopia, princípio de renovação das instituições e dos povos", perdeu toda a esperança. Seu pessimismo sobre a natureza humana fazia-o duvidar de toda a ideologia, do discurso salvador, "quem fala em nome dos outros é sempre um impostor."

Não acreditando no homem, tão pouco poderia acreditar nas instituições, "a injustiça governa o universo. Tudo o que se constrói, tudo o que se desfaz, leva a marca de uma fragilidade imunda, como se a matéria fosse o fruto de um escândalo no seio do nada."

Na candura de seu cinismo, recusava o papel de profeta do pessimismo, de pregador da desesperança: "longe de mim o desejo de perverter tuas esperanças: a vida se encarregará disso. Como todo mundo, irás de decepção em decepção. Com tua idade tive a vantagem de ter gente que me desiludiu e que me fez enrubescer de minhas ilusões; eles me educaram realmente."

Embora acreditando que é a vida que se encarrega de nos arrancar o optimismo arrogante da juventude, Cioran sabia que a maioria dos seres humanos se agarram, como náufragos desesperados à ideia de um futuro, de uma crença, "hoje, como outrora, os espíritos necessitam de uma verdade simples, uma resposta que os livre de suas interrogações, um evangelho, um túmulo."

O medo dos seres humanos se reencontrar consigo mesmos, com a sua solidão, com sua limitada finitude, os faz buscar nas ideologias, nas religiões, nas crenças o prolongamento de um tempo que irremediavelmente se esvai: "Foi suficiente para o príncipe hindu ver um inválido, um velho e um morto para compreender tudo; nós, que também os vemos, não compreendemos nada, pois nada muda em nossa vida."

A partir de seu pessimismo e sua desesperança em qualquer sentido na existência, a história não merece ser levada a sério: "Deve-se levar a História a sério ou assisti-la como espectador?

Ver nela um esforço na direcção de uma meta ou o jogo de uma luz que se aviva e empalidece sem necessidade nem razão? A resposta depende de nosso grau de ilusão sobre o homem, de nossa curiosidade em adivinhar a maneira como se resolverá essa mistura de valsa e de matadouro que compõe e estimula o seu devir."

No seu humor amargo, ironizava a iluminada ideia de descobrir um sentido para a História: "Existe mais honra e rigor nas chamadas "ciências ocultas" que nas filosofias que pretendem dar um sentido à história", "que a História não tenha nenhum sentido, é algo que deveria alegrar-nos."

É ainda uma visão stirneana que reconhece o indivíduo como o Único: "Uma vez que a vida não pode realizar-se a não ser na individualidade – fundamento último da solidão -, cada ser está necessariamente só pelo fato de que é indivíduo."

Seu radical individualismo, sua solidão e pessimismo parecem apontar para a ausência de uma razão para viver, coisa que Cioram recusava. Como ele mesmo escreveu, se não existe uma razão para viver, também não existe para morrer, até porque "o verdadeiro céptico nunca se suicida: porque matar-se é um autêntico ato de fé". Resta então confrontar-se com nossa própria solidão e "apostar em nossos perigos, ampliar a esfera de nossos males e adquirir existência pela divisão do nosso ser."

Mas mesmo do fundo da sua solidão Cioran, não se mantém indiferente ante a realidade, nem abandona a acidez da crítica social: "a sociedade burguesa é, na realidade, a quinta-essência da injustiça.", e "se em algum caso extremo se pode governar sem crimes, é impossível fazê-lo sem injustiças...". "Tentai ser livres: morrereis de fome. A sociedade só os tolera servis e déspotas; é uma prisão sem guardas, mas da qual não escapa ninguém sem perecer. Aonde ir, quando não há lugar para viver além da sociedade, quando já não se possui instintos e quando não se é tão audacioso para mendigar, nem tão equilibrado para entregar-se à sabedoria?"

O reconhecimento que Cioran tem das sociedade liberais como as mais suportáveis, resulta da sua crença de que uma sociedade que não crê em nada – ou só crê no dinheiro, que nada mais é que a encarnação do nada – permite o desenvolvimento dum maior espaço para a liberdade.

Contudo, "a longo prazo, a vida sem utopia se torna irrespirável", é por isso que ressurge ciclicamente o desejo da mudança: "uma mudança total, mesmo que inútil, uma revolução sem fé é tudo o que ainda se pode esperar de uma época em que já ninguém tem o suficiente candor para ser um verdadeiro revolucionário." Nas entrelinhas do cepticismo e pessimismo de Cioran restos duma esperança não totalmente sufocada.

Em 1995, modestamente, morreu em Paris, a cidade que amou, o filósofo de uma sociedade em decomposição. Viveu o século da esperança e da desesperança, sua vida e sua obra acompanharam uma sociedade que perdeu o sentido da utopia e a crença na realização dos valores humanistas que o optimismo iluminista tinha colocado no centro da cultura ocidental. Quase paralelamente à sua morte, soube-se que o velho e solitário filósofo tinha estado sob vigilância dos serviços secretos socialistas nos últimos anos de sua vida... O Poder confirmava assim a sua eterna desconfiança dos cépticos e dos heréticos.

De Cioran podemos dizer o que ele mesmo disse de outros pensadores: "Frente a pensadores desprovidos de patético, de carácter e de intensidade, e que se moldam sobre as formas de seu tempo, erguem-se outros nos quais se sente que, em qualquer momento que houvessem aparecido, teriam sido semelhantes a si mesmos, despreocupados de sua época, extraindo seus pensamentos de seu próprio fundo, da eternidade específica de suas taras."

O que se pode ler:

Breviário de Decomposição. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
História e Utopia. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
139 Fragmentos de Cioran. Brasília: Novos Tempos, 1986.
História e Utopia, Venda Nova: Bertrand, 1994.
A Tentação de Existir, Lisboa: Relógio d' Água, 1988.

António Joaquim de Sousa

Publicações Recebidas

ABC ambiente
Ano 2, n.º 8, Julho/1997
Do Sumário: Balanço ambiental; Conservação da natureza - extermínio animal; Contingente europeu: a agonia de uma floresta; Concelho de Torres Vedras: autárquicas e ambiente; Resíduos sólidos urbanos: pilhas e mais pilhas. (Rua do Salitre 139, sala 38, 1250 Lisboa, Portugal)

Albor
Periódico Anarquista, n.º 21, Setembro 1997
Do Sumário: Editorial; Sanfermines en Vitoria; La contaminación que no cesa; Servicio de librería. (Albor, Apartado 1687, 01080 Vitoria, Espanha)

al margen
Porta voz del ateneo libertário, Ano VI, n.º 22, Verano 1997.
Do Sumário: Asesinos natos; Aviso a la población contra el crimen y la inseguridad; La función sentimental (II); Camilo Berneri, autoridad y libertad; La conquista social; Marcha europea contra el paro; Poesía; De: banco de ideas; La controversia. (C/Baja, 8 - 1º, 46003 Valencia, Espanha)

Acontecimiento
Revista de Pensamiento Personalista y Comunitario, Ano XIII, n.º 41, Invierno 1997
Do Sumário: Política et Economia; Educación; Pensamiento; Religión; Filosofia para um tiempo de crisis. (Instituto Emmanuel Mounier, Melila, 10-8º D, 28005 Madrid, Espanha)

A Ideia
Publicação fundada em 1974, periocidade anual, 1997
Do Sumário: Jogos feitos; Registo. (Apartado 140, 2490 Ourém, Portugal)

Bicel
Boletin Interno del Centro Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, n.º 6, Abril 1997
Do Sumário: Donación de fotografias de la Guerra Civil española, "Fototeca José Cabañas"; Novedades - Más sobre Durruti: álbum de fotografías; La formación sindical impartida por centrales representativas en España (1976-1992); La gran estafa: Negrín; Prieto y el patrimonio español, Francisco Olaya; Viviendo mi vida, Emma Goldman; Breves. (Paseo de Alberto Palacios, n.º 2, 28021 Madrid, Espanha)

Boletim de Informação Anarquista
Edição do Centro de Cultura Libertária, Julho/Agosto de 1997
Do Sumário: Comunicado do grupo redactorial do BIA; Novo Fôlego anarquista...novo ateneu libertário de Leiria; Aumenta a repressão ao movimento okupa no Estado espanhol; Mais umas jornadas de okupação; Manifestação contra a Zoo de Lisboa; Debates e manif. anarquista no 1 de Maio em Lisboa; Anarquismo e organização. (Apartado 40, 2801 Almada, Portugal)

CIRA (Centre International de Recherches sur l'Anarchisme)
Bulletin n.º53, Mars 1997
Do Sumário: Périodiques en langue française et en langues espagnoles; Lista 53. (CIRA - Avenue de Beaumont 24, CH-1012 Lausanne, Suisse)

Barrikada
Periódico Libertario; Ano 2, n.º 8, 16 de Abril de 1997
Do Sumário: Ante la globalización de la injusticia: Resistir!; Conflicto Gaseba - ninguna victoria: derrota y traición1; "No me liberem, yo me basto para eso"; Cronologia de Verano; MRTA - la vida por la vida; Albania. (Barrikada, Casilla de Correo 6730, Montevideo, Uruguay)

Black Flag
For Anarchist Resistance, n.º 210, 1996
Do Sumário: Chomsky: democracy and neoliberal economics; Albania: a people without government; IWA/CNT/FAI: past/present/future. (Black Flag, BM Hurricane, London WC1N 3XX, England)

Cadernos Insurreição
N.º11, 1997
Do Sumário: A legitimação da desigualdade; México - breve resenha histórica; Comprar é ganhar!; Ridículo, não era?; O QI é o racismo científico; O professor; Qual a questão mais premente da luta revolucionária do fim século? (Apartado 4013, 4001 Porto codex, Portugal)

Contra-Ponto
Um selecção de artigos da imprensa revolucionária europeia, n.º 3 Julho, 1997
Do Sumário: Albânia; Rossoperaio; Crimes de guerra; Novas tecnologias e trabalho assalariado; Pesrpectivas; Nacionalismo, Documentação; Leituras. (Edições Dinossauro, Apartado 1483, 1013 Lisboa codex, Portugal)

Desalambrar
Publicación Periódica, Ano 3, n.º 7, 1997
Do Sumário: El terrorismo de Estado en acción; Discurso, violencia y poder; Dinastia y ditadura de los Sapag; El hambre no es revolucionario; Anarkistas y Punks; Movimiento ficticio y movimiento real; Feminismo autónomo - feminismo libertario; Biblioteca Popular "José Ingenieros"; Guernica 37/38. (Casilla de Correo n.º 18, 1871 Buenos Aires, Argentina)

Diógenes
Revista de Difusión Cultural y Comunicación, N.º 8/9, Dezembro 1996
Do Sumário: Dossier: Violencia; Contextos y proporciones; La identidad como exclusión; La violencia en la formación del Estado nacional; El intelectual, la política y los medios de comunicación; El mercado: dos lecturas. (Cnel. Rodriguez 482, Cdad (5500) Mendoza, Argentina)

El Acratador
Boletim de Comunición Antagonista, n.º 57, Maio 1997
Do Sumário: Acratorial; Fascistas Asesinos; Zaragoza; Solidaridad con el M.R.T.A.; Internacional; Ecologia; Desalojo de la Guindalera; Okupación; Breves. (Ateneo Libertario; Apdo. 3141, 50080 Zaragoza, Espanha)

El Libertario
Organo de la Federación Libertaria Argentina, Ano 12, n.º 37, Abril/Maio 1997
Do Sumário: No a la globalización finaciera, si a la globalización de la dignidad; Patria contratista versus modelo neoliberal?; "Anarquismo y creación"; Hacia dónde va la economia? (XIV); Noticias y actividades libertarias; Respuestas a una encuesta del Ateneo Libertario Eliseo Reclus. (C/ Brasil 1551 (1154) Buenos Aires, Argentina)

Etcétera
Correspondencia de la guerra social, n.º 29, Maio1997
Do Sumário: Critica de la política, incitación a un debate; La segunda oportunidad de los

verdes alemanes; Mayo 37 - Mayo 97: un "incontrolado" de la Columna de Hierro; Correspondencia; Hemos recibido... (Editorial Etcétera, Aparatado Correos 1.363, 08080 Barcelona, Espanha)

Facção Libertária
Aperiódico Anarquista, n.º 6, Janeiro/97
Do Sumário:Centro de Cultura Social; Ação Direta; Neoliberalismo; A ciência e o Estado: palavras à juventude; Inspiração divina; Mais que uma palavra. (Fabrício: Rua Baturité, 391, Parque Jaçatuba, 09291-170 Santa André - SP, Brasil)

Hilo Negro
Boletin Informativo del Sindicato Unico CGT de Burgos, n.º 12, Fevereiro 1997
Do Sumário: Empresas y sector público: Es el momento de actuar- ni privatización ni desmantelamiento; Un poco de Historia: Proudhon, Joseph (1809-1865) II; Cumplimos 1 ano; Despido en Incosa (Burgos), nuevo abuso empresarial; Agenda. (Hilo Negro, C/ Hospital de los Ciegos, 5 - Bajo, 09003 Burgos, Espanha)

Jornal Universitário do Porto
N.º 3, Ano 11, Julho 97
Do Sumário: JUP em festa; "Deixem os skinheads em paz"; Crise em Belas Artes; O direito da U.P. e o direito de nascer; Há fogo e fogo; Tempo de resistir; Museu nacional da imprensa; Fitei: duas décadas de teatro; I have a dream. (Rua Miguel Bombarda, 187-R/c, 4000 Porto, Portugal)

La Campana
Semanario de información y pensamiento anarquista, n.º 38, 1997
Do Sumário: Arrojados al foso de Maastricht; Días fríos, sangre caliente; Crónicas de conflictos anunciados; Proclama filibustera antimonacal. (Apartado 97, 36080 Pontevedra, Espanha)

Le Monde Libertaire
Hebdomadaire de la Fédération Anarchiste, 9 -15 Octobre 1997
Do Sumário: Conférence du 10 octobre: Un sommet de régression sociale; La Révolution russe: un enjeu politique; C' est le plan Juppé qui continue!; Le devenir de la communication; Un capitalisme libéral et blindé; Les nouveaux visages de l'État; Théatre - Makhno, Une histoire des paysans insurgés d'Ukraine; Agenda. (Le Monde Libertaire, 145, Rue Amelot, 75011 Paris, France)

Libera
Informativo do Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres, Ano 7, n.º 70, Março/97
Do Sumário: Contra o sectarismo; Anarquismo organizado: resoluções do encontro latino-americano; Rússia 1917: Revolução ou revoluções na revolução?; Noticias libertárias; Anarquistas contra o racismo. (Caixa Postal 14576 - CEP 22412-970 Rio de Janeiro-RJ, Brasil)

Inquietação
Boletim libertário, n.º 7, Abril 1997
Do Sumário: A queda do capitalismo de Estado; Os doze trabalhos dos revolucionários; A classe operária; Os mártires do 1º de maio; Deserção. (Colectivo Inquietação, Apartado 460, 4400 V.N.Gaia, Portugal)

La Otra Bolsa de Valores
Papalotl, volume1, 1997
Do Sumário: Vida digna y sostenible; De que globalización se trata?; Organizaciones del pasado o modelos de integración social?; Pueblos ante los abismos de la globalización; La verdad acerca del dinero; Por una economia em manos de la gente; Documentos "a la carta". (Promoción del Desarrollo Popular, Tlaloc 40-3, Col. Tlaxpana, CP 11370, México D.F., México)

Livre Expressão
Boletim Informativo da Frente Socialista Libertária, ano 1, n.º 0, Julho 1997.
Do Sumário: Método de ação; Preconceito: fruto da ignorância; Federalismo anarquista. (Caixa Postal 333, CEP 09701-970 S.B.C. - SP, Brasil)

Ópio
Associação de Estudantes da Faculdade Letras de Lisboa, n.º4, 1997
Do Sumário: Desmanifestaum; Nova Monarquia; Os labirintos do cinema potuguês; Música; Disciplina e improviso da arte; As câmaras de um lagarto; ZZZ; Cartoom. (Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, Alam. da Universidade, 1600 Lisboa, Portugal)

Opción Libertaria
Grupo de Estudios y Acción Libertaria, n.º 27, Junho 1997
Do Sumário: Experimentar para el futuro; Autonomía y federalismo; Carácter ético del anarquismo; História del anarquismo uruguayo; Alternativas económicas al neoliberalismo; Por la enseñanza pública agredida; Acto anarquista en Plaza Libertad. (Luce Fabbri, Casilla de Correos 141, CP 11000 Montevideo; Uruguay)

Polémica
Información, Crítica, Pensamiento; Ano XIV, Junho1997
Do Sumário: Panorama mundial: Perspectivas y esperanzas; Ucrania, impressiones de um viaje; Las huelgas en Euskadi ya no son lo que eran; Desobediencia civil, Hablamos con Jesús Lizano; 1978, el caso Scala y el anarcosindicalismo;Volin y la Revolución Rusa; Noticias y Convocattorias. (Polémica, Apartado Correos 21005, 08080 Barcelona, Espanha)

Política Operária
Revista comunista, Ano XII, n.º 60, Maio/ Junho 1997
Do Sumário: A luta da Grundig; Cuba em transição; Fátima, Papa e aparições; Elementos para a história do PCP e da resistência antifascista; acerca do imperialismo e do socialismo. (Política Operária, Apartado 1682, 1016 Lisboa Codex, Portugal)

Rios Vivos
Boletim de Comunicação, n.º 2, Março 1997
Do Sumário: O qué é la coalizão Rios Vivos?; Hidrovia: riscos e impactos; Desenvolvimento para quem?; Os estudos amplos esperados; Os impactos ambientais da hidrovia; Reunião de participação pública em Campo Grande. (Instituto Centro de Vida, Rua 32, n.º 208, Boa Esperança, CEP 78068-360 Cuiabá, MT, Brasil)

Singularidades
... modos de ser inconformista, Ano IV, n.º 9, Maio/97
Do Sumário: Tráfego; Poesia e fotografia de Frank-Birger Herzer; Marina à boleia; Vitória Anarquista; Comunas de Alemanha. (Singularidades, Apartado 13117, 1000 Lisboa codex)

Slingshot
Berkeley, Number 58, Summer 1997
Do Sumário: Squatters confront SF housing crisis; Farmworkers gain strength: 30,000 march for strawberry workers; Headwaters forest still stands; Terraform the Bay bridge; In The United Sates let 1000 micro transmitters bloom and around the world; Bart and the future of public transit. (Singshot Newsupaper, 3214 Shattuck Avenue, Berkeley, CA 94705, USA)

Tambor
Modus Operandi na Sociedade Contemporânea, n.º1, 1997
Do Sumário: Mulher e cristianismo; O cristianismo para Nietzche; O anarquismo nas atitudes para as crianças; O impacto na vida dos Tupinikim e Guarani; Tensão Pre-Milenar; O movimento anarquista sobre o salazarismo; Poesia. (Joaquim, Apartado 25, 4575 Paredes, Portugal)

Tierra Amiga
La revista ecologista del Cono Sur, n.º 51/52, Dezembro 1996
Do sumário: Contaminación; Trabajo; Zona de riesgo; debate; secciones. (Avenida Millán 4113, 12900 Montevideo, Uruguay)

Tesão - Prazer e Anarquia
Soma - Uma Terapia Anarquista, n.º6, Junho/1997
Do Sumário: Rebeldes e apaixonados; Reich: génio ou louco?; 100 anos de Reich; A capoeira-mãe de João Pequeno; El Che; Pedagogia Libertária; Sem fim; Sujeito a Guincho; Trapos; Cartas; Programe-se. (Caixa Postal 70510, CEP 05013-990, Brasil)

The Poor, The Bad and The Angry
A magazine for power-hungry proletarians, 1997
Do Sumário: A brief introduction; Some recent actions; We've talker; Some ideas on fighting Muni's attacks on employees and riders; Refuse to pay; Gloria - la riva for sheriff of San Francisco; Bart crimes; The macedonian question and the war in former Yugoslavia in historical perspective; The question of consciousness. (PO Box 3305, Oakland, CA 94609, USA)

Umanità Nova
Settimanale Anarchico, Ano 77, n.º 28, 5 de Outubro de 1997
Do Sumário: Finanziaria e dintorni; Una campagna criminalizzazione nei confronti degli anarchici triestini; Moratoria Subito; Voglia di differenza; Morire per Maastricht?; Trieste: Intimidazione di polizia e magistratura contra giovani anarchici. (Umanità Nova, c/o G.C.A. Pinelli, via Roma 48 - 87019 Spezzano Albanese (CS), Italia)

Vermelho e Negro
Boletim Informativo do Núcleo Vermelho e Negro da OSL/SP, n.º 6, Agosto 1997
Do Sumário: Lutar para organizar, organizar para lutar: a fundação da Organização Socialista Libertária - OSL; Programa estratégico: uma necessidade histórica. (Caixa Postal 11358, CEP 05422-970 São Paulo-SP, Brasil)

Livros e outras obras

PARISSY, M., *A pele de parede*, Ed. non nova sed nove, Nazaré, 1997)

EMÍLIO-NELSON, José, *Sodoma sacrílega e poesia vária*, Gota de Água, Porto, 1995)

ASSINATURAS

Entre as várias hipóteses de construção de uma solidariedade à volta deste projecto, necessitamos de aumentar o número de assinantes da revista Utopia. Com um número significativo de assinaturas é possível manter uma actividade editorial regular e simultaneamente encurtar o horizonte temporal da sua periodicidade. Assim sendo, todo o leitor que se queira tornar cúmplice deste projecto, como assinante da revista Utopia, deve preencher o cupão abaixo (ou escrever uma carta com os dados mencionados) e enviá-lo para a nossa morada.

Nome ____________________

Morada ____________________

____

Assinatura anual (2 números) Portugal 1500$ ☐

Estrangeiro 2000$ ☐

Pagamentos através de dinheiro, cheque ou vale postal à ordem de «Associação Cultural A Vida»
Apartado 2537 · 1113 Lisboa codex · Portugal

PRINCÍPIOS EDITORIAIS

UTOPIA define-se como revista anarquista de cultura e intervenção, o que significa a reivindicação do património histórico das ideias libertárias e do movimento anarquista, ainda que à luz de um pensamento próprio, activo e actual, e no respeito face a outras interpretações desse património.

Ao definir-se como de cultura e intervenção, UTOPIA pretende-se como um espaço de tolerância, diálogo e criação, procurando contribuir para o aperfeiçoamento dos homens e para o alargamento das suas possibilidades de expressão e de invenção.

Ao definir-se como de intervenção, UTOPIA pretende-se como um espaço de análise e debate dos fenómenos sociais e políticos das sociedades contemporâneas, procurando contribuir para a emancipação e a liberdade dos indivíduos e dos grupos sujeitos a quaisquer situações de opressão, repressão e intolerância, assim como procurará opor-se aos sistemas e mecanismos conducentes a manter situações de constrangimento e desvantagem social e económica de indivíduos e grupos em relação a outros, e ao Estado, entendido como um poder a que todos os homens devem obedecer mesmo que em desacordo com ele. Nesta intervenção, UTOPIA será a expressão de lucidez e de revolta, assumindo plenamente o carácter utópico das tarefas a que se propõe.

UTOPIA guiará a sua acção por uma ética de honestidade, frontalidade, solidariedade e tolerância, que se procura expressar nestes princípios editoriais e que levará à prática em cada edição e em quaisquer actividades que venha a desenvolver.

As colaborações não solicitadas são desejadas, embora sujeitas à apreciação do colectivo editorial. Qualquer colaboração não publicada será devolvida ao autor, com a justificação dessa decisão.
O colectivo editorial compromete-se a abrir rubricas de debate quando tal for considerado enriquecedor e esclarecedor para os leitores e para os princípios aqui defendidos, sendo os autores previamente informados dessa intenção.

A indicação de um proprietário e de um director da revista deve-se a exigências legais, sendo desejada a rotatividade da direcção entre todos os que fazem UTOPIA.
A responsabilidade dos textos assinados é dos seus autores e a responsabilidade pelo projecto é de todo o colectivo editorial.